

**Ana Cláudia Sierra Marques**

**O SER DOCENTE E O TEMPO:  
RELAÇÃO ENTRE O TEMPO DE DOCÊNCIA E OS PROCESSOS DE  
PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DO PROFESSOR DA  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SANTOS**

Dissertação para o Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde, modalidade profissional, do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional.

Santos  
2017

**Ana Cláudia Sierra Marques**

**O SER DOCENTE E O TEMPO:  
RELAÇÃO ENTRE O TEMPO DE DOCÊNCIA E OS PROCESSOS DE  
PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DO PROFESSOR DA  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SANTOS**

Dissertação para o Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde, modalidade profissional, do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional.

**Orientadora:**

Profª Dra. Laura Câmara Lima

Santos

2017

M357s

Marques, Ana Cláudia Sierra, 1968-

O SER DOCENTE E O TEMPO: relação entre o tempo de docência e os processos de prazer e sofrimento no trabalho do professor da Secretaria Municipal de Educação de Santos. Ana Cláudia Sierra Marques; Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Câmara Lima. – Santos, 2017.

xiii, 125 f. : il. color.; 30 cm.

Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de São Paulo - campus Baixada Santista, Curso de Mestrado Ensino em Ciências da Saúde, 2017.

1. Estresse. 2. Saúde do trabalhador. 3. Educação permanente. 4. Docente. 5. Carreira. I. Lima, Laura Câmara, Orientador. II. Título.

CDD 610.7

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
CAMPUS BAIXADA SANTISTA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO EM CIÊNCIAS DA  
SAÚDE**

**Chefe do departamento: Profª Dra. Stefanis Silveira Caiaffo**

**Coordenador do curso de pós-graduação: Profª Dra. Rosana Rossit**

**Ana Cláudia Sierra Marques**

**O SER DOCENTE E O TEMPO:  
RELAÇÃO ENTRE O TEMPO DE DOCÊNCIA E OS PROCESSOS DE  
PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DO PROFESSOR DA  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SANTOS**

Dissertação para o Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde, modalidade profissional, do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional.

---

Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Câmara Lima – UNIFESP (Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Paparelli – PUC/SP (Banca Examinadora)

---

Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marina Tucunduva Bittencourt Porto Vieira – UNISANTOS (Banca Examinadora)

---

Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Ferreira Queiroz – UNIFESP (Banca Examinadora)

Santos, 09 de agosto de 2017

## Dedicatória

*Este trabalho é dedicado à minha família, sempre ao meu lado, e a todos os caríssimos colegas e amigos professores, imensamente comprometidos com seus fazeres, que contribuíram com a minha pesquisa, e que sobretudo colaboram, dia a dia, na construção do meu ser docente.*

## Agradecimentos

Aos meus mestres da vida, Ana e Carlito, meus amados pais, a quem devo tudo. E a Deus.

Ao meu amado marido Mauro Hector, companheiro de todos os dias, horas, minutos, que ao meu lado, fortaleceu-me com seu infinito amor, paciência, sabedoria e leveza de sua arte.

À minha querida e especial orientadora, Prof<sup>a</sup> Dra. Laura Câmara, doce e firme, conduziu-me de forma leve e generosa, sempre responsável, guiou-me pelos caminhos da pesquisa e chegou comigo até aqui, de mãos dadas. Estará para sempre em meu coração.

Às Professoras Maria de Fátima, Renata e Marina, por estarem comigo nessa caminhada.

Ao Estatístico Felipe Granado de Souza, por toda atenção dispensada.

À minha sogra Rosita sempre com uma palavra de carinho e apoio na hora certa.

Ao meu sogro Hector, pelo apoio, carinho e trocas, sempre sábias.

Às minhas irmãs, Valéria e Denize, amadas e companheiras de uma vida.

À amiga irmã Paulina, sábia em suas batalhas, doce em suas palavras diárias.

À toda minha família, incluindo meu fiel pequeno companheiro Pepeu, que completa um núcleo cheio de amor e acolhida. À amiga comadre Cristiane Dantas e sua família, exemplo de carinho, amor, paciência e dedicação.

À amiga Naira Rodrigues, especial e inspiradora presença em minha vida que me fez enxergar um caminho possível neste estudo, incentivando-me e minha amiga Simone pelo apoio.

Aos queridos, e inseqüecíveis amigos da turma MP 2015, com quem aprendi e construí laços que levarei por toda a vida. Às amigas Flávia, Ana e Amanda, sabidas, levo vocês comigo.

À guerreira amiga Niara, exemplo de fortaleza e amor à vida, sempre me inspirando com suas sábias, bem-humoradas e amorosas palavras.

À Dra. Gisela Monteiro e Dr. Márcio Mazucato, que me acompanharam e me ajudaram a manter a firmeza e o equilíbrio para chegar até aqui.

À todas as minhas amigas, companheiras, professoras de uma vida docente, sempre por perto, mãos e ouvidos atentos, braços abertos, ensinando tudo sobre compromisso e amor à docência, minha gratidão à todas vocês, em especial à Kátia, Fabiana, Zade, Liliane, Chris, Hilda, Gisele P, Tatiana, Camila, Lygia, Gláucia e todos os meus companheiros professores, com quem tive a honra de trabalhar nos últimos 12 anos. À Secretaria de Educação de Santos por conceder-me a oportunidade de realizar esta pesquisa, à Seção de Formação, sempre acolhedora e aos gestores das escolas que aceitaram o convite. Aos professores que generosamente participaram desta pesquisa, com respeito e paciência. Aos Professores e gestores da Unidade Municipal de Educação Antônio Demóstenes Britto. A todos os brilhantes professores e gestores da Unidade Municipal de Educação Ayrton Senna pela especial cooperação, respeito, paciência e carinho comigo e com meu trabalho. Todos vocês são a razão dele.

## Epígrafe

*“Não te deixes destruir...  
Ajuntando novas pedras  
e construindo novos poemas.  
Recria tua vida, sempre, sempre.  
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.  
Recomeça.  
Faz de tua vida mesquinha  
um poema.  
E viverás no coração dos jovens  
e na memória das gerações que hão de vir.  
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.  
Toma a tua parte.  
Vem a estas páginas  
e não entres seu uso  
aos que têm sede.”*

**Cora Coralina**  
**(trecho 'Aninha e Suas Pedras')**

## Sumário

Dedicatória.....	v
Agradecimentos.....	vi
Lista de Figuras.....	ix
Lista de Tabelas.....	x
Lista de Siglas.....	xi
Resumo.....	xii
Abstract.....	xiii
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Apresentação.....	1
1.2. Pressupostos teóricos.....	6
1.3. A carreira docente no contexto escolar, e sua relação com o mundo do trabalho.....	17
2. OBJETIVOS.....	41
2.1. Objetivo geral.....	41
2.2. Objetivos específicos.....	41
3. MÉTODO DE PESQUISA.....	42
3.1. Considerações ao método .....	42
3.2. Caracterização da amostra.....	43
3.3. Construção do instrumento de coleta de dados.....	46
3.4. Coleta de dados.....	48
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	50
4.1. Exercício da carreira docente: uma questão de tempo ou uma questão de prazer e sofrimento.....	52
4.2. Carreira docente, uma questão de vocação.....	67
4.3. O jogo das palavras .....	72
4.4. A representatividade dos homens na amostra.....	87
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
6. REFERÊNCIAS.....	93
Anexos	
Apêndice	

## Lista de Figuras

Figura 1. Tripalium.....	24
Figura 2. Mapa de distribuição da amostra no município de Santos.....	45
Figura 3. Percurso temático das fases da carreira do professor .....	58
Figura 4. Perfis médios das variáveis “Fatores que considera contribuir para o prazer e satisfação do professor” e “Fatores que considera contribuir para o adoecimento e sofrimento do professor” .....	62
Figura 5. Conjunto de Distribuição da variável Motivos que fizeram escolher a carreira docente (Mulheres) .....	68
Figura 6. Relação do tempo de carreira entre 1 e 10 anos e as 3 palavras da questão 6. (n=79).....	73
Figura 7. Relação do tempo de carreira entre 11 e 30 anos e as 3 palavras da questão 6. (n=27).....	73
Figura 8. Relação do tempo de carreira entre 1 e 10 anos e a palavra da questão 21. (n=79).....	78
Figura 9. Relação do tempo de carreira entre 11 e 30 anos e a palavra da questão 21. (n=27).....	78
Figura 10. Q.6 X Grau de prazer entre 1 e 4 (Total de sujeitos=12).....	82
Figura 11. Q.6 X Grau de sofrimento entre 1 e 4 (Total de sujeitos=48).....	82
Figura 12. Q.6 X Grau de prazer entre 5 e 7 (Total de sujeitos=43).....	82
Figura 13. Q.6 X Grau de sofrimento entre 5 e 7 (Total de sujeitos=46).....	82
Figura 14. Q.6 X Grau de prazer entre 8 e 10 (Total de sujeitos=51).....	82
Figura 15. Q.6 X Grau de sofrimento entre 8 e 10 (Total de sujeitos=12).....	82
Figura 16. Q.21 X Grau de prazer entre 1 e 4 (Total de sujeitos=12).....	84
Figura 17. Q.21 X Grau de sofrimento entre 1 e 4 (Total de sujeitos=48).....	84
Figura 18. Q.21 X Grau de prazer entre 5 e 7 (Total de sujeitos=43).....	84
Figura 19. Q.21 X Grau de sofrimento entre 5 e 7 (Total de sujeitos=46).....	84
Figura 20. Q.21 X Grau de prazer entre 8 e 10 (Total de sujeitos=51).....	84
Figura 21. Q.21 X Grau de sofrimento entre 8 e 10 (Total de sujeitos=12).....	84
Figura 22. Distribuição da variável Motivos que fizeram escolher a carreira docente (Homens).....	89

## Lista de Tabelas

Tabela 1. Distribuição da amostra no município de Santos .....	45
Tabela 2. Medidas descritivas das variáveis: Idade, Tempo de experiência docente, Tempo de carreira na PMS/SEDUC Santos, Por quanto tempo se afastou, Grau de sofrimento/frustração e Grau de prazer/satisfação.....	53
Tabela 3. Total de sujeitos para cada extrato do grau de sofrimento e prazer.....	54
Tabela 4. Dados de Tempo de Carreira (Q.5) X Grau de sofrimento/prazer (Q.28 e Q.29) com 2 extratos.....	55
Tabela 5. Total de professores a partir dos dados tempo de carreira (de acordo com a Figura 1) e fases.....	59
Tabela 6. Distribuição da variável “Importância dos fatores que considera contribuir para o prazer e satisfação do professor” .....	64
Tabela 7. Distribuição da variável “Importância dos fatores que considera contribuir para o adoecimento ou sofrimento do professor” .....	64
Tabela 8. Ranking das palavras relacionadas ao tempo de carreira.....	75
Tabela 9. Medidas descritivas das variáveis: Idade, Tempo de experiência docente, Tempo de carreira na PMS/SEDUC Santos, Por quanto tempo se afastou, Grau de sofrimento/frustração e Grau de prazer/satisfação. (Homens) .....	88

## **Lista de Siglas**

MEC – Ministério da Educação

PAD I – Professor Adjunto de Ensino Fundamental I

PDT – Psicodinâmica do Trabalho

PEB I – Professor de Ensino Fundamental I

PMS – Prefeitura Municipal de Santos

SEDUC – Secretaria Municipal de Educação de Santos

SMRT – Saúde Mental Relacionada ao Trabalho

UME – Unidade Municipal de Educação

## Resumo

O principal ambiente da prática docente é a escola, local onde é construído este estudo. Os estudos investigam a relação entre o tempo de carreira e os processos de sofrimentos e prazer dos professores, além de uma certa análise do estresse ocupacional gerado, adentrando aos aspectos relacionados à organização do trabalho e à carreira docente. Dialogando com a riqueza do campo da Saúde Mental Relacionada ao Trabalho, a pesquisa é fundamentada pelo quadro conceitual da Teoria do Estresse e do Burnout, mas inclui a proposição de constructos criados a partir dos conceitos de prazer e de sofrimento, extraídos da teoria psicodinâmica do trabalho. O objetivo desta pesquisa é encontrar fundamentos para a construção de ação/reflexão em favor do exercício profissional, além de tratar do ser docente, diante das exigências da organização do trabalho, das experiências vividas durante a carreira, e das relações desses fatores com as percepções de estresse, sofrimento e prazer no trabalho expressas pelos sujeitos. Trata-se de estudo de campo, descritivo, transversal, articulando métodos quantitativos e compreensivo-interpretativos. O procedimento foi a solicitação direta de informações a professores da Secretaria de Educação de Santos, em atividade docente, acerca da hipótese, que afirmava, quanto maior o tempo de carreira, tanto maior o sofrimento e o estresse. A coleta de dados se deu com um questionário autoaplicado, criado para esse fim, contendo 32 questões diretas, sendo 24 de múltipla escolha e 8 abertas. Os temas tratados são relativos à principal variável, tempo de carreira docente, bem como o reconhecimento, valorização, prazer e sofrimento no trabalho. Em duas questões foi utilizada a técnica de associação livre de palavras, diferencial do instrumento pois coloca o sujeito numa reflexão mais subjetiva no contato com os motivos e sentimentos em relação à sua profissão. A amostra não probalística foi composta de 115 professores que aceitaram convite para participar do estudo, após aprovação da Secretaria de Educação de Santos. Os dados foram analisados a partir de frequências relativas e análises inferenciais. O grau de sofrimento e de prazer foram medidos numa escala de 0 a 10, e apresentaram médias complementares: 4,42 para o grau de sofrimento e 6,76 para o grau de prazer. Outro dado a destacar são as palavras expressas pelos sujeitos, onde *dedicação*, *compromisso*, *realização*, *vocação*, *amor*, *cansaço*, que formaram as nuvens de palavras, recurso analisador das frequências. O produto final, foi concebido e criado, a partir dos resultados, com caráter lúdico. Trata-se de um jogo, que possa ser utilizado com os professores, de forma itinerante nos espaços de educação permanente, viabilizando o trabalho com as questões levantadas nessa investigação sobre a carreira docente. Busca trazer leveza ao trabalho, mesmo tratando das vivências associadas ao tempo de carreira e às experiências de prazer e sofrimento no trabalho. Essa iniciativa objetiva contribuir para o bem-estar dos professores e para que o município possa tornar-se uma referência no tratamento do tema.

**Palavras-chave:** estresse - saúde do trabalhador – educação permanente – docente – carreira

## **Abstract**

The main environment of the teaching practice is the school, where this study is built. The studies investigate the relation between the career time and the processes of sufferings and pleasure of the teachers, besides a certain analysis of the occupational stress generated, going into the aspects related to the work organization and the teaching career. Working with the richness of the field of Work - related Mental Health, the research is based on the conceptual framework of Stress Theory and Burnout, but includes the proposition of constructs created from the concepts of pleasure and suffering, extracted from the psychodynamic theory of job. The aim of this research is to find grounds for the construction of action / reflection in favor of the professional exercise, as well as to deal with the teaching being, in face of the demands of the work organization, the experiences lived during the career, and the relations of these factors with the perceptions Of stress, suffering and pleasure at work expressed by the subjects. It is a field study, descriptive, transversal, articulating quantitative and comprehensive-interpretative methods. The procedure was the direct request of information to teachers of the Department of Education of Santos, in teaching activity, about the hypothesis, which affirmed, the longer the career time, the greater the suffering and the stress. The data collection was done with a self-administered questionnaire, created for this purpose, containing 32 direct questions, 24 of which were multiple choice and 8 were open. The topics discussed are related to the main variable, teaching career time, as well as recognition, appreciation, pleasure and suffering at work. In two questions, the technique of free association of words, differential of the instrument was used because it places the subject in a more subjective reflection in the contact with the motives and feelings in relation to his profession. The non-probabilistic sample consisted of 115 teachers who accepted an invitation to participate in the study, after approval of the Education Department of Santos. Data were analyzed from relative frequencies and inferential analyzes. The degree of suffering and pleasure were measured on a scale of 0 to 10, and presented complementary means: 4.42 for the degree of suffering and 6.76 for the degree of pleasure. Another highlight is the words expressed by the subjects, where dedication, commitment, fulfillment, vocation, love, fatigue, which formed the clouds of words, an analyzer of frequencies. The final product, was conceived and created, from the results, with a playful character. It is a game that can be used with the teachers, in a itinerant way in the spaces of permanent education, enabling the work with the questions raised in this research on the teaching career. It seeks to bring lightness to work, even dealing with the experiences associated with career time and the experiences of pleasure and suffering at work. This initiative aims to contribute to the well-being of teachers and so that the municipality can become a reference in the treatment of the theme.

**Keywords: occupational stress - worker's health - permanent education – teacher - career**

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Apresentação

*“Nunca se pode saber de antemão de que são capazes as pessoas, é preciso esperar, dar tempo ao tempo, o tempo é que manda, o tempo é o parceiro que está a jogar do outro lado da mesa, e que tem na mão todas as cartas do baralho, a nós compete-nos inventar os encartes com a vida.”*

*José Saramago*

O principal ambiente da prática docente é a escola, local onde trabalho, convivo e, ao longo do tempo, construo meu olhar inquieto com situações ligadas ao sofrimento no trabalho que atinge os professores. Há mais de 12 anos sou professora da Secretaria de Educação da Prefeitura de Santos. Ao longo desse tempo experimentei inúmeros desafios e conquistei diversos saberes e sabores dessa carreira. Ocupei o cargo de Professora de Educação Básica Adjunta (PAD I), estive no quadro de formadores da Secretaria de Educação no Departamento Pedagógico por quase três anos, atuei como Coordenadora Pedagógica por seis anos em Unidades Municipais de Educação (UME) e atualmente ocupo o cargo de Professora de Educação Básica efetiva (PEB I) na UME Antônio Demóstenes de Souza Britto.

Ao exercer a função de Coordenadora Pedagógica – Especialista de Educação I - até março deste ano, tive como um dos importantes focos, dentre as várias atribuições, a formação permanente de professores, posição que considerei privilegiada pois manteve contato próximo e o efetivo envolvimento com a rotina dos professores. Por inúmeras vezes, observei docentes, como eu, que expressavam sofrimento no trabalho, fato nada incomum no atual cenário de escolas públicas deste país.

Tudo isso provocava a inquietação que por um lado, dizia respeito a entender os mecanismos que fazem a engrenagem professor-aluno-escola ser tão intensa, com enormes sofrimentos, mas também ao desvelar maneiras muito criativas e únicas de alcançar o prazer no trabalho (ou no exercício da profissão docente). Nas relações que ali se estabeleciam vi um “nada igual”, manejos, formas de viver e

trocas de experiências que, penso, são muito peculiares ao ambiente escolar e a este universo de trabalho.

No retorno à sala de aula, na convivência com os professores – meus pares, nos encontros na sala dos professores sigo instigada a compreender toda essa dinâmica. As queixas e conversas no “canto do cafezinho” sempre congruentes com as que já me inquietavam quando na condição de coordenadora.

Observei que uma possível, porém frágil, rede de solidariedade no enfrentamento de um campo de forças, parece tomar um corpo coletivo, em que estou incluída. Esse campo exerce forças em diversos sentidos, de um lado pela resistência ou resiliência que toma conta dos professores, fazendo com que encontrem formas prazerosas de construir seu dia a dia. Outras, no entanto, podem levar à uma sucessão de queixas, ao estresse, revelando sofrimento frustrado, ou seja, que não imprimem sentido à uma possível positiva construção coletiva ou individual de resistência, defesa ou enfrentamento.

A troca de conversas e ideias naquele espaço me provocou no sentido de que, se organizada, essa rede solidária teria absoluta e potente capacidade de subverter as lógicas do sofrimento frustrado, ou encadeá-las para estruturar novas possibilidades de ação, superando-se, reduzindo danos de toda ordem no que se refere à saúde dessa categoria. Para Dejours “o processo de análise do sofrimento beneficia os sujeitos, pois produz sentido no lugar das defesas, isto é, torna possível um processo de reapropriação do sofrimento e da inteligibilidade das vivências subjetivas” (Dejours, 1992).

E nesse mesmo sentido, o estresse parece ocupar lugar comum nos diálogos, uma fala corriqueira entre a categoria que utiliza o termo para definir exaustão, cansaço, situações cotidianas insuportáveis, contrariedades diversas. Uma das marcas iniciais deste estudo.

[...] o estresse no trabalho é uma manifestação da tensão nos ambientes organizacionais, produtos da interação entre fatores ambientais, condições de trabalho, percepções e comportamentos do indivíduo no plano da cultura organizacional. Essas manifestações não residem isoladamente no ambiente ou intimamente nos indivíduos, mas resultam de transações dinâmicas que ocorrem entre esses elementos (Tamayo, 2008, p.20).

Logo no início da pesquisa, a principal relação que fiz com o sofrimento dizia respeito aos inúmeros afastamentos médicos dos professores com quem convivi, mas ao longo de toda essa construção fui compreendendo e amplificando meu entendimento em relação aos afastamentos por doença. Os profissionais afastados por doença não foram entrevistados, pois o Comitê de Ética e a Coordenadoria de Formação do município aos quais o estudo foi submetido permitiram acesso aos ativos. Assim, o campo é constituído em sua totalidade por professores em efetivo exercício de suas funções, o que mais à frente será notado nos meandros dos dados obtidos e análises realizadas. Entretanto, observar fatores de prazer e sofrimento durante a atividade laboral traz certos recortes vivos do que diz respeito à organização do trabalho, viva, em ação. O estudo olha os indivíduos em plena construção de suas defesas para enfrentar o estresse ao trabalho, no exercício de sua atividade docente, uns mais, outros menos próximos desse limite.

Muitos questionamentos percorriam meus pensamentos enquanto profissional da educação. O professor sofre porque não suporta mais sua história profissional ao alcançar um longo tempo de carreira por ficar exposto às permanentes doses de estresse no trabalho? Ou ainda se desde o início/ingresso de sua prática/carreira há sinais de sofrimento? De forma marcante, ao percorrer corredores, estar em contato com a prática docente de outros e com a minha própria, observei certos comportamentos, falas e posturas que provocavam minha inquietação ainda mais quanto a compreender quais os fenômenos presentes nesse universo tão particular, como já dito, da carreira docente e para além disso, de que forma enfrentar e transformar essas situações em construção e crescimento.

Nas situações citadas, nos encontros na sala dos professores, em rodas de conversas espontâneas, surge conformismo ou “entreguismo” de uns e palavras motivadoras de outros. Uma reunião de intensos sentimentos, num processo tão dinâmico que às vezes até soa com um tom de descontrole, que leva à certa perda de sentido e de razão, disputando fronteira tênue com a loucura. Como se alguns ali tivessem que assumir, a todo custo e a plenos pulmões, suas missões, sua vocação docente e como tal, seguir em seus propósitos mesmo correndo o risco de sucumbir a eles. Outros, porém, encontram tanto sentido no que fazem que parecem estar em

“família”, com muitas demonstrações “naturais” de afetos, atribuindo à sua prática, expressando sempre a forma amorosa com que se evoluem com suas aulas e alunos.

Ocorre que ser docente implica em ter uma vida que exercita afetos todo tempo, que baseia sua eficiência na relação com o outro e na forma em que, seu fazer e sua presença reverberam em aprendizagem para si e para o outro, concretizando-se na transformação da sua vida e da vida de seus estudantes além da (pretensa) garantia futura para eles de inserção social e profissional. E então qual a brutalidade e ou delicadeza presentes ali?

Preservar-se em vários sentidos parece-me uma busca importante, considerando que as relações de trabalho dentro do sistema público de educação e as perspectivas profissionais estabelecidas entre os limites de prazer e sofrimento no exercício do magistério, modificam-se com o tempo de prática diretamente associado às subjetividades da profissão que atravessam e influenciam as relações alunos-professores-gestores-comunidade no ambiente escolar por força dos movimentos e circunstâncias sociais e políticas presentes. Será então, que quanto maior o tempo de carreira, maior é a frustração e, portanto, o sofrimento?

Passamos<sup>1</sup> então a compreender este estudo a partir do tempo, a primeira perspectiva para as análises. Inerente e intrínscico à vida nos aspectos cronobiológicos, à vida social como organizador das atividades na sociedade e na regulação das ações conjuntas, o tempo é também uma importante dimensão da trajetória de vida (considerando idade e energia vital) e da carreira, assim é um destacado elemento a ser investigado como um suposto causador de situações de prazer ou incômodas de sofrimento.

No tempo, vivemos e somos nossas relações sociais, produzimo-nos em nossa história. Falas, desejos, movimentos, formas perdidas na memória. No tempo nos constituímos, relembramos, repetimo-nos e nos transformamos, capitulamos e resistimos, mediados pelo outro, mediados

---

1

Neste ponto é importante uma nota de esclarecimento sobre a mudança do uso pronominal, até o momento na primeira pessoa do singular em toda a escrita da apresentação, dando lugar daqui em diante à primeira pessoa do plural. A principal característica do programa ao qual esta pesquisa está submetida é que o objeto tem sua origem na vivência profissional, assim inicia-se um processo individual que ao ser trazido para o programa assume a forma plural, quando as orientações e grupos passam a fazer parte desta construção.

pelas práticas e significados de nossa cultura. No tempo vivemos o sofrimento e a desestabilização, as perdas, a alegria e a desilusão. Nesse moto contínuo, nesse jogo inquieto, está em construção nosso ser profissional (Fontana, 2000, p. 180).

Ainda sobre o tempo, Tamayo (2004) ao referenciar em seus estudos a relação homem, trabalho, cultura organizacional e saúde, discorre sobre o conceito de felicidade que vem sendo bastante explorado. Conceito este que não se define facilmente uma vez que está relacionado à realização do potencial humano e ao grau de funcionamento individual. Não há uma única dimensão ou uma única direção para indicar felicidade, o que significa dizer que a felicidade é o resultado de elaborações e construções individuais do sujeito derivadas da participação em diversas atividades, dentre as quais o autor destaca o “*tempo consagrado ao trabalho*”, pois segundo ele, “figura como uma das maiores dimensões significativas da vida das pessoas” e “é um componente fundamental para a construção e o desenvolvimento do bem-estar pessoal e da felicidade” (Tamayo, 2004, p. 81).

Os conceitos são tratados e explorados com base nas teorias que dialogam com as inquietações e buscas desta investigação, com olhar para as correntes ou modelos que influenciam o campo da Saúde Mental Relacionada ao Trabalho. Seligmann-Silva (1994) é uma das inspirações para esse estudo. Outra forte influência está pautada na Teoria do Estresse (Selye, 1956) o que corrobora com a metodologia adotada.

Os estudos seguem a investigar a possibilidade da direta relação entre o tempo de carreira e os processos de sofrimentos e prazer dos professores, além de uma certa análise do estresse ocupacional gerado. E adentrando à segunda dimensão proposta, observamos a organização do trabalho em busca de indicativos que descrevam os sinalizadores relacionados aos processos de estresse, sofrimento e prazer dos professores. Há destaques da carreira e da realidade que surgem expressas nos dados obtidos.

Neste conjunto de encontros, posições, camadas que forjam diariamente o meu “ser” docente, está também a mola propulsora deste estudo. Vivenciar e compreender a complexidade dos processos de prazer e sofrimento no mundo do trabalho docente são a marca da pesquisa e as minhas próprias marcas. Ousar em

falar das “minhas marcas”, tem direta relação com as minhas experiências de prazer e sofrimento, estresse, adoecimentos e a compreensão dessas relações na construção do meu ser docente ao longo do meu tempo.

## **1.2 Pressupostos teóricos**

Definir os passos teóricos exige que a visão se amplie no sentido de não deixar escapar os conceitos que indiretamente devem estar apontados no percurso. Tais conceitos constituem a base do estudo, fazendo com que todos os demais entrelaçamentos teóricos se desdobrem a partir daí. Neste estudo partimos de aportes que dizem respeito à saúde do trabalhador e, embora não seja o principal aqui tratar de questões diretamente relacionadas à saúde mental dos professores, trazemos a aproximação com as teorias deste segmento que traduzem temas como sofrimento, estresse, fadiga entre outros que compõem os entrelaçamentos conceituais desejados com este estudo. Estudos no campo da Saúde Mental Relacionada ao Trabalho, referenciados aqui nas pesquisas de Seligman-Silva (2011), são um dos pontos de partida na introdução dos conceitos teóricos a fim de organizar as ideias que suportam este estudo, notando as contribuições e justificando a conjunção de pontos-de-vista adotada para produzir as análises. Consideramos, como Seligmann-Silva (2011), que as questões relacionadas à SMRT são tão complexas e imbricadas que exigem que o pesquisador conheça e seja capaz de operacionalizar um conjunto de conceitos, provenientes das diferentes teorias que compõem o campo, para que ele possa entender o objeto a partir de uma análise mais abrangente (Seligmann-Silva, 2011).

Dialogando com a riqueza do campo da Saúde Mental Relacionada ao Trabalho, a pesquisa é fundamentada pelo quadro conceitual da Teoria do Estresse e do Burnout, mas inclui a proposição de constructos criados a partir dos conceitos de prazer e de sofrimento, extraídos da teoria psicodinâmica do trabalho.

Entretanto, reconhecemos que adotar caminhos teóricos diversos seria arriscar uma prática eclética e de certa forma fragilizada. Assim, à medida que nos inspiramos inicialmente nos estudos sobre a Síndrome de Burnout para analisar o

sofrimento na carreira docente, encontramos convergências com a Teoria do Estresse Ocupacional, tornando-a o principal pano de fundo, o que não nos impediu de seguir com alguns importantes conceitos dos demais nortes teóricos como por exemplo, o próprio conceito de sofrimento. E nesse constructo, assumimos certo percurso metodológico, e por conseguinte instrumentos e recursos inspirados nesses estudos.

Historicamente a teoria do estresse tem seus primeiros passos por volta da segunda metade do século XIX, quando já aconteciam estudos no sentido de observar as condições de bem-estar dos indivíduos. O fisiologista Claude Bernard apontou que para o organismo obter o bem-estar necessita de habilidade para manter a constância do seu ambiente interno, mesmo havendo mudanças externas. Walter B. Cannon (1915) chamou essa habilidade de homeostase, ou seja a capacidade do organismo em manter um equilíbrio estático, estudo decorrente da ênfase dada ao sistema nervoso simpático que em situações de emergência (raiva, dor, etc) faz uma descarga das glândulas adrenais (adrenalina) gerando um processo autônomo de mudanças cardiovasculares o que prepara o organismo para fuga ou reação (luta).

Inspirado por este último, Hans Selye por volta de 1936, ao interpretar tais reações, denominou-as como Síndrome Geral de Adaptação (SGA). Afirmou que a SGA se desenvolve em três fases: alarme ou alerta, resistência e exaustão. Ao avançar seus estudos, Selye, em 1956, contribuiu efetivamente com a Teoria do Estresse, tornando-se uma importante referência. Nessa teoria o estresse é definido como uma reação não específica de um organismo quando é submetido às situações que exigem adaptação. Em geral, segundo a teoria do estresse, os indivíduos passam no mínimo pelas duas primeiras fases do estresse. Entretanto ao atingir a exaustão, definida como a terceira fase, e a mais crítica entre elas, um indivíduo pode atingir um grave estado e irreversível, vindo a falecer, isto porque ele não resiste mais às continuadas situações estressoras.

O pioneirismo de Selye agrega valor à teoria, e sua importância é notória, entretanto é alvo de algumas críticas, sobretudo dos estudos que decorrem dele até hoje. A principal delas diz respeito à desconsiderar as interações e subjetividades

presentes nas situações em que os sujeitos são submetidos cotidianamente. (Canova, 2008).

Sobre as críticas Seligman-Silva afirma,

As críticas ao modelo do estresse partem de vários autores. [...], em suma, o modelo não ofereceria base para analisar nem as interações entre os fatores estressantes nem os processos psíquicos presentes na psicopatogênese (o que acontece na mente dos trabalhadores submetidos aos estressores no trabalho) (Seligmann-Silva, 2011, p.129).

Por outro lado, quanto às contribuições, Seligman-Silva (2011) afirma que além da teoria do estresse facilitar estudos epidemiológicos que ofertaram dados para que a Organização Mundial da Saúde reconhecesse a gravidade do estresse ocupacional no mundo do trabalho e na saúde, ela também contribui com conceitos importantes para a construção de práticas preventivas e de tratamento no campo da SMRT. O enfrentamento é um desses conceitos, que segundo a autora,

[...] foi desenvolvido por Lazarus (1966), autor que inicialmente apontou a necessidade de analisar o nexo existente entre as características de um estressor em diferentes situações sociais. Posteriormente esse autor analisou o enfrentamento realizado através da mobilização de apoio social e afetivo. Isto é, de que modo os indivíduos acionam esses apoios ou de que forma os apoios podem ser mobilizados com objetivos preventivos, pelas instituições (Seligmann-Silva, 2011, p. 128).

No Brasil as investigações do processo saúde/doença no universo do trabalho, referindo o campo da SMRT, têm sido realizadas principalmente sob a ótica de três teorias: a do estresse com abordagem cognitivo-comportamental (Covolán, 1996; Lipp; Rocha, 1995; Reinhold, 1985; Romano, 1996), a do sofrimento psíquico (Codo, Gazotti, 2002) e a do desgaste mental (Seligmann-Silva, 1994).

Salientamos que o estresse, segundo Selye (2011), está presente no cotidiano dos indivíduos, porém neste estudo adotaremos em alguma medida, o foco do *work-stress* (estresse relacionado ao trabalho), esta observação se faz necessária pois apontará as estreitas relações do estresse com a organização do trabalho, gerenciamento do trabalho, carreira, conceito de trabalho em si, entre

outros temas incluídos neste campo.

Mendes (2008) afirma em seu artigo que o estresse vem ao longo do tempo, sendo estudado por diversos autores, como Lazarus (1990), Selye (1993), Lipp (1996), Cooper (1996), Carneiro e Trindade (2002), também adotados como referência em nossos estudos, e numa rápida referência a eles, a autora elabora a seguinte definição para estresse ocupacional,

[...] um fenômeno resultante de uma tensão acumulada em função do contínuo e intenso esforço do indivíduo para se adaptar às demandas externas e internas que lhe são impostas pela dimensão da organização, das condições e das relações sociais de trabalho. Em certa medida pode ser positivo ou se transformar em um componente que predispõe ao surgimento de condições patológicas e diferentes formas de adoecimento (Mendes, 2008, p.166).

Encontramos ainda relevantes aspectos teóricos em alguns estudos coordenados pelo, já mencionado, Profº Dr. Álvaro Tamayo (2004) na Universidade de Brasília, que reuniram aspectos da cultura e valores organizacionais com a teoria do estresse ocupacional.

Presentes na teoria do estresse termos como reação de alarme e fuga; esgotamento/exaustão; fatores ou agentes estressores; adaptação / apoio social; fator de risco; *Coping* (lidar com situações estressantes) são alguns dos mais comuns e trazem contribuição ao campo da SMRT. O conceito *coping*, ou estratégias de *enfrentamento*, tem importante papel neste campo de estudo à medida em que faz referência a algumas formas de reação que as pessoas usam em relação ao estresse. Na delimitação histórico-conceitual de *coping* realizada por Mendonça e Costa-Neto, os autores afirmam que,

Diante de experiências estressoras, o indivíduo lança mão de estratégias que podem levar, de um lado, à maximização do sofrimento e conseqüente adoecimento e, de outro, ao resgate do equilíbrio intrapsíquico. A importância e o lugar atribuído às estratégias de enfrentamento nos estudos que analisam as relações entre estresse e saúde ocupacional têm desencadeado controvérsias entre pesquisadores da área. Alguns estudos defendem relações mediacionais e outros postulam relações moderadoras de coping na dinâmica existente entre o estresse e a saúde (Mendonça; Costa-Neto, 2008, p.203).

Afirmam ainda que,

[...] é uma variável individual representada pelas diferentes maneiras com que as pessoas reagem ao estresse. Engloba um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais que são determinados por fatores pessoais, variáveis situacionais e recursos disponíveis. Refere-se a ações deliberadas que são utilizadas pelas pessoas para solucionar demandas específicas. Diferentes estudos têm demonstrado que os valores pessoais podem ser fortes preditores de atitudes e comportamentos, como as estratégias de *coping* (Mendonça, Costa-Neto, 2008, p.221).

Nesse sentido, o conceito de enfrentamento merece destaque nos nossos estudos à medida em que o recorte de nossa amostra aponta, mais à frente, dados sobre sujeitos que sugerem estar nesse exato ponto em relação ao estresse no trabalho, ou seja, todos os sujeitos, como já dito, estão em atividade e reconhecem que embora haja o sofrimento, há ainda uma pequena, porém, maior parcela de prazer em seu trabalho. Resistem, encontram respostas para sua escolha e para manter-se preservado em seu cotidiano profissional.

No bojo dos processos que levam os sujeitos ao estado de sofrimento, ou à instalação do estresse, há importantes considerações, sobretudo no que diz respeito às formas como os sujeitos manejam ou escapam dessas condições, e como expressam talvez como cansaço.

Síndrome de Burnout, uma das principais contribuições na construção deste trabalho, surge do conceito de excesso de estresse, levando o sujeito à absoluta exaustão, e nesse sentido há uma relevante relação com os nossos estudos que à certa altura apontará nos dados o cansaço como uma expressão relatada pelos sujeitos da pesquisa.

A Síndrome de Burnout, uma de nossas inspirações tem aspectos gerais relacionados ao estresse no trabalho,

A constatação do potencial destrutivo de ambientes ocupacionais nocivos tem despertado o interesse de profissionais de diversas disciplinas para o estudo de fenômenos que ameaçam o bem-estar do indivíduo e que desmerecem as virtudes do trabalho como fonte de prazer e realização. O estresse ocupacional, um desses fenômenos, pode favorecer manifestações de sofrimento psíquico, físico e emocional que corroem pouco a pouco a saúde do indivíduo, comprometendo a sua qualidade de vida dentro e fora do trabalho. O *Burnout* é um fiel representante dessas manifestações. (Tamayo, 2008, p.76)

Tamayo (2008) afirma ainda que há certa distinção no que cerca a concepção da Síndrome de Burnout. Relata o entendimento de que o burnout é um tipo de estresse ocupacional e há o entendimento de que trata-se de uma resposta ao estresse ocupacional. Estudiosos interessados levantam a questão de que 'seria o Burnout um velho vinho em nova garrafa?

Segundo Tamayo (2008) a primeira perspectiva teria um caráter reducionista,

[...] a semelhança entre estresse e burnout baseia-se principalmente , em características do fator exaustão emocional, que também faz parte de um quadro de estresse (desgaste, cansaço, falta de energia). Por essa razão, a exaustão emocional é catalogada por vários autores como a dimensão central do burnout, considerando que é a manifestação mais visível e mais facilmente assumida pelos indivíduos (Tamayo, 2008, p 335).

Entretanto, ainda segundo Tamayo (2008) há quem defenda a diferenciação entre os termos, pois o burnout tem caráter multidimensional abrangendo os seguintes componentes: esgotamento (exaustão), aspectos atitudinais (despersonalização ou cinismo) e aspectos de auto-avaliação (ineficácia ou insatisfação).

Corroborando com esta definição, Maslach;Leiter (1997), definem burnout como uma reação de longa duração aos fatores estressores crônicos existentes (persistentes) no trabalho. Possui três importantes dimensões: a exaustão, o ceticismo e um sentimento de ineficácia profissional. Há uma estreita relação entre essas dimensões uma vez que o trabalhador ao ser exigido no meio profissional, reagirá com exaustão. Em seguida, o ceticismo ocupa lugar para resultar no sentimento de ineficácia, ou pelo fato de diminuir a eficácia profissional. Esse conjunto estruturado faz com o evento seja definido como Síndrome de Burnout, não apenas um grupo de sintomas associados por coincidência. Os sintomas em geral apresentam-se em pessoas sem histórico de psicopatologia ou doenças orgânicas identificáveis, anteriores. Ao ser identificado, o burnout sugere corresponder aos critérios diagnósticos da neurastenia relacionada ao trabalho (Maslach;Leiter, 1997).

Nesta perspectiva, o burnout só pode ser experimentado por pessoas que abraçaram as suas profissões com entusiasmo, alta motivação, e fortes

expectativas, bem como desejam derivar do seu trabalho um significado existencial para suas vidas. Já o estresse pode ser vivenciado apenas por indivíduos com baixa motivação no trabalho (Tamayo, 2008, p. 101).

Ao considerarmos a relevância que envolvem os conceitos de estresse no trabalho e no desdobrimento, o burnout, precisamos trazer o conceito de organização do trabalho. Entre uma das definições, organização do trabalho é a forma de gerir a divisão e o conteúdo das tarefas, as normas e o tempo, o ritmo e os controles, frutos da cultura organizacional que fundamenta as prescrições e os modos de gestão do trabalho, operacionalizados em modelos específicos de tal organização do trabalho. Assim, entendemos que ela pode constituir-se em contextos potencialmente estressores. (Tamayo, 2008).

No artigo “Saúde, sofrimento e estresse na profissão docente”, Moura (2011) nos traz que,

No contexto das atividades profissionais, as fontes de estresse originam-se dos aspectos do trabalho, incluindo sua organização (ritmo, quantidade e qualidade das tarefas executadas, etc.), os quais são avaliados (percebidos) pelos trabalhadores como prejudiciais à sua autoestima e ao seu bem-estar. Observamos que nessa definição, o estresse é um processo dinâmico que envolve tanto os aspectos do trabalho como a maneira segundo a qual o trabalhador irá interpretar os acontecimentos no seu dia a dia. Dessa forma, as exigências do trabalho podem ou não tornarem-se importantes agentes estressores, tudo depende da avaliação do indivíduo. Quanto ao sofrimento no trabalho, não significa unicamente uma dor física ou mental, mas também uma vontade contrariada, incapacitando ou impossibilitando o sujeito de agir de outra forma, de mudar a situação em que se encontra. Esse sofrimento é percebido pela nossa incapacidade de realizar as atividades de maneira diferente, pela redução do poder de ação. Dessa forma, o termo “adaptação” nem sempre pode ser usado para significar saúde ou ausência de doença. (Moura, 2011, p.79)

No sentido do estresse no trabalho, e da fundamental importância da organização do trabalho neste processo, Mendes (2008) afirma que a prevenção do estresse ocupacional depende das condições organizacionais expressadas no cotidiano do trabalho. Considerando que trabalho é uma categoria fundante sócio-histórica e cultural na qual o sujeito está imerso, deriva portanto uma complexa engrenagem que psicologicamente ele deveria dar conta, entretanto pode ser

*capturado e usado pelo modos de produção do trabalho*, resultando patologias que levam à alienação e ao adoecimento. (Mendes, 2008).

Mendes (2008) afirma ainda que,

Nessa direção, assume papel fundamental a organização do trabalho, que não é uma dimensão isolada do contexto organizacional, mas se articula a uma estrutura maior, que envolve a cultura organizacional. Essa integração pressupõe um entendimento de que a cultura é composta por dimensões, que se traduzem em sistemas de significados compartilhados, em práticas e produtos, sendo a organização do trabalho, um dos produtos da cultura, que concretiza as regras, as relações e as práticas de gestão do trabalho. (Mendes, 2008, p.164)

Para Mendes (2008), a organização do trabalho e a disciplina gerada por ela são resultado da cultura organizacional, especificamente dos valores. Segundo ela, as normas ali contidas conduzem o comportamento para o bem ou para o mal, para o justo ou injusto, desejável ou indesejável e dessa forma influencia a elaboração dessas normas, proporcionando experiências de prazer e sofrimento no trabalho, que seriam em suma, um antecedente do estresse ocupacional. (Mendes, 2008)

Para melhor compreensão dos encaminhamentos assumidos e complementar o panorama teórico, seguimos com alguns aspectos da Psicodinâmica do trabalho (PDT) que tem como principal teórico contemporâneo o já citado psicanalista Dejours. Suscintamente a PDT define-se como “a análise dinâmica dos processos psíquicos mobilizados pelo confronto do sujeito com a realidade do trabalho”. Análise ocorre no encontro do trabalhador e sua história, com uma situação de trabalho, para além de sua vontade. Parte-se da exposição da subjetividade pré-existente do indivíduo que ao refletir sobre a realidade da organização do trabalho própria que impõe exigências e restrições mais ou menos compatíveis com a saúde física e mental do trabalhador, implicará na transformação tanto do sujeito quanto daquela realidade após o encontro e conflito ali gerados. O estudo dos mecanismos psicológicos de defesa socialmente articulados é a marca da PDT. Quando acionados, os mecanismos de defesa formam as “estratégias defensivas”, podendo até constituir a “ideologia defensiva”. Compreender como aqueles que determinam as organizações do trabalho exploram as defesas e o sofrimento, é também uma

das importantes faces da PDT. Além de muitas vezes desrespeitar a necessidade do corpo, as imposições da organização do trabalho ferem a auto-estima do trabalhador, degradam sua autoimagem o que segundo a abordagem psicanalítica, acarreta uma “ferida narcísica”. Dessa forma, o sujeito será levado ao sofrimento (mental) e na perspectiva psicossomática, à doença do corpo. (Seligmann-Silva, 2011).

A PDT para ser utilizada com respeito à sua definição, implicaria em método próprio, não adotado nesta. Porém, utilizamos os conceitos de sofrimento e de prazer trazidos por ela, que nos parecem pouco explorados ou ausentes nas teorias do estresse e do burnout, e que consideramos bastante pertinentes, pois os termos são frequentes nos discursos dos professores pesquisados e de autores que analisam o trabalho docente (Nóvoa, 2013; Paro, 1993; Codo, 1999).

O sofrimento não é necessariamente uma experiência fixa e universal que possa ser medida com uma régua única: está relacionado a situações, necessidades e aspirações. Mas deve haver alguns parâmetros históricos e políticos para o uso do termo, para que possam ser estabelecidas prioridades políticas e se possa dar mais atenção a diferentes formas e graus de sofrimento (Barber, 1975, p. 30)

Encontramos na teoria do estresse e na PDT a respeito do conceito de sofrimento, dois principais pontos convergentes. São eles: o “reconhecimento” e o “embotamento afetivo”. O reconhecimento sugere, em geral, o movimento em que o trabalhador tem sua produção reconhecida por aquele à que ele prestou sua força de trabalho, pelo beneficiário, pelo mandatário do trabalho. No senso comum, está relacionado à gratidão, recompensa. Tendo em vista o sofrimento e sua relação com o reconhecimento, Dejours afirma:

Sufrimento e doença podem ser vividos e interpretados pelas pessoas como golpes do destino ou como fatalidades. O sofrimento pode também ser considerado uma provação divina. Enfim, pode ser considerado ou interpretado como o preço a ser pago por fazer sua contribuição à evolução das relações sociais, à sua própria evolução ou à emancipação de seus próximos ou de seus filhos. Em outras palavras, a questão coloca-se fundamentalmente em relação à construção do sentido ou da significação do sofrimento e da doença. Ora, a resposta que cada um dá individualmente ao sentido do seu sofrimento depende fundamentalmente da maneira pela qual está engajado nas relações sociais, mas falar de engajamento nas relações sociais é insuficiente para dar conta da

interpretação que cada sujeito dá de seu sofrimento. A questão crucial reside no par contribuição/retribuição. A retribuição em forma de salário, de vantagens materiais, por um lado, e de reconhecimento social, de reconhecimento do mérito, de reconhecimento de identidade e de originalidade, por outro; esta retribuição, portanto, está à altura da contribuição que o sujeito dá à sociedade, à empresa, a seus próximos, aqueles que encontra em suas relações sociais? Se esta retribuição é conveniente em relação à contribuição e às implicações dela provenientes em termos de sofrimento ou até de doença, então os problemas de saúde, de sofrimento e de doença adquirem um sentido nas relações sociais, o que contribui para mobilizar o sujeito em direção às coisas da cidade, na medida em que seus próprios interesses identificam-se com as grandes questões tratadas no espaço público. Em contrapartida, quando a retribuição, em relação à contribuição individual, é irrisória ou muito decepcionante, o sofrimento só encontra sentido no espaço privado e na deliberação interior. (Dejours, 1992, p.171)

O reconhecimento tem sua importância reconhecida na PDT, e converge com as teorias do estresse, à medida em que é citado como uma das questões na construção dinâmica da identidade do trabalhador ao longo de sua vida profissional; e à medida em que dele derivam estados de prazer e sofrimento, saúde ou doença. Pesquisas alemãs em doenças coronarianas relacionadas ao trabalho, com enfoque na teoria do estresse revelaram que “a ausência de reconhecimento pode ocupar lugar central nos processos psicossomáticos que atingem o sistema cardiovascular”. (Seligmann-Silva, 2011).

No campo da SMRT, segundo Seligmann-Silva (2011), questões relacionadas ao “reconhecimento”, além de estarem presentes nas teorias que suportam esta perspectiva da saúde do trabalhador, há também o “embotamento afetivo”. Assim como reconhecimento, Seligmann-Silva (2011) aponta os conceitos no entorno desta questão,

[...] também diz respeito à identidade, mas tem sido abordado principalmente como aspecto de transformação de personalidade, ao mesmo tempo que vem sendo examinado por suas implicações nos processos saúde-doença. [...] estamos utilizando a expressão embotamento afetivo por ser a que, a nosso ver, representa de forma mais clara a essência do fenômeno em causa, em sua dimensão psicológica. Marianne Frankenhauser, estudando o *work-stress*, adotou essa denominação para designar o apagamento das manifestações de ordem afetiva, que constatou nos indivíduos submetidos a situações laborais de controle rígido, nas quais a autonomia era sufocada (Frankenhauser, 1981, in Seligmann-Silva, 2011). Karasek e Theorell (1990), da corrente comportamental vinculada ao estresse, adotam o termo *alexitimia* – denominação usada para a

incapacidade de entrar em contato com os próprios sentimentos -, correlacionando-o a fortes mecanismos de negação psicológica. (Seligmann-Silva, 2011, p. 151)

Do ponto de vista do sofrimento no trabalho, Dejours afirma que na ausência de uma construção do sentido do sofrimento nas relações sociais,

o sujeito tende a voltar-se para uma posição "individualista", denunciada como um mal específico da atual "crise de civilização". Na falta de retribuição suficiente no espaço das relações sociais para o sofrimento de cada sujeito, não há nenhuma chance de o sofrimento levar à formulação de opiniões enunciáveis no espaço público e na cidade. Vê-se, portanto, que as condições sociais e éticas do par contribuição/retribuição são determinantes na construção do sentido do sofrimento e no engajamento dos sujeitos nas questões da cidade. A consequência disso é o desânimo, a decepção, as vezes até o desespero, que sabemos que muito contribuem para acelerar o curso dos processos mórbidos. (Dejours, 1992, p.171)

Essas aproximações teóricas dialogam com os aspectos a serem tratados neste estudo: o sofrimento e a forma como se revela (ou não) nas repostas dos sujeitos aos questionários.

Os estudos de Fontana (2000) trazem fragmentos de integrorativas às professoras, focalizadas em tempos e espaços num apanhado de pesquisas, onde aspectos do sofrimento, prazer e reconhecimento surgem,

Mesmo sendo as condições e a organização de trabalho dos professores caracterizadas como extremamente adversas – baixos salários; jornadas intensas divididas entre vários empregos; trabalho fragmentado, isolado e individualizado – os professores atribuem-lhe um significado: é um trabalho prazeroso. (Fontana, 2000, p.42)

Segundo a autora, esse prazer, que tem como raiz a tarefa que consiste em construir cultura e revestir a formação dos alunos, é uma das facetas do ser docente, uma profissão que “sobrevive a ela própria”. (Fontana, 2000).

### **1.3 A carreira docente no contexto escolar, e sua relação com o mundo do trabalho**

Ao pensar em carreira docente e suas relações com o mundo do trabalho é necessário um breve retrospecto de como se estabelece tal carreira e a organização do trabalho (docente). O professor, objeto deste estudo, está na escola pública municipal levando-nos a buscar uma certa compreensão de como esta instituição se constitui na história, cultura e organização. É preciso nesse contexto, tratar de algumas faces do trabalho do professor e suas peculiaridades.

A escola é a instituição privilegiada para a socialização. É o conjunto formado pelos elementos espaço, cultura e atores que lá estão. Educação pressupõe aprendizagem, transformações positivas, abertura para o mundo. As teorias da aprendizagem de Piaget (1970), Vygotsky (1988), Luria (1973), Bronfenbrenner (1973), entre outras referências, consideram em linhas gerais que a aprendizagem se dá na troca com o meio, representado pelos objetos e cultura; seja por assimilação e acomodação; pela coordenação de movimentos; por assimilação linguística; por zonas de desenvolvimento proximal, por aproximações de regras sociais e compreensão das normas que regulam vida em comum. Assim, transformar é uma ação que deve atingir todos esses elementos de forma coordenada e com claros propósitos, tocada todo tempo pelas relações que se dão.

Se de um lado é considerada uma instituição de grandes proporções enquanto equipamento público de onde se espera a formação integral e cidadã do indivíduo, de outro lado, a escola é composta de espaços físicos e pressupostos ideológicos que, por vezes, não atendem as demandas sociais em constante movimento. Aprofundar esta discussão é tocar em questões como 'a serviço de quem se estabelece a escola', 'quais contradições ela opera e reproduz, que injustiças ela escamoteia ou perpetua', 'quais respostas ao mercado se esperam dali e de que forma seus professores percebem o que está no bojo da educação, espaço onde ocorrem as relações e as forças que podem determinar as práticas docentes e os significados e vivências que delas decorrem'.

Nóvoa (2009), ao refletir sobre a escola futurista, apontou a possibilidade de

alguns cenários para responder à questão 'para que serve a escola nas sociedades contemporâneas'. No primeiro cenário, o autor pensa que a escola pode ser o centro da coletividade apontando primordialmente para as missões sociais, onde, além de ocupar-se de um conjunto de competências sociais e culturais, sem negligenciar a transmissão do saber, teria um importante papel de compensar a incapacidade das famílias em garantirem condições necessárias para o pleno desenvolvimento das crianças e jovens. (Nóvoa, 2009)

Em segundo cenário, o autor analisa a escola como uma organização centrada na aprendizagem, dando ênfase ao saber escolarizado, deixando de lado a ideia de que a escola seria a grande redentora social e apoiando-se mais efetivamente numa sociedade de conhecimento com a era das novas tecnologias como a internet, respondendo rapidamente às necessidades de mercado, tendo efeito direto nas políticas de emprego, no mundo, sobretudo em locais de maior desenvolvimento econômico, marcados pelo capitalismo (Nóvoa, 2009).

O terceiro cenário, defendido pelo autor, traz a escola de forma mais modesta, assumindo-a como uma das inúmeras instituições da sociedade que promovem educação. Assim, a escola teria que ser pensada como mais um espaço público que poderia aproveitar as potencialidades culturais e educativas ali presentes, tornando todo o conjunto social responsável, pelo processo educativo de suas crianças e jovens. Nóvoa afirma que para isso, “a ideia de um novo contrato educativo, celebrado com toda a sociedade, e não apenas com a escola, que tenha como base o reforço do espaço público da educação, está no centro do cenário” (Nóvoa, 2009).

Esta definição, traz em grande medida, um projeto político no sentido de que se a educação respondesse mais adequadamente às questões sociais e participasse organicamente com os demais setores sociais, essas instituições formariam um coletivo engajado, disposto a comprometer-se com a educação de todos.

Percorrer historicamente a construção da escola pública é algo que não se faz de forma tão simplista, porém, algumas reflexões trazem pistas sobre o sistema em questão. Ao olharmos os três cenários de Nóvoa e outras referências, focalizamos

as escolas municipais de Santos, e embora o aprofundamento dessas questões não seja o principal objeto desta pesquisa, localizamos as concepções de educação e do sistema em vigor para analisarmos os dados obtidos, que não pretendem uniformizar, mas sim, dar realce aos fatos que constituem um diagnóstico de situação em relação aos processos de sofrimento e prazer no trabalho dos professores, no universo restrito proposto por este projeto. Para isso, antes de avançarmos, recapitularemos as diretrizes e ideologias que vêm sustentando a educação brasileira, de modo geral, ao longo do tempo.

A história da educação brasileira passa por eventos com direta relação com os cenários políticos, econômicos e sociais que o país atravessou. Adotaremos um breve histórico exposto por Severino (1986) que consiste em dividir esses cenários, em três períodos (marcantes). O primeiro período do ano de 1500 até 1889, a educação (que sempre esteve à disposição das classes dominantes, até hoje), esteve forjada sob a ideologia implícita na doutrina católica, inicialmente e sobretudo jesuíta. O segundo período entre 1889 e 1964, com a ascensão da burguesia, sobretudo leiga, a ideologia católica passa a dar lugar à ideologia liberal, o que significa que o capitalismo toma um peso maior. E em terceiro momento a partir de 1964, com a modernização da ideologia burguesa, com inspirações tecnocráticas, a educação passa por transformações neste sentido.

Resguardada a simplicidade acima exposta, aprofundamos um pouco mais neste último período, o qual consideramos fundamental para as análises que sucedem. Antecedido pelo Manifesto dos Pioneiros em 1930, o período a partir de 1960 já apontava uma preocupação mais acentuada em planejar a educação, uma ideia que amadurecia e renovava. E que com a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação em 1961 e pelos primeiros planos educacionais, fica estabelecida esta intenção (Fonseca, 2009, p. 156).

Entretanto em qualquer tempo é importante lembrar uma afirmação de Severino (1986), que nos parece atemporal e que dão os primeiros nortes a respeito da organização de trabalho que estamos tratando, “as leis que supostamente regiam as relações sociais regiam igualmente as relações educacionais” ou, então, as leis que determinam os processos econômicos “determinam igualmente os processos

educacionais” (Severino, 1986, p.XIII).

Durante as décadas de 1930 e 1980, o Brasil viveu diversos movimentos políticos, inclusive com marcados fechamentos e aberturas, antes, durante e depois da reconhecida ditadura. De modo geral, a educação acompanhou estas situações tendo um tom mais ou menos tecnocrático, mas em todos respondendo à lógica política e econômica que se instalava, sobretudo a partir de 1956 quando o governo Kubitschek “deflagrou uma política de desenvolvimento sistematizada no chamado programa de metas”. O papel da educação nesse programa foi o de preparar pessoal técnico para fortalecer a cena industrial. A educação deveria portanto, “produzir competências técnicas para o emprego, agregando valor ao recurso humano” que entraria no mercado de trabalho (Fonseca, 2009).

Este certo reducionismo da educação no que diz respeito a deixar uma lacuna no cunho da transformação social, persiste, e fica ainda mais acentuado nas décadas seguintes, dominadas pela ditadura militar, em que parte do interesse residia em manter um sistema educacional operante na manutenção da imobilidade social. (Severino, 1986)

Nesse mesmo período temos a criação do Ministério da Educação e Cultura<sup>2</sup>, em julho de 1953, que passa, em 1985, a ser Ministério da Educação, embora mantida a sigla MEC, passa a ser desmembrado do Ministério da Cultura (MinC).

Já em 1980, com a abertura política, surgia a esperança de um tempo mais próspero e fecundo para a educação. Nesta época eventos como as Conferências

---

<sup>2</sup> **Ministério da Educação (MEC)** é um órgão do governo federal do Brasil fundado no decreto n.º 19.402, em 14 de novembro de 1930, com o nome de **Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública**, pelo então presidente Getúlio Vargas e era encarregado pelo considerando que o estudo e despacho de todos os assuntos relativos ao ensino, saúde pública e assistência hospitalar. 5 de janeiro de 1937, passou a se chamar **Ministério da Educação e Saúde** e suas atividades passaram a ter um limite à administração da educação escolar, educação extra-escolar e da saúde pública e assistência médico-social. Em 1953, o governo federal criou o Ministério da Saúde e tira do Ministério da Educação e Saúde as responsabilidades de administração destinadas a ela. A partir desse momento, passa a se chamar oficialmente de **Ministério da Educação e Cultura** (MEC) pela lei n.º 1.920, de 25 de julho de 1953. Em 15 de março de 1985, foi criado o Ministério da Cultura (MinC) pelo decreto n.º 91.144. Curiosamente a sigla MEC continua, porém passa a se chamar **Ministério da Educação**. Em 8 de novembro de 1990, as atividades do MEC passaram a integrar a política nacional de educação; a educação, ensino civil, pesquisa e extensão universitárias; o magistério e a educação especial. Em 12 de junho de 2000, após muitas mudanças em sua estrutura organizacional e a criação de secretarias como o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), por exemplo, o MEC passa a ter as seguintes competências: política nacional de educação; educação infantil; educação em geral, compreendendo ensino fundamental, ensino médio, ensino superior, ensino de jovens e adultos, educação profissional, educação especial e educação a distância, exceto ensino militar; avaliação, informação e pesquisa educacional; pesquisa e extensão universitária; e magistério. A estrutura regimental do MEC como conhecemos só ficou estabelecida realmente pelo decreto n.º 4.791, de 22 de julho de 2003. Acesso ao portal Brasil/MEC

Brasileiras de Educação, Fórum Brasileiro em Defesa da Escola Pública reuniram educadores em torno de mudanças, apontando propostas mais autônomas para a educação. A esta altura, segundo a autora, o Brasil dá alguns passos mais maduros em relação a pensar na qualidade da educação brasileira, porém com muito a ser feito e muitas superações ainda por vir (Fonseca, 2009).

Adventos como a Constituinte de 1988, a reformada LDB de 1996, influenciados pelos educadores e acadêmicos da época trazem certa ampliação da produção científica no país. Com os acordos financeiros internacionais para subsídio da educação no país em 1990-1995, o Estado compromete-se com a qualidade social da educação (Plano de Ação). Esta época é marcada pela implantação das inúmeras avaliações, uma das maneiras de verificação dessas ações, que ainda hoje são recursos largamente utilizados, guardadas as devidas alterações sofridas. Nesse movimento de garantir financiamentos internacionais o governo assume compromissos em forma de planos, como já vinha fazendo, e nessa circunstância, em 1998, surge o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE). Neste momento histórico siglas como FUNDEF, FUNDEB, FUNDESCOLA já funcionam como forma de repasse financeiro subsidiando a educação básica, que por força da LDB nº 9493/96 inclui os segmentos da educação infantil, educação fundamental e ensino médio, consideradas como educação básica (FONSECA, 2009).

Esta nomenclatura explica, de certa forma, o plano de carreira e as funções e cargos adotados pela nossa rede pública municipal tal como será apresentado à frente em nossos estudos.

O governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, que encerraria em 2002 avança seus limites temporais com acordos dessa natureza que estabelecem período estendidos até 2010 para o cumprimento das metas de qualidade, em geral focalizadas na adesão escolar e nos resultados das avaliações propostas. Em 2003 o governo Lula assume a continuidade do governo anterior, porém contrapondo, em parte, uma tendência economicista do governo anterior, adotando uma tendência à justiça social, propondo em seus textos e medidas nessa área algo que expressava a intenção de diminuir as desigualdades históricas entre regiões, pessoas, gêneros e raças. Com enormes desafios esta plataforma segue com o governo Dilma que

mantém o compromisso assumido no PDE até 2020, que atualmente enfrenta enormes crises de toda ordem na esfera política nacional (FONSECA, 2009).

Durante o breve percurso histórico citado, observamos o movimento ideológico e contra-ideológico que em nada são lineares, movimentando-se e engredrando os motivos e os propósitos de cada ação na construção de políticas públicas de educação, de modo contrastante por fenômenos de sobreposição ou contraposição.

Ao refletir sobre educação, ideologia e contra-ideologia, Severino (1986), verificou que,

A avaliação que fiz da história da educação brasileira enfatizou, sem dúvida alguma, a força da reprodução da educação. A educação brasileira apareceu como instrumento desejado consciente ou inconscientemente pelas classes dominantes, de reprodução das relações sociais através da reprodução ideológica de sua concepção de mundo e de defesa de seus interesses. Sendo a formação capitalista predominante na sociedade brasileira, a educação se adequou às suas exigências, respondendo pela reprodução. Mas de forma alguma esta predominância histórica do caráter reprodutor da educação brasileira elimina seu potencial transformador. (Severino, 1986, p.95)

O autor, ainda que não atual, em nada perde a contemporaneidade nas suas reflexões. Afirma que apesar da força reprodutiva que reside na educação ao responder às lógicas capitalistas e integrar um processo de dominação, ainda assim há reconhecida contra-ideologia no fato de que a educação carrega certa força de resistência à dominação. Essa superação e resistência contribui para uma prática social transformadora, entretanto depende dela os seus atores, aqueles que estão em seu centro: os educadores.

Atualmente a educação, enquanto sistema, em suas várias dimensões, em especial na esfera pública, enfrenta grandes desafios, como indicam numerosas pesquisas nesse domínio (Paro, Codo, Nóvoa). E são eles, os professores que os enfrentam de forma direta, atores da carreira docente a forjar sua identidade profissional.

Mas afinal, em que consiste a carreira docente quando pensamos no mundo do trabalho? Em que consiste e o que significa o trabalho do professor?

Como apontamos nas referências às abordagens teóricas privilegiadas no

campo da SMRT, podemos dizer que o trabalho modifica quem o produz, e ao modificar gera alegria ou tristeza, prazer ou sofrimento, saúde ou doença. Muitas são as definições do conceito de trabalho, exploradas por estudiosos que se debruçaram nas ciências filosóficas, econômicas, sociológicas para defini-lo. Cada um em seu tempo histórico tratou de conceituar, e aqui tratamos de trazer alguns desses breves registros, baseados nos estudos de Codo (1994) que afirma haver certas controvérsias entre citadas ciências. Para Henri Bergson (1980) o trabalho humano consiste em criar utilidade; para Francis Bacon é o ato do homem se acrescentando à natureza; C. Colson (1924) afirma que o trabalho é o emprego, que faz o homem dar suas forças físicas e morais para a produção de riquezas ou serviços; por fim Marx (1974) define que trabalho, antes de tudo, é um ato que se passa entre o homem e a natureza. Ao mesmo tempo que age, por esse movimento, pela natureza exterior e a modifica, modifica a sua própria natureza e desenvolve faculdades que nela dormitavam. (Codo, 1994)

Ao tratar do percurso profissional de professoras, Fontana (2000) traz a seguinte reflexão sobre o conceito de trabalho,

O trabalho tem dois lados, como execução de uma tarefa é parte orgânica da vida cotidiana, como atividade é objetivação diretamente genérica. Ao perder qualquer forma de auto-realização, [ele] torna-se parte inorgânica da existência, 'a maldição da vida cotidiana', servindo exclusivamente à conservação da particularidade. (Fontana, 2000, p.89)

Dejours concorda que há tais controvérsias, ao afirmar que para alguns, o trabalho é antes de tudo definido como uma relação social que pode ser expressa pela relação salarial, para outros uma atividade de produção e para outros, o emprego. Para ele, no entanto,

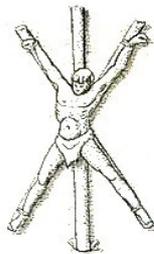
Trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar, de inventar, etc. (Dejours, 2004)

Do ponto de vista etimológico, a palavra trabalho deriva do

latim *tripalium* ou *tripalus* (*Figura 1*), uma ferramenta de três pernas que imobilizava cavalos e bois para serem ferrados. Curiosamente era também o nome de um instrumento de tortura usado contra escravos e presos, que originou o verbo *tripaliare* cujo primeiro significado era "torturar". Os gregos e os latinos diferenciavam o trabalho criativo (dos artistas e elites) do trabalho braçal ou penoso (escravos). Essa definição nos propõe uma associação controvertida relacionada ao sofrimento e a transformação da natureza através da atividade humana (Rieznik, 2001).

Em busca de definições para a palavra trabalho, encontramos uma curiosidade que parece fazer sentido com nossos estudos e colabora para ilustrá-lo. Trata-se de uma definição do ponto de vista bíblico, entretanto mantido o caráter absolutamente laico de nossos textos.

*Sucede que el trabajo en su origen era 'sufrimiento'. Y es que desde que abrimos la Biblia por el Génesis sabemos que, lejos de ser una bendición, como pontificó un papa, el trabajo era un castigo divino, una maldición bíblica. Dios, con la expulsión del paraíso, condena a nuestros primeros padres, a Eva a parir con dolor y a Adán a ganar el pan de la vida, que no es un don gratuito- con el sudor de su frente. (Arce, 2002, p. 76)*



Fonte: [Ayrtonbecalle.com/tag/origem/2017](http://Ayrtonbecalle.com/tag/origem/2017)

**Figura1. Tripalium**

Neste mesmo campo, e com olhar sobre as relações homem/mundo, Codo (1999) no traz que,

Quando o homem se relaciona com o mundo, imprimindo-lhe a sua marca, além da energia física ele despende também uma energia psíquica enquanto dá significações às coisas. O trabalho se dá justamente neste terreno de dupla troca entre a objetividade do mundo real, que concretiza o

ato para o indivíduo, e a subjetividade do homem, que atribui um significado ao mundo real ao modificá-lo através da sua ação. (Codo, 1999)

Consideramos que os conceitos, como ditos, remetem-se às condições em que cada um se constrói, culturas e modos de vida que estabelecem as relações dos indivíduos em cada tempo, modificando-se. Neste tempo, de mundo globalizado, com fortes marcas de um sistema capitalista, sob modelo social neoliberal, definir trabalho, em especial trabalho dos professores, não é tarefa simples. Procuramos alguns caminhos no sentido de compreender o cotidiano da atividade docente. E há que se tocar nas definições de trabalho material e imaterial.

No mundo onde é quase impossível manter-se afastado das relações capitalistas, onde se primam a produção e a acumulação, não fica clara a distinção entre o que é produtivo ou improdutivo, assim, toda forma de trabalho seja ele “trabalho material ou imaterial, intelectual ou físico, produz e reproduz a vida social, e durante o processo é explorado pelo capital” (Hardt; Negri, 2005).

Esses mesmos autores apontam três tipos de trabalho imaterial, que apresentamos de forma sucinta. O primeiro diz respeito à produção industrial que teve seu processo alterado pela inclusão de tecnologias da informática e da comunicação. Neste sentido a forma de produção atende ao modelo da qualidade total, fazendo com que serviço e produção material misturem-se, valorizando a relação dos serviços nesses espaços. Em tese, o modelo taylorismo/fordismo cede lugar à gestão democrática, com olhos a um trabalhador multifuncional para uma produção enxuta e com resultados de excelência. Já o segundo tipo está ligado aos profissionais que lidam com a solução de problemas que realizam atividades denominadas *simbólico-analíticas*. Fazem parte deste contexto a pesquisa e desenvolvimento de produtos, consultorias, marketing, publicidade, etc. Esse tipo de trabalho imaterial é prioritariamente intelectual ou linguístico, na medida em que produz ideias, símbolos, códigos, textos, formas linguísticas e imagens. Como exemplos temos produtores de softwares, escritores, jornalistas, analistas de sistemas, pesquisadores-professores universitários.

A terceira, e para nossos estudos, a mais interessante forma de trabalho imaterial diz respeito aos trabalhadores relacionais, ou seja, aqueles ligados

diretamente à produção de cuidados, envolvidos diretamente com a comunicação. Neste contexto o que prevalece é o contato humano podendo ser real ou virtual. Os afetos ocupam lugar de destaque nessa relação, o que envolve a mente e o corpo dos envolvidos. A este grupo pertencem os trabalhadores da educação, da saúde, dos serviços pessoais, do entretenimento, comunicação, etc.

O trabalho afetivo é o trabalho que produz ou manipula afetos como a sensação de bem-estar, tranquilidade, satisfação, excitação ou paixão. A maior parte dos serviços que envolvem trabalho relacional combina a comunicação com um elemento afetivo. (Hardt; Negri, 2005, p. 426)

Para o capital, os trabalhos dessa categoria podem representar um problema com relação à transmissão do saber-fazer (*savoir-faire*), pois não há como ensinar integralmente este trabalho. Segundo Gorz (2005),

O seu saber não pode ser reduzido a um conhecimento regular, formal, pois preserva a marca da pessoa que o exerce. O cuidar dos outros subentende, necessariamente, cuidado de si, produção de si e doação de si. Isso é patente nos serviços relacionais com a educação, cuidados e assistência, mas também em outros trabalhos imateriais como nos ofícios artísticos, na moda, no design e na publicidade. (Gorz, 1997, p.134)

Dos afetos envolvidos no trabalho imaterial e fazendo a necessária ligação com a peculiaridade a ser tratada daqui por diante do trabalho docente, observamos a afirmação de Codo (1999),

Em uma palavra, o afeto foi expulso do trabalho pela organização taylorista-fordista que se inaugurou com a fábrica, que consolidou o capitalismo e se consolidou com ele. Impôs uma divisão rígida de lugares e gestos. Afeto, carinho, cuidado, situado e sitiado no estado doméstico; e ao trabalho – a racionalidade, a burocracia, a medida. [...] E o trabalho do professor? A palavra educação provém do latim *educatio* que, além de instrução, também significa ação de criar, alimentar, alimentação, criação, Educador vem de *educator*: aquele que cria, que faz as vezes do pai. [...]. Por ora, nos basta concluir que o educador faz parte do tipo de trabalhador que vem sendo chamado de *care-givers*, doadores de cuidado [...], um trabalho impossível de se enquadrar numa linha de montagem, ou leva em conta os vínculos afetivos com o aluno, com o produto, com as tarefas, ou simplesmente não

se viabiliza. (Codo,1999, p.46)

Paparelli (2009) ao refletir sobre a natureza do trabalho docente, afirma tratar-se de um trabalho imaterial, e como tal, seus contornos não são claramente explicitados.

Não tendo fim a produção de mais-valia, a lógica que o enseja diferencia-se daquela, presente nos empreendimentos lucrativos. Por conta dessas especificidades, a natureza do trabalho docente é objeto de controvérsias, havendo autores que comparam a escola a uma fábrica e os professores a seus operários, afirmando que o trabalho docente está submetido de modo real ao capitalismo, até aqueles que consideram a escola um espaço totalmente destacado do modo capitalista de produção, concebendo a instituição de modo abstrato. [...] consideramos mais apropriada e fecunda a perspectiva de análise que não reduz o trabalho educativo ao trabalho produtivo e que, ao mesmo tempo, busca entender a inserção desse trabalho em uma sociedade de classes, bem como o papel da escola pública em seu interior (Paparelli, 2009, p. 9, p.11).

Trazemos então algumas considerações de Paro (1993), acerca do trabalho docente, onde ele afirma que um dos mais frequentes equívocos está em desconsiderar as especificidades desta natureza de trabalho, e por consequência as condições e organizações deste não são pensadas adequadamente. Em geral, faz-se de forma análoga uma relação do trabalho docente com outras atividades da produção econômica. Não que a docência esteja a parte dessa lógica, entretanto, mesmo respondendo a ela, sua natureza específica deve ser considerada. Segundo o autor, uma das mais evidentes diferenças está nos motivos que levam docentes e outros trabalhadores comuns - assim denominados por Paro (1993) - a empenharem-se em suas atividades. Em geral, para o trabalhador comum há uma relação direta com a sua prestação de serviço material ou imaterial em troca, sobretudo de salário. Para Paro (1993), o produto do trabalho docente não se resume à aula, mas à transformação que acontece com o estudante, do momento em que entra, até o momento em que sai do processo. (Paro, 1993)

Codo (1999) afirma que desde sempre, o ato de educar esteve presente na vida humana. Senso comum quando vemos uma pessoa a comer de boca aberta, afirmamos não ter boa educação; outras situações entretanto podemos apontar com educados ou proprietários de refinada educação, de acordo com seus atos. O fato

da educação escolar ter assumido um rigor organizacional, parece ter rompido com o que deveria ser sua natureza, e nesse contexto o professor, em sua sala de aula, ao deparar-se com um ritmo imposto por essa organização, se vê obrigado a atender às exigências externas que podem significar sofrimento. O trabalho do professor e a forma de expressar o resultado dele, são absolutamente impalpáveis. O professor atravessa e é atravessado pelas vidas dos estudantes. E ali se constrói o seu ser-fazer. Retomar o passado, refazer os vínculos com o presente, reorganizar o futuro, eis o que o professor faz (Codo,1999).

Em todo esse conceito está o tempo: tempo de aula, tempo de transformação, tempo de vida.

No bojo da construção do processo identitário do professor, há lacunas entre o que se pretende (planos e diretrizes) e a efetiva prática escolar. Alguns professores angustiam-se com as novas configurações impostas na escola, desde a organização da sala de aula, até o desenho adotado pelo sistema em questão, pois algumas dessas formas parecem “contrariar” a natureza do seu próprio trabalho, ou as expectativas em termos de retorno identitário do trabalho, traduzida de alguma forma como uma violência imposta pela organização do trabalho. O professor, por vezes, se sente desorientado em relação às mudanças, ou às políticas públicas à sua disposição e diante das contradições existentes entre as prescrições das políticas e a prática da docência nas salas de aula das escolas públicas de hoje, assim como o sistema gestor também parece pouco reconhecer o professor e seu valor. Freire (1996) refletiu:

Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada. O respeito que devemos como professores aos educandos dificilmente se cumpre, se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação. (Freire, 1996, p.59)

Ou seja, boa parte do que se pretende no processo de aprendizagem em sala de aula, inclusive o respeito, não se ensina simplesmente, mas de certa forma se demonstra e se aprende por mimetismo.

Relatórios produzidos com base na metodologia Análise Coletiva do Trabalho

(ACT) desenvolvida com professores da Educação Básica de alguns estados do Brasil, revelaram aspectos importantes da relação prazer e sofrimento no mundo do trabalho docente. A valorização esperada pelos professores tem aspectos econômicos, assim como das condições de trabalho e outros relacionados ao valor social e importância da função do professor; ou seja, o capital simbólico que seu trabalho produz. Esses mesmos professores, atribuem que uma das causas da baixa remuneração é a falta de articulação política e construção de políticas em favor da categoria. Consideram injusto o fato de inúmeras profissões de mesmo nível de formação receberem salários bem superiores, fato que, segundo as pesquisas, faz com que esta não seja uma carreira tão atraente aos futuros profissionais, egressos do ensino médio. Apontam também que o trabalho dos professores parece não ter limites e invade sua vida social e particular. (Ferreira, L. 2009)

A docência assim como outras, é uma profissão constituída a partir de prática e discurso, no sentido sociológico é o conjunto engendrado de meios e fins do desempenho humano, com determinado fim social e atendendo às lógicas de organizações sociais.

Ferreira, L. (2009), nos relatórios citados, traz que os professores analisaram o seu trabalho a partir de duas perspectivas: o da atividade e o do emprego. A atividade é o que mais lhe caracteriza, diferenciando-o de outros profissionais e compreende o conjunto de suas ações como aulas no momento do encontro com os estudantes, planejamentos, elaboração de materiais, registros e relatórios. O emprego, no entanto, está mais ligado aos vínculos empregatícios, à remuneração, aos benefícios e às exigências das instituições onde atuam. Os professores entrevistados por Ferreira, ora revelam que prazer e sofrimento estão ligados ao percurso e ao resultado da atividade, ora ligados ao emprego, o que significa apontar que seu desempenho também está ligado a esses dois aspectos do trabalho. (Ferreira, L, 2009)

Para Nóvoa (2009), a identidade não é um produto, algo adquirido, e sim um lugar de conflitos, de construções das diversas maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, segundo o autor, é “mais adequado falar em processo identitário,

realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente ou se diz professor”. Esse é um processo que só acontece com o tempo, para refazer as identidades, acomodar o novo e assimilar transformações. Cada professor age, se movimenta, utiliza os recursos, relaciona-se, à sua maneira porque nessa espécie de “segunda pele profissional” misturam-se vontades, gostos, experiências, e “até acasos” que consolidam os comportamentos que identificam o ser professor (docente). (Nóvoa, 2009, p.12)

Frente aos desafios lançados no universo da educação há importantes fatores a serem considerados como a formação inicial e continuada e a valorização da categoria em todos os sentidos, como também o que diz respeito à construção da sua identidade profissional. A imagem que o professor tem de si e de que lugar ele se enxerga, refletem diretamente na imagem que ele projeta para suas perspectivas profissionais. E, sobretudo, como ele compreende as relações de trabalho que se estabelecem e se relacionam ao seu desempenho, naquele conjunto.

Discutir sobre o desempenho é, também pensar que ele tem seu início antes da inserção do sujeito no mercado de trabalho, pois em sua formação profissional e humana há inúmeras vivências hipotéticas que remetem à sua profissão. Especificamente em relação à docência, há uma extensa vivência, afinal o professor carrega suas marcas de aluno e também seus ensaios de sujeito docente, desde sua infância, quando começa sua trajetória estudantil. Anastasiou (2011), numa reflexão acerca dos processos formativos dos docentes universitários, na perspectiva de que o “professor é uma pessoa”, afirma que

A ação docente é afetada pelo código de linguagens, pelas relações interpessoais e coletivas relacionais já vividas e sedimentadas nos processos de transmissão e aquisição de informações e de conhecimento, que fazem também parte da cultura institucional vigente. Muito do que o docente efetiva em aula tem relação direta com as experiências que vivenciou como estudante: nesse contexto se situa o *habitus* (Anastasiou, 2011, p.65).

Nesse sentido, segundo Perrenoud (1993), *habitus* é “o conjunto de disposições e de esquemas que forma uma gramática geradora de práticas, ou ação como resposta pré-programada, mas também por esquemas operatórios de alto

nível” (Perrenoud, 1993, p.108).

Investigar percursos profissionais dos docentes e entender de que forma eles compreendem seu papel social e profissional, pode representar bem mais do que um simples estudo de classe profissional, no sentido sociológico do termo. A docência está repleta de subjetividades e relações afetivas, o que exige uma abordagem complementar. Sua prática e a sua subjetividade profissional são elaboradas bem antes de sua formação técnico-profissional, acontecendo das inúmeras interações estabelecidas em seu contato com o magistério com as vicissitudes positivas e negativas que as marcaram e se colore afetivamente, com conquistas e traumas.

A subjetividade é o resultado do movimento entre o sujeito e suas práticas, a forma como entra e sai durante as suas construções profissionais e como este processo se dá ao longo do tempo.

A vivência mostra que há o profissional que renova a sua prática em busca de resultados e sucesso em seu processo de ensinagem<sup>3</sup>, trata-se do profissional que, mesmo reconhecendo o sofrimento que existe no mundo do trabalho, identifica o prazer em sua prática estabelecendo um limite para não sucumbir ao sofrimento. Porém, há também o professor que se amofina diariamente resultando em frustrações, angústias e, por fim, na instalação da doença.

E o tempo passa.

O tempo, mais do que simples cronologia, é um veículo portador de sentidos que imprime às experiências e à sua vida vivida um contorno que singulariza e conforma o sujeito. É na trajetória e na retomada permanente do ser no tempo que é possível desconstruir o sentido de elaboração de subjetividades que se forjaram nos ambientes profissionais, nas nervuras do cotidiano, tecendo linhas e elaborando significados a partir das experiências vividas. (Stano, 2005, p. 41)

A citação acima traduz um importante traço do nosso estudo: a busca pelo desenho das linhas que ficaram nas nervuras do cotidiano.

Os professores exigidos, por vezes em demasia em suas rotinas,

---

3 Ensinagem, termo da psicopedagogia, utilizado no meio educacional para opor-se ao conceito de aprendizagem. (neologia empregada em artigo sobre psicopedagogia, comumente utilizado no meio)

responsáveis pelo desempenho de seus alunos e da escola, com o passar dos anos, enfrentam novos desafios sobre como articular sua prática profissional com um mundo de possibilidades, conquistas e frustrações dentro do sistema educacional.

Colocando-se a ênfase no sujeito que aprende, pergunta-se então qual o papel dos professores. Criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem e estimular a aprendizagem e a autoconfiança nas capacidades individuais para aprender são competências que o professor de hoje tem que desenvolver. [...] capacidade de interagir com o conhecimento de forma autônoma, flexível e criativa é a melhor preparação para a vivência no nosso mundo supercomplexo, incerto, sempre pronto a exigir novos saberes, inspiradores de novas ações. (Alarcão, 2011, p.32)

Frente às insatisfações, às forças, às condições e organização, é comum que parte dos professores, de alguma forma, seja abatida pela perda de confiança no próprio trabalho, no governo, nos movimentos políticos que incidem sobre as políticas administrativas (salário, carreira, estruturas), e políticas da educação (planejamento pedagógico, inclusão, entre outros). Parte também pode ser afetada por adoecimentos como: problemas na voz, doenças respiratórias, hipertensão arterial, doenças ósseas e musculares, dores crônicas, quadros de doenças psiquiátricas, entre outros, resultado do sofrimento no mundo do trabalho. Portanto, é possível refletir que o sofrimento (frustrado) que atinge o professor em sua prática pode ser o acionador de processos ainda mais graves de doença.

Embora esta pesquisa não se destine a aprofundar os quadros de doença que atingem os docentes, é preciso mencionar o fato de que faz parte da rotina ver professores que adoecem por inúmeros motivos e a razão e/ou consequência é o sofrimento deste indivíduo. Elementos da carreira, diretamente ligados ao tempo de serviço, parecem ser importantes sinalizadores para tais afastamentos. Observamos na prática escolar que boa parte dos professores demonstram frustração, insatisfação, desmotivação e, conseqüentemente, afastam-se do trabalho, como se as tentativas criativas capazes de transformar o sofrimento em construção, ao longo da vida profissional dessem lugar apenas ao sofrimento frustrado e paralizador, onde a única fuga é manter-se absolutamente distante dos acionadores do seu mal-estar ou sofrimento.

Observa-se que o sofrimento do professor pode estar relacionado à lacuna que existe entre o sujeito em suas subjetividades e o fazer institucional do seu trabalho em um determinado contexto organizacional e social. Segundo Dejours (2004), parte do sofrimento no trabalho também tem sua origem na falta de reconhecimento em parte dos superiores, numa consideração hierárquica, e em parte dos colegas de trabalho. (Dejours, 2004)

Nesse espaço, podem acontecer desdobramentos e negociações para tornar mais leve e afetuosa esta relação. O afeto na prática profissional docente imprime uma característica da ação, pois

A missão da educação é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.(...) Mas a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas. (Morin, 2003, p.11)

Entretanto, quando ocorre a falta de reconhecimento e o insucesso desses desdobramentos, é possível observar que o indivíduo fica fragilizado e mais susceptível ao adoecimento. As manifestações sintomáticas variam desde um sentimento de insatisfação e frustração, chegando até uma angústia e um profundo sentimento de culpa e impotência, além de depressão, ansiedade, alcoolismo, burnout, entre outros. Dejours afirma que,

Do reconhecimento depende na verdade o sentido de sofrimento. Quando a qualidade do meu trabalho é reconhecida, também meus esforços, minhas angústias, minhas dúvidas, minhas decepções, meus desânimos adquirem sentido. (...) O reconhecimento do trabalho ou mesmo da obra, pode depois ser reconduzido pelo sujeito ao plano da construção de sua identidade. E isso se traduz efetivamente por um sentimento de alívio, de prazer, às vezes de leveza d'alma ou até de elevação. O trabalho se inscreve então na dinâmica da realização do ego. A identidade constitui a armadura da saúde mental. Não há crise psicopatológica que não esteja centrada numa crise de identidade. Eis o que confere à relação com o trabalho sua dimensão propriamente dramática. Não podendo gozar os benefícios do reconhecimento de seu trabalho nem alcançar assim o sentido da relação para com o trabalho, o sujeito se vê reconduzido ao seu sofrimento e somente a ele. Sofrimento absurdo, que não gera senão sofrimento, num círculo vicioso, e dentro em breve desestruturante, capaz de desestabilizar a identidade e a personalidade e de levar à doença mental. (Dejours, 2007, p.34)

Todo trabalho faz-se de sofrimento que ao ser compensado por resultados, reconhecimento e valorização, toma outra forma, e de certa maneira, alimenta o trabalhador a constituir uma identidade profissional, sentir-se pertencente a um corpo de *métier*, e dar passos em direção a outras conquistas. Entretanto, o sofrimento que em nada resulta, senão em sofrimentos maiores, gera o sofrimento frustrado, aquele que leva o sujeito a sucumbir em seu próprio trabalho (Dejours, 2007).

Frustrações, relações opressoras em todos os sentidos do sistema conduzem o processo de doença a um sentimento confuso entre culpa, ressentimento, entrega ao pânico e responsabilizações.

Em pesquisa que trata das vivências de sofrimento psíquico e prazer das professoras da primeira fase do ensino fundamental (1º ao 5º anos) do Município de João Pessoa-PB, as autoras afirmam que,

ao longo da investigação, as professoras remeteram à constatação de determinadas vivências que são provocadas e mobilizadas no curso de seu trabalho e expressas num conjunto de sinais e sintomas de sofrimento. Entretanto, encontramos também movimentos de resistência e luta contra a insatisfação, a indignidade e a desqualificação, decorrentes da organização do trabalho docente, que terminam por contribuir, em certa medida, para reorganizá-lo. Neste sentido, chamamos a atenção para a importância de ações de promoção de saúde associada a essa situação de trabalho, visando impedir a evolução em direção a patologias. (Neves; Seligmann-Silva, 2006)

O estudo dialoga com nossa pesquisa à medida em que traz a relação das vivências cotidianas com o sofrimento e prazer das professoras de uma rede pública municipal e a resistência contra insatisfações de muitas ordens próprias deste segmento profissional. Além disso, quando chama a atenção para a importância das ações de promoção de saúde no trabalho, de certa forma, dialoga com nosso produto final que em segunda medida, diz respeito a obter informações diretamente com o corpo docente daquilo que traz insatisfação no ambiente de trabalho.

O tempo de carreira percorrido pode ser importante fator de distanciamento entre o prazer da docência e o sofrimento no trabalho, exigindo que o profissional docente enfrente forças que o pressionam em direção ao adoecimento.

Nóvoa ao estudar a vida dos professores, afirmou a existência de ciclos de

vida, como segue,

[...] haveria, assim, fases, transições, “crises”, etc. Atravessando a carreira do ensino e afetando uma grande número, por vezes a maioria, de seus praticantes. A pesquisa compara momentos desse ciclo: exploração, estabilização, diversificação, questionamento, serenidade, conservantismo e desinvestimento, às variadas carreiras e as diferenças entre carreiras a partir de estudos transversais. Esses estudos mostram que o profissional do magistério, uma vez iniciado o seu percurso na educação, primeiramente depara-se com um papel já preestabelecido e que deve ser exercido de acordo com as expectativas gerais da sociedade. Num segundo momento, já mais inserido no percurso profissional, desenvolve modos de ser e investir em sua própria capacitação, preocupado e motivado a melhor exercer seu papel educador. E por último, há um desinvestimento do profissional docente, cristalizando práticas e mostrando-se menos permeável às mudanças e inovações. (Nóvoa, 2013, p.48)

O professor, ao ingressar em sua carreira, especificamente no setor público – cenário desta pesquisa – o faz percorrendo um caminho imposto por um sistema próprio de acesso, permanência e ascensão. Este sistema pressupõe distinta organização e condições de trabalho, atravessadas por inúmeros fatores como tempo de serviço, trajetórias de vida e relações estabelecidas ao longo desse caminho. E o indivíduo que ali está é tocado por experiências que forjam marcas em sua existência, nas quais buscamos elementos relevantes para uma análise cuidadosa que não intenciona tratar da peculiaridade de uma instituição, sistema ou rede municipal de ensino, mas ambiciona refletir uma problemática que seja comum à condição dos professores hoje na contemporaneidade.

Descorreremos sobre a carreira docente em Santos trazendo algumas breves informações históricas preliminares. Todavia, abrimos a cena com a seguinte análise para organização do trabalho,

A partir da investigação de como os trabalhadores compreendem e sofrem a determinação organizacional, analisa-se a organização do trabalho e os impactos sobre a saúde. Sob a insígnia da organização do trabalho podemos destacar aspetos ou fatores que são definidos como a repartição de tarefas no tempo e no espaço, os sistemas de comunicação, cooperação e interligação entre atividades e operações; as formas de estabelecimento de rotinas e procedimentos de produção; a formulação e negociação de exigências e padrões de desempenho; os mecanismos de recrutamento e seleção; os métodos de formação, capacitação e treinamento para o trabalho. Também inclui aspetos como a jornada de trabalho extensa, ou sem pausas para descanso. Esses componentes do trabalho, conforme

suas implementações, podem trazer constrangimentos aos trabalhadores, inseguranças, falta de motivação e numa análise mais ampla, representar a concreta exploração intensificada do trabalho humano. (Queiroz;Lara;Mariano, 2015, p. 126)

O trecho acima diz respeito à organização do trabalho em estudo com trabalhadores portuários, o que em princípio parece não ter grande relação com a atividade docente, entretanto a lógica de pensar em organização repete-se em cada métier, ou campo profissional, e o mal-estar que é consequência do choque com a organização do trabalho causa efeitos semelhantes nos trabalhadores: podem trazer constrangimentos aos trabalhadores, inseguranças, falta de motivação. Os fatores, tempo, tarefas, procedimentos, exigências, desempenho, comunicação, verticalização, de certo modo ocupam lugar comum no ambiente do trabalho docente. Evidente que a docência tem particularidades, entretanto não se afasta da definição acima enquanto organização, ao menos para localizar os elementos a seguir.

A primeira instituição 'escola pública' surge Santos como Sociedade Filantrópica Auxiliadora em 1878, foi municipalizada em 1914 e hoje recebe o nome de Unidade Municipal de Educação Auxiliadora da Instrução (UME Auxiliadora da Instrução)<sup>4</sup>. Com ela, Santos hoje possui 82 UME que atendem mais de 40.000 estudantes no município. Em seu atual Plano de Curso<sup>5</sup> afirma pautar-se na concepção pedagógica ancorada no pressuposto sociointeracionista de educação. Neste cenário transitam os professores que compõem esta pesquisa.

A carreira dos professores municipais de Santos está prevista em legislações próprias<sup>6</sup>, podendo ser acessada pelo profissional que ingressa nela pelos meios legais, ou seja, o professor aprovado em concurso público com a função de Professor Adjunto I ou II(especialistas) (PAD I ou PAD II). Com a abertura de vagas

---

4 A partir do dia 5 de junho de 2006, em função da Lei Complementar nº 572/2006, sancionada e promulgada pelo sr. Prefeito João Paulo Tavares Papa, após aprovação da Câmara Municipal em 25 de maio de 2006, as escolas municipais de Santos passaram a se denominar UNIDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – UME, quebrando a fragmentação de denominação que até aquele momento acontecia entre os segmentos atendidos. Disponível em <http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/legis>

5 Plano e Curso Municipal disponível em <http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/download.php?view.2088>

6 Estatuto e plano de cargos, carreira e vencimentos dos profissionais do magistério público municipal de Santos. Prefeitura Municipal de Santos. Lei complementar nº752 de 30 de março de 2012. Disponível em <http://egov1.santos.sp.gov.br/do/0912/2012/do31032012.pdf>

por meio de regimento, projetos e leis aprovadas no âmbito legislativo, o poder executivo municipal promove este indivíduo à categoria de Professor de Educação Básica I ou II(especialistas) (PEB I ou PEB II); os pré-requisitos mínimos são que o profissional deverá ter no mínimo três anos de carreira na função anterior e suas avaliações de desempenho satisfatórias. Essas avaliações são realizadas anualmente pela chefia imediata com espaço para concordância ou não do profissional avaliado.

A estabilidade de 'emprego' é um marcante componente dentro da organização em questão, pois assim como demais funcionários públicos com ingresso por concurso, os professores de Santos têm garantida a sua permanência no quadro funcional, a menos que incorra em uma falta grave prevista no estatuto, o que levaria à exoneração, denominada demissão na rede privada de trabalho. Esta condição, elimina do funcionário a sensação de insegurança em geral experienciada pelos profissionais da rede particular de ensino, por exemplo. Porém ela não é o único fator, ou menos importante no que diz respeito ao sofrimento do professor. Não há a presença de ameaça direta de demissão, mas há outras e tantas formas de ameaças, veladas ou não, neste ambiente. E uma delas está no fato do professor ter seu cargo garantido, porém até que atinja a estabilidade da nomeação, pode enfrentar desafios em relação ao salário, às escolhas de local e outras condições de trabalho que até então não lhe são garantidas. Outro desafio está no fato de que os funcionários públicos dependem da vontade política para a revisão de suas condições de salário e carreira. Há que se considerar também que para a mobilidade da carreira podem estar implicadas também as relações (agrados ou desavenças) pessoais que implicam nesta ou naquela indicação, nomeação que acabam trazendo nuances às trajetórias e colocando menos ou mais percalços no caminho.

Em seguida, o Professor de Educação Básica, após o interstício de três anos no mínimo, na existência de vagas e após todo processo de aprovação do poder legislativo e executivo, pode acessar por concurso interno de promoção, os cargos da Gestão Escolar iniciando pelo cargo de Especialista de Educação I onde ele pode optar por exercer as funções de Assistente de Direção, Coordenador Pedagógico ou Orientador Educacional. Após três anos nesses cargos, o então especialista pode

acessar da mesma forma descrita o cargo de Especialista de Educação II - Diretor, e em seguida e pela mesma lógica, o cargo de Especialista de Educação III – Supervisor de Educação. A cada ascensão há acréscimo salarial e avanço na carreira o que também implica nos vencimentos mensais recebidos. Há, no entanto, mais de uma forma de acessar os cargos de especialista que são as funções em caráter de substituição.

Lembramos que as cargas horárias de professores e especialistas são diferenciadas, professores executam 200h/mês no máximo, o que na prática significa um período de aula incluindo horários de reuniões e atividades individuais remuneradas, já os especialistas executam 220h/mês, o que significa uma jornada de 8h/dia.

Nesse caso e dentro da forma hierárquica sistematizada prevista e descrita, o Professor de Educação Básica pode candidatar-se a substituto de Especialista de Educação I e percebe a cada 365 dias de efetivo exercício, 20% de valor total referente a esta função incorporados ao seu salário, e assim sucessivamente para as demais funções, sendo que para exercer a próxima função da escala é necessário ter o cargo efetivo na função anterior. Nesse sentido, percebemos que o tempo é um fator de considerável importância no que diz respeito à remuneração, à autonomia e à garantia de certo status do professor.

Importante ressaltar que efetivo exercício não é sinônimo de cargo efetivo, um refere-se ao trabalho *in loco*, o outro à nomeação legal, não necessariamente atrelada ao exercício portanto é possível que um profissional aprovado em concurso interno de promoção atinja todos os cargos possíveis dentro da hierarquia sem, necessariamente ter exercido as funções por estar à disposição de outros serviços, dentro ou fora da secretaria de educação. Essa é uma situação paradoxal que em certa medida atinge o serviço público. Também por outro lado, é possível que um professor, por exemplo, exerça em caráter substitutivo, a função de Especialista de Educação I por 60 meses, o que na prática significa um pouco mais de 5 anos por descontos de férias e outros afastamentos, optando ao final desse período, por retornar à sua função anterior de professor em sala de aula com a remuneração total incorporada ao seu salário.

Situações e desenhos da carreira podem ilustrar o modo de organização do ponto de vista das regras prescritas, ritmos, rede hierárquica, aos quais o professor está ligado neste sistema, lembrando que tal forma se dá também a partir de elaborações e feitos dos poderes executivo e legislativo em vigor, trazendo à luz a importância da cena política, sendo um dos marcantes fatores interferentes nas condições de trabalho.

[...] é na organização do trabalho que devem ser procuradas as forças. Organização do trabalho não é só a divisão do trabalho, isto é, a divisão das tarefas entre os operadores, os ritmos impostos e os modos operatórios prescritos mas também, e sobretudo, a divisão dos homens para garantir esta divisão de tarefas, representada pelas hierarquias, as repartições de responsabilidade e os sistemas de controle. (Dejours, 1992, p.7)

Um olhar partindo do ponto de vista do professor certamente vem colaborar com a configuração da pesquisa que poderá trazer caminhos em favor da construção de políticas e espaços à disposição dos profissionais, tecendo uma rede de trocas e saberes em seu favor, garantindo seu conhecimento para apontar a ideia de fortalecimento de sua categoria à luz da construção de melhores condições e relações de trabalho.

Observa-se que inúmeras variantes afetam a rotina e a vida do professor. Certamente muito já se buscou em torno das crises estabelecidas nesse setor, dos problemas de saúde física e mental dos profissionais que nele trabalham. Não há pretensão de ineditismo, porém, o município Santos por sua dimensão e característica, tornou-se para nossos estudos um rico universo, a contribuir como tantos outros, revelando-se uma positiva referência para o tema. Afinal, o número de professores ocupa uma expressiva, quase a maior parte, do quadro de funcionários públicos do município e o mesmo se repete no país, onde os docentes compõem uma grande massa trabalhadora.

Propostas de ações em escolas ou espaços do serviço público, oportunizando momentos coletivos de trocas e construção de saberes para prevenção das ocorrências e para o acolhimento dos professores em situação de sofrimento na sua atuação profissional, podem representar um avanço na direção da valorização dessa

categoria profissional. O que justifica, como parte do produto deste mestrado, sugerir à Secretaria de Educação de Santos a implantação e manutenção de espaços, dentro dos já existentes de formação permanente e continuada, que trate das questões frustrantes profissionais. Propomos reflexões que sistematizam ações com certa ludicidade e dinamismo para estabelecer uma boa relação entre o cotidiano profissional e o prazer do trabalho apresentado à frente como produto final deste trabalho.

*“Nenhum tinha rosto.  
Eram reconhecíveis pela expressão corporal  
e pelo que diziam (...)  
Nenhum tinha rosto.  
O que diziam escusava resposta, (...)  
Notei um lugar vazio na roda.  
Lentamente fui ocupá-lo.  
Surgiram todos os rostos, iluminados.”*

*(Carlos Drummond de Andrade)*

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Investigar as relações entre tempo de carreira, prazer e sofrimento no trabalho, sob o ponto de vista dos professores da rede de educação básica municipal de Santos.

### **2.2 Objetivos específicos**

Em relação aos professores da rede de educação básica municipal de Santos, pretende-se:

- Analisar as exigências da organização do trabalho, as experiências vividas durante a carreira e as possíveis relações com o estresse no trabalho;
- investigar os fatores da organização do trabalho docente que causam prazer e sofrimento no trabalho e compará-los;
- investigar as relações entre tempo de carreira e a avaliação de prazer e sofrimento no trabalho;
- encontrar fundamentos para a construção de ação/ reflexão em favor de um exercício profissional mais pleno, que responda às exigências da organização do trabalho e que respeite as expectativas, e traga reconhecimento e realização aos professores.

## **3 MÉTODO DE PESQUISA**

### **3.1 Considerações ao método**

Com o intuito de atingir uma população mais ampla enriquecendo a amostra, decidimos pelo emprego de procedimentos de solicitação direta de informações a um grupo de pessoas acerca da hipótese para obter algumas conclusões e reflexões correspondentes aos dados coletados. Para tal, utilizamos questionário, sob medida, como instrumento de coleta. Como estratégia foi desenvolvida uma pesquisa de natureza quantitativa, a serviço de mensurar fenômenos e obter as possíveis relações entre eles. Tal estratégia se deu a partir dos objetivos da pesquisa e do profundo reconhecimento das situações para obtenção da amostra, do ambiente e das condições para a coleta de dados.

Assim, essa pesquisa pode ser classificada como descritiva, que segundo Vergara (2000) revela as características de um grupo de pessoas ou fenômeno, estabelecendo correlações entre variáveis, e embora não tenha tanto compromisso em explicar os fenômenos que descreve, pode servir de base para as devidas explicações. A pesquisa descritiva tem como uma de suas grandes vantagens o conhecimento direto da realidade, ou seja, à medida que as próprias pessoas informam acerca de seu comportamento, e opiniões, a investigação torna-se mais livre de interpretações calcadas no subjetivismo dos pesquisadores. (Vergara, 2000). Segundo Selltiz et al. (1965), a pesquisa descritiva procura descrever um fenômeno ou situação em detalhe, aquilo que de fato ocorre, permitindo abranger as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos (Selltiz, 1965).

O universo total de professores na rede municipal em questão é grande, da ordem de 3000 profissionais, e para que pudéssemos analisar os dados sem a pretensão de fazer uma amostra representativa, decidimos, portanto, pela pesquisa quantitativa para garantir uma variabilidade e riqueza da mostra que seja o mais próxima possível do real.

Segundo Richardson (1989), a pesquisa quantitativa pressupõe a

quantificação dos dados tanto na coleta como no tratamento estatístico desses. Dessa maneira, objetiva resultados com a menor distorção possível da realidade, trazendo certa margem de segurança às análises. O autor ainda expõe que esta estratégia é freqüentemente utilizada nos estudos descritivos os quais propõem investigar as características de um fenômeno como tal, observando a relação entre os fatores ou variáveis. (Richardson, 1989)

Foi realizada análise descritiva, com tabelas de frequência e distribuição de variáveis. Para investigar a associação entre as variáveis Anos de experiência, Tempo na PMS/SEDUC Santos, Grau de sofrimento/frustração, Grau de prazer/satisfação e Motivos que fizeram escolher a carreira docente, empregou-se o coeficiente de correlação linear de Pearson. Foram utilizados analisadores textuais para as questões abertas, com foco principal no recurso denominado “nuvem de palavras”<sup>7</sup>. Este recurso traz uma amistosa visualização da frequência das palavras utilizadas, que se expressam e se diferenciam por meio do tamanho, cor e posição em que surgem na imagem. Quanto maior for seu tamanho, o destaque de sua cor e posição em relação às demais, tanto mais alta a sua frequência.

O emprego do método apresentado e explorado foi construído ao lado dos fatores identificados na literatura que apontaram para os principais pontos acerca do sofrimento no trabalho e alguns elementos que atuam no prazer do docente, o que colaborou na sistematização de informações percebendo conexões que transcendem o indivíduo. Apesar do pretense panorama quantitativo com apoio da fundamentação estatística, reservamos espaço no instrumento para um canal de expressão dos sujeitos.

### **3.2 Caracterização da Amostra**

No período de coleta dos dados, a rede municipal de educação apontava 3034<sup>8</sup> professores no quadro geral de funcionários (remuneração ativa), distribuídos

---

7 Recurso disponível no site <http://www.wordle.net> para elaboração on-line.

8 Dado obtido segundo o Portal da Transparência de Santos consultado na fonte: <http://www.santos.sp.gov.br/cidadeaberta>

da seguinte forma: 1168 Professores Adjuntos I; 375 Professores Adjuntos II; 986 Professores de Educação Básica I e 505 Professores de Educação Básica II. Importante considerar que alguns destes professores estão em curtos, médios ou longos afastamento/licenças e que há oscilação constante pela movimentação na carreira, exonerações e outros motivos para saída ou ingresso de profissionais no quadro funcional. Não foi possível obter informação do número de professores afastados no período. Assim, a informação dada ilustrará parcialmente os dados a seguir, tendo-a como panorama geral.

No início dos estudos, o sexo dos sujeitos não foi determinante como critério. Entretanto, considerando que a maioria das pesquisas que analisa o fator gênero obtém diferenças significativas nas respostas de homens e mulheres, e que o universo do professorado sempre foi e ainda é majoritariamente feminino, decidimos fazer análises separadas, porém daremos maior ênfase à análise do grupo majoritário de mulheres. Optamos então por uma breve análise do grupo de homens que se dará à frente em item próprio, no sentido de trazer algumas relações com os dados obtidos na amostra de mulheres. Assim, as análises a seguir consideram o universo de 106 mulheres.

Não tínhamos nenhuma expectativa a respeito, entretanto ao coletar a amostra e submetermos às análises estatísticas, observamos que a maioria expressiva dos sujeitos eram mulheres, 106 no total.

Há predominância de professoras que atuam no Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), aproximadamente 75% da amostra. Com relação ao cargo ocupado, há 50% em cargo de Professora de Educação Básica (PEB) e 50% como Professora Adjunta, o que significa que parte destas últimas não atingiram estabilidade funcional (3 anos mínimo), ou se já superaram os 3 anos, ainda não foram promovidas.

Algumas características nomeadas na distribuição da amostra merecem esclarecimentos. Quanto às regiões em que se localizam as escolas e professores entrevistados, esclarecemos que a cidade de Santos agrupa geograficamente seus bairros da seguinte forma: Área Central e portuária, Morros, Orla Marítima ou Zona Leste, Zona Noroeste, Área Continental. Os sujeitos estão assim distribuídos em relação às zonas/regiões do município, conforme Tabela 1 e Figura 2:

Tabela 1. Distribuição da amostra no município de Santos

Região	Número de Professores (n total = 115)	Segmento
Área Central	41	Ensino Fund. I e II
Morros	12	Ensino Fund. I
Zona Leste	34	Ensino Fund. I
Zona Noroeste	3	Educ. Infantil, Ens. Fund. I e II
Todas as regiões ( professores em formação permanente)	25	Educ. Infantil, Ens. Fund. I e II



Fonte: CET/Santos 2017

Figura 2. Mapa de distribuição da amostra no município de Santos.

A amostra traz certa representatividade quanto à distribuição por região considerando que todas as zonas estão representadas, com predominância, entretanto para a zona leste e esclarecendo que a área continental está incluída na amostra colhida durante a formação dos professores.

### 3.3. Construção do instrumento para coleta de dados

Logo no início da elaboração dos estudos, o questionário parecia atender ao método, aos objetivos e ao desenho de pesquisa elaborado, e obter um alcance razoável na coleta de dados; assim realizamos pesquisa bibliográfica e consulta a outros instrumentos. Em geral, pesquisas demográficas, epidemiológicas, utilizam esse recurso, porém sua utilização pode atender outras naturezas de pesquisa, desde que adequada aos objetivos e às necessidades específicas da mesma. A decisão foi então o questionário autoaplicado (Apêndice 1).

Ferber (1974) ressalta para a importância de uma elaboração equilibrada e organizada de um questionário para a eficiência da pesquisa. Segundo ele, um bom instrumento com questões necessita equalizar corretamente os aspectos de completude e relevância, não ser extenso, ser de fácil preenchimento (sugestão de, no máximo, 8 páginas), apresentar questões que os sujeitos tenham condições de responder, evitar tendências, evitar títulos, tanto para o questionário quanto para os grupos de questões, facilitar, através de pré-codificação das questões e respostas, a tabulação dos dados, não sobrecarregar as páginas com excesso de questões, nem utilizar letras pequenas matendo a clareza do texto, evitar ambigüidade no entendimento das questões, ser pré-testado com indivíduos que poderiam vir a participar da pesquisa. (Ferber, 1974).

Foram utilizados os critérios citados para elaboração de um bom instrumento e realizadas algumas consultas prévias a um profissional estatístico ligado ao programa deste mestrado que contribuiu e orientou quanto à melhor configuração das questões visando uma adequada coleta dos dados necessários, além de apresentar um formato amigoso para a sua posterior tabulação e análise.

No início havia o foco nas questões em torno da doença e saúde do trabalhador, sobretudo relacionadas ao estresse. Como umas das primeiras inspirações estudei o questionário “La evaluacion del estres y el Burnout de profesorado: el CBP-R (Bernardo Moreno Jiménez e cols. Trad. Ana Maria T. Benevides-Pereira & Alessandra H. G.de Souza - GEPEB – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estresse e Burnout) que avalia fatores ligados à Síndrome de

Burnout em professores. Essa sugestão ao lado das referências de Nóvoa em relação aos ciclos da carreira docente, e minha própria observação permanente em campo e experiência, foram dando forma ao questionário.

Parte das questões diretas tem como base a escala Likert<sup>9</sup>, que pode ser utilizada para medir diferentes atitudes e comportamentos de um entrevistado. Por exemplo, para obter informações a respeito:

- do nível de concordância de uma afirmação.
- da frequência com que determinada atividade é realizada.
- do nível de importância atribuída a uma atividade específica.
- da avaliação de um tema.

Consideramos como relevante aspecto desta construção a decisão de solicitar respostas em forma de uma palavra. Este talvez seja o diferencial do instrumento à medida em que coloca o sujeito numa reflexão pouco mais subjetiva acerca do tema, embora, ao solicitar essa forma de expressão busquei um instantâneo do sentido real de sua carreira ou sentimento em relação ao seu trabalho, naquele momento, naquele espaço, em geral a escola onde o sujeito atua. Esta foi uma das estratégias que em certa medida fundamentou parte dos estudos, trazendo para a pesquisa, uma dimensão qualitativa.

Outro recurso diferenciado, criado sob medida para esta pesquisa, foi a utilização de questões abertas optativas para inclusão de elementos que possam relacionar tempo e carreira docente dos sujeitos questionados. Incluímos campos para comentários, sugestões ou observação ao final de algumas questões.

Antes de dar por encerrado o questionário, aplicamos um pré-teste em 3 professores voluntários, selecionados aleatoriamente, com certa conveniência, dentro do universo pretendido. Durante o pré-teste elementos como tempo de auto-aplicação, dificuldade de compreensão, organização, *lay-out* e observações prestadas pelos sujeitos em questão, foram registradas para adequação do questionário final. O número de questões sofreu pequena redução e a redação de algumas sofreu ajuste. O modelo foi novamente submetido às orientações do

---

9 A escala leva o nome de Rensis Likert (1903-1981), psicólogo americano que em 1932, inventou o método para medir de forma mais fiel as atividades das pessoas.

estatístico e ponderadas para o fechamento do modelo final.

Concluído, o instrumento verificou questões diretas relativas ao tempo de carreira docente, bem-estar, valorização, prazer e sofrimento. A extrapolação ou abundância das questões pode deixar pistas para a continuidade da pesquisa em outro momento. O levantamento de dados, portanto, foi realizado com a utilização do questionário autoaplicado criado para esse fim, contendo 32 questões diretas, sendo 24 de múltipla escolha e 8 abertas.

### **3.4. Coleta de dados**

Para a composição da amostra de sujeitos entrevistados, o critério de inclusão adotado foi ser professor em exercício na carreira do magistério da rede municipal de educação de Santos (SEDUC/Santos). Os procedimentos tiveram início após a aprovação da Secretaria de Educação de Santos e do Comitê de Ética em Pesquisa (flatou colocar o número da aprovação). A aplicação efetivou-se após convite/chamamento aberto e voluntário às Unidades Municipais de Educação de Santos (UME) do entorno de atuação da pesquisadora, sobretudo a unidade onde trabalha. Foram enviados e-mails e realizados encontros para esclarecimento e divulgação da pesquisa aos diretores de todas as UME (n=82) sob gestão da SEDUC/Santos, localizadas neste município. Esse processo ocorreu no período entre maio e junho de 2016.

Os questionários foram aplicados no período de 30 de junho a 3 de setembro de 2016, após aceitação de convite, nas sete escolas que concordaram e no grupo de formação de professores, caracterizando o voluntariado na participação. Foram disponibilizados 150 questionários, dos quais 115 foram preenchidos. Os questionários foram entregues um a um aos entrevistados, contando com a colaboração de sete colegas coordenadores, na permissão da aplicação dos questionários durante as reuniões pedagógicas semanais.

A maioria dos sujeitos manifestou-se positivamente em relação ao instrumento. Algumas recusas em responder foram justificadas, como por exemplo pela falta de disponibilidade de tempo e vontade em participar. Houve um sujeito que

pediu para participar ao saber, por colegas, da divulgação da pesquisa e coleta em andamento.

Nas questões 22, 23 e 24, dois sujeitos revelaram durante a aplicação que não concordavam com a enumeração dos fatores citados, pois consideraram que alguns deles possuíam o mesmo grau de importância que outros e um dos sujeitos (masculino) optou por iniciar sua enumeração a partir do número 6 demonstrando a pouca importância que os fatores no trabalho atribuem à sua vida pessoal, segundo ele.

Os dados coletados foram tabulados em planilha de excel facilitando o tratamento, de acordo com as orientações. Foram tratados com base na análise estatística descritiva e inferencial.

Desde o início, e em todo percurso de tratamento das informações, este estudo contou com a colaboração do profissional estatístico, visando a construção de um quadro teórico aplicável à análise do sistema em questão, a partir das semelhanças e diferenças registradas nas respostas.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Em diversas oportunidades após coleta, como coordenadora/professora mantive contato mesmo não intencional, com parte dos entrevistados. A pesquisa realizada na modalidade profissional é privilegiada por esta possibilidade de profunda imersão, para além do objeto de pesquisa, afinal em certa medida não nos afastamos do local pesquisado, nem dos sujeitos e a interferência mútua é inevitável, aspecto absolutamente relevante para as análises a serem tratadas. Os atravessamentos da minha prática estão presentes em cada detalhe dos escritos, sobretudo quando associada de forma solidária aqueles que se aproximaram da pesquisa a fim de ver-se ali, de encontrar pistas para um agir coletivo menos sofrido.

Guardada, neste momento, a licença pronominal, pude de uma forma concreta relacionar-me com essas inquietações ao observar os dados coletados. Vi expressados sentimentos, e entendimentos da relação Carreira docente X Sofrimento e prazer, de uma forma que para aquele universo estudado, apontou-me pistas surpreendentes. Embora minhas inquietações me levassem a suspeitar de alguns fatores ligados a essa relação, outros aspectos surpreenderam, saltando aos meus olhos, ressignificando minhas próprias relações como docente, a respeito deles.

Coletar e revisitar dados obtidos num ambiente considerado familiar e rotineiro, exige do pesquisador a adoção de uma postura ética particular. A experiência permitiu que eu, na condição de pesquisadora, pudesse experimentar aproximações e distanciamentos de um universo que até então parecia ser conhecido embora por vezes ameaçador, que ao mesmo tempo me afastou causando estranhamentos. Minhas dúvidas, conflitos estavam agora expressando-se em outras vozes, como ecos, distantes do habitual, tomando forma concreta e intensa, na busca por respostas.

A cada encontro com os dados, um mergulho na busca da compreensão dos fenômenos que nos atingem e atravessam o cotidiano de trabalho e repercurtem na reinvenção do nosso agir (individual e coletivo). Como se a partir desse conhecimento que tomava forma, fosse inevitável buscar saídas e respostas. De

fato, neste momento de análise, algumas intervenções no ambiente de trabalho já se revelavam como efeitos das novas compreensões produzidas a partir das sistematizações feitas até então e poderiam ser consideradas como produtos da pesquisa e do pesquisar. Nos encontros de orientação, inúmeras situações de sofrimento foram discutidas, o que, no início, parecia desconectado com os estudos, mas posteriormente apareceram profundamente conectadas: cenas vividas podiam ser enquadradas nas categorias encontradas nas análises dos dados de forma sistematizada, assim como a análise e interpretação dos dados apontavam direções para as ações e decisões a serem tomadas, para que elas pudessem ser mais efetivas, mais condizentes com o que são os valores e expectativas dos professores do município implicados nelas. E assim atravessaram as reflexões, dando espaço às tentativas de estabelecer uma nova ação, uma inteligência do trabalho diferente, uma percepção das ações e das reações de colegas, a partir de uma compreensão mais ampla, de que eles são peças de uma engrenagem política, da qual eu também fazia parte, e então procurar evitar os sofrimentos quando possível. Na escola, durante algumas reuniões de equipe socializamos fatos em que a organização da UME parecia afetar certos profissionais de forma prejudicial, assim providências como alteração de espaços físicos, flexibilidade nas rotinas, manutenção de espaços permanentes de diálogos, aproximações diversas, foram alguns resultados, o que no meu ponto de vista, frutificaram a partir de alguns entendimentos que a pesquisa apontou.

Em alguns momentos houve o compartilhamento de saberes e não saberes, contrapondo a ideia do silêncio, superando pouco a pouco as condições que dificultam nosso trabalho. O espaço escolar é intenso para aproximações, ao mesmo tempo em que é para desconexão dos sujeitos. “É preciso vencer o cinismo nesse mundo (do trabalho)”. Talvez um bom caminho seja estudar, ver, ouvir, buscar compreender a compreensão daqueles que estão naquele espaço, naquele tempo (Dejours, 2007).

#### **4.1 Exercício da carreira docente: uma questão de tempo ou uma questão de prazer e sofrimento**

O tempo percorrido pelo profissional durante sua carreira foi eleito como o ponto de partida na compreensão dos fenômenos ligados ao processo de prazer e sofrimento que cercam a carreira docente, em contato com o seu próprio fazer. Encontrar-se em estados de enfraquecimento e sofrimento, após um certo período de exercício profissional, pode parecer óbvio à medida em que a rotina leva o professor a tornar sua prática automática e bem pouco reflexiva.

O tempo de carreira obtido nos dados, tem um desdobramento em “tempo de carreira docente na SEDUC Santos” e “tempo de carreira docente”, que na maioria dos casos é concomitante. O tempo, medido em anos, apontou para a carreira, na SEDUC Santos, uma média de 9,4 anos e para a carreira, em geral, média de 16,97 anos. O tempo máximo considerado para a primeira categoria foi 30 anos e para a segunda categoria 35 anos, determinados após análise das respostas que apresentaram esses limites.

Assim, revelamos que, em ambas categorias citadas, os sujeitos que se disponibilizaram a participar, percorreram em média 1/3 do tempo máximo apontado como possibilidade ou necessidade para completar o tempo de trabalho exigido para ter direito à aposentadoria. A marca aproximada dos 10 anos de carreira chama atenção pois nela são observados dados relevantes quando relacionamos as informações sobre o processo de sofrimento e prazer na carreira docente.

As intensidades do sofrimento e do prazer foram medidas, cada qual em relação a uma escala, graduada de 0 a 10. Optou-se por fazer duas escalas, em lugar de uma que fosse do sofrimento ao prazer, assim procuramos garantir a independência das medidas. Os dados estatísticos apresentaram a média para o grau de sofrimento de 4,42 (desvio padrão de 2,50) e a média para o grau de prazer de 6,76 (desvio padrão de 2,12). (Tabela 2). O fato do grau de prazer declarado ter sido superior ao grau de sofrimento, contrariou as expectativas iniciais nos nossos estudos, assim também a hipótese elaborada em relação às variáveis. Tendo em vista a inserção (da pesquisadora) no ambiente de trabalho e o contato cotidiano

com os problemas vividos pelos colegas professores, esperávamos que o sofrimento no trabalho fosse acentuado na categoria, e que ele predominaria em relação ao prazer.

**Tabela 2: Medidas descritivas das variáveis: Idade, Tempo de experiência docente, Tempo de carreira na PMS/SEDUC Santos, Por quanto tempo se afastou, Grau de sofrimento/frustração e Grau de prazer/satisfação.**

Variáveis	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
Idade (anos)	44,10	8,52	27,00	66,00
Tempo de experiência docente (anos)	16,97	7,75	2,00	35,00
Tempo de carreira na PMS/SEDUC Santos (anos)	9,40	7,24	1,00	30,00
Por quanto tempo se afastou (dias)	49,81	69,14	3,00	365,00
Grau de sofrimento/frustração (0 -10)	4,42	2,50	0,00	10,00
Grau de prazer/satisfação (0 -10)	6,76	2,12	0,00	10,00

Neste estudo foram apontados os graus de prazer ou sofrimento do trabalhador docente a partir dos dados obtidos com o propósito de refletir sobre os conceitos. Há o sofrimento que colabora com o sujeito, de modo estruturante, para reunir estratégias de resistência coletiva, e movimentá-lo numa busca criativa para a construção de soluções alternativas, encontrando o prazer de se deparar com um resultado esperado. Porém quando extenuadas ou anestesiadas frente às circunstâncias profissionais, algumas professoras parecem paralisar e não enxergar saídas, sem nenhum sinal de prazer em realizar seu trabalho, demonstrando frustração, insatisfação, desmotivação e desânimo. Os dados apontam que estas sensações de sofrimento são menos frequentes, dando lugar ao prazer, o que nos faz inferir mais uma vez o fato de que a amostra conta com as professoras em plena atividade, em seu ambiente, de certa maneira em pleno exercício de suas defesas.

Em relação às questões objetivas 28 e 29 – respectivamente “Indique, de 0(zero) à 10(dez), o seu grau de sofrimento/frustração atual, em relação à sua

carreira profissional. Sendo 0(zero) nenhum sofrimento e 10(dez) o maior grau de sofrimento” e “Indique, de 0(zero) à 10(dez), o seu grau de prazer/satisfação atual, em relação à sua carreira profissional. Sendo 0(zero) nenhum prazer e 10(dez) o maior grau de prazer”, observamos os seguintes dados no universo de 106 questionários obtidos com as professoras (Tabela 3):

**Tabela 3: Total de sujeitos para cada extrato do grau de sofrimento e prazer.**

<b>Variáveis</b>	<b>Total</b>
Grau de sofrimento entre 0 e 4	48
Grau de sofrimento entre 5 e 7	46
Grau de sofrimento entre 8 e 10	12
Grau de prazer entre 0 e 4	12
Grau de prazer entre 5 e 7	43
Grau de prazer entre 8 e 10	51

Os extratos foram assim distribuídos baseados nas medidas descritivas (Tabela 2) e nos valores encontrados após apuração em cada grau estabelecido. Essa distribuição permite observar certa relação entre os graus apontados pelas professoras. Destas, exatamente 44 (41,5% do total) indicaram graus entre sofrimento e prazer, complementares, ou seja, a soma dos graus indicados totalizou 10. Esta análise sugere que para alguns sujeitos, sofrimento e prazer são opostos, ou complementares; ou seja, não é possível que uma mesma situação lhes proporcione prazer e sofrimento no mesmo grau.

Surgiu também nesta mesma análise que 17 (16%) professoras atribuíram o mesmo grau de intensidade ao prazer e sofrimento; destas, 10 pertencem ao grupo acima de 44 professoras, pois atribuíram graus complementares, cinco para ambos.

Sobre a complementaridade observada nos dados, há uma importante referência que contraria em certa medida o que revelam as professoras em suas respostas. Segundo Dejours, “o sofrimento e o prazer no trabalho não são mutuamente excludentes, há possibilidade dinâmica da coexistência desses

estados”, na medida em que tanto um pode se transformar no outro, como ambos podem existir simultaneamente. Na verdade, o sofrimento, inerente à vida humana, pode tomar um caminho tanto patógeno quanto criador. (Dejours, 1992).

Esta análise corrobora, mais uma vez, com a nossa opção por uma escala de zero à dez para o sofrimento e para o prazer separadamente, e não por uma única escala que fosse do sofrimento ao prazer.

Ao analisar os dados com base no tempo, utilizamos a questão 5 *Tempo de carreira, em anos, na PMS/SEDUC Santos*, sendo considerado o primeiro intervalo entre 1 e 10 anos e o segundo entre 11 e 30 anos de serviço na PMS, levando em conta o universo total de 106 sujeitos (mulheres). O total de mulheres que pertencem ao primeiro intervalo de tempo é de 79, e o total para o segundo intervalo é de 27 mulheres, base da análise deste ponto em diante.

A Tabela 4 a seguir traz o resultado da associação das questões 5, 28 e 29. Nela observamos o Tempo de carreira na PMS (Q.5) com os graus de 0(zero) à 10(dez) para sofrimento (Q.28) e prazer (Q.29), respectivamente:

**Tabela 4: Dados de Tempo de Carreira (Q.5) X Grau de sofrimento/prazer (Q.28 e Q.29) com 3 extratos**

Variáveis	Sujeitos com tempo de serviço na PMS entre 1 e 10 anos		Sujeitos com tempo de serviço na PMS entre 11 e 30 anos	
		% (n=79)		% (n=27)
Grau de sofrimento entre 0 e 4	36	45,60%	12	44,40%
Grau de sofrimento entre 5 e 7	33	41,80%	13	48,20%
Grau de sofrimento entre 8 e 10	10	12,60%	2	7,40%
Grau de prazer entre 0 e 4	11	13,90%	1	3,70%
Grau de prazer entre 5 e 7	31	39,10%	12	44,40%
Grau de prazer entre 8 e 10	37	47,00%	14	51,90%

Esta parte da análise remete ao fato de que os sujeitos entre 11 e 30 anos de carreira apontam um grau de sofrimento entre 5 e 7 (médio), sendo também, percentualmente, o item com maior predominância (48,20%) entre toda a amostra. Em seguida, observa-se que 45,60% da amostra das professoras com tempo de

carreira entre 1 e 10 anos, responde um grau de sofrimento entre 0 e 4, ou seja, sugerem sofrer pouco, ou menos. Neste exato ponto da análise, parte da hipótese levantada parece se materializar, ou seja: os professores com menos tempo de carreira respondem um baixo grau de sofrimento. Entretanto, aumentando a lente, observamos que na categoria entre 11 e 30 anos de carreira, o menor grau de sofrimento (0 – 4) aponta 44,4%, índice próximo do acima exposto.

Seguimos as análises dos dados e quando alcançamos a faixa do grau de sofrimento entre 8 e 10, observa-se que percentualmente ele é predominante no tempo de carreira entre 1 e 10 anos, com 12,60%, ao lado dos 7,40% observados nos sujeitos entre 11 e 30 anos de carreira, o que significa dizer que o percentual de alto grau de sofrimento das professoras entre 1 e 10 anos de carreira é maior que as que possuem mais tempo de carreira. Em princípio estes dados parecem dialogar com algo que diz respeito à experiência e aos manejos desenvolvidos pelos professores ao longo da carreira, o que embora contrariando nossa hipótese inicial, traduz-se na realidade apresentada.

Os dois grupos de professores considerando o critério tempo de carreira, apresentam um fato comum, os extremos de mais prazer e menos sofrimento (positivos) são mais presentes que os extremos de menos prazer e mais sofrimento (negativos). Consideramos positivo e negativo uma referência à saúde ou doença, bem ou mal-estar. Todavia, neste ponto a hipótese da relação do tempo com o sofrimento é de certa forma derrubada, o que nos fez investigar estatisticamente com base em outros recursos.

A relação que nos parecia óbvia, toma outra forma no contato com os demais dados que revelam informações sobre o cotidiano do professor, uma relação sim com o tempo, mas com o tempo real, o agora, o que se concretiza no “chão da escola”, na sala de aula, dia a dia, trazendo prazer e sofrimento aos professores. A chamada *vida diária*, em situações que fogem ao controle e que colocam à prova a capacidade de enfrentamento (*coping*) dos professores. Na prática observada, se apresenta traduzida por exemplo por um rearranjo do espaço, criatividade no uso de materiais, solidariedade entre os pares, adiamento de algumas tarefas, subversão às regras e planos, entre outras estratégias.

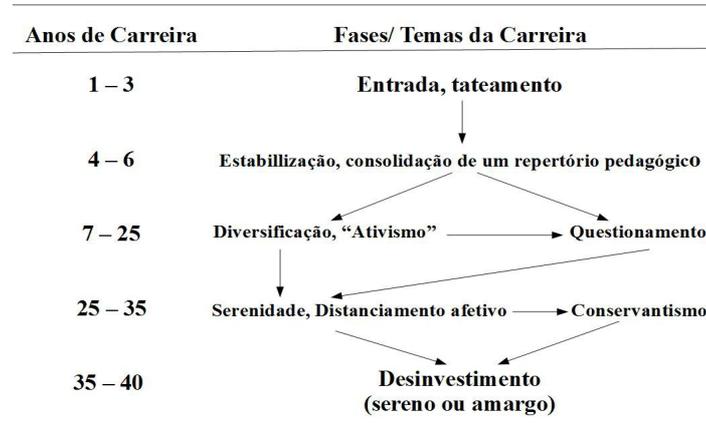
Há que se considerar o fato de que são muitas as formas encontradas pelos professores para enfrentar os conhecidos desafios do seu cotidiano docente, como mencionamos. Nos estudos 'Os Professores e seus mecanismos de fuga e enfrentamento', Santos (2006) afirma que,

Ao se utilizar formas inventivas de enfrentamento às adversidades, visando tornar viável o ambiente escolar, os professores demonstram um sinal de responsabilidade, de resistência e de criatividade ao transformar a adversidade em possibilidades de aprendizagens. (...) As estratégias são criativas, pois os professores têm de construir alternativas procurando superar as dificuldades. Instituir estratégias de fuga não significa algo menos criativo. Significa uma necessidade de 'afastamento' da dinâmica escolar visando ao menor esforço. Ambos os movimentos se dão a partir de uma luta estabelecida pelo sujeito buscando encontrar o bem-estar e o equilíbrio frente à atividade realizada (Santos, 2006, p.301).

Na busca pela relação tempo-carreira docente, vamos à Nóvoa (2013) e encontramos alguma pista para tal. Em suas pesquisas acerca da vida dos professores, o autor cita *fases*, numa perspectiva para além de mostrar um *modelo linear e monolítico*. Apontou, portanto, tendências centrais quer seja nos *motivos condutores*, quer seja na *ordenação* dessas fases ou ciclos.

A partir do momento em que falamos de uma sequência de fases a balizar a carreira docente, damos o flanco às críticas legítimas que põem em questão a existência de sequências pretensamente universais apesar das diferenças de condições sociais ou do período histórico. As sequências da vida seriam assim predeterminadas e invariáveis; toda gente passaria pelas mesmas fases, dentro da mesma ordem [...]. Num tal modelo ontogênico, só a idade cronológica determina o estado atual e a progressão de um estado a outro. Ora, é evidente que tal modelo não é válido. [...] há uma infinidade de fatores que necessariamente influem sobre o indivíduo ao longo de sua vida, de tal modo que uma sequência ou uma fase, pode resultar simplesmente das expectativas sociais ou da organização do trabalho. (Nóvoa,2013)

O modelo de fases elaborado por Nóvoa está apresentado na Figura 3, em forma de esquema.



Fonte: NÓVOA, A. (org.) Vidas de Professores. 2.ed. Portugal, Porto: Porto Editora, 2013  
**Figura 3. Percurso temático das fases da carreira do professor segundo Nóvoa (2013)**

Embora Nóvoa (2013) apresente a fase da diversificação com larga amplitude em relação às demais, entre 7 e 25 anos, nota-se que o período que se aproxima dos 30 anos invade a fase da serenidade/conservantismo, o que de alguma maneira dialoga com os nossos dados agora, que serão apresentados mais à frente, na Tabela 6 que traz a distribuição da variável “Importância dos fatores que considera contribuir para o prazer e satisfação do professor.

As questões 31 e 32 do instrumento, referem-se diretamente às fases da vida do professor das fases apresentadas por Nóvoa. Na Q.31 os sujeitos expressam se concordam ou não com a citação de Nóvoa sobre as fases da carreira docente. Nessa questão, 81 (76%) professoras afirmam concordar com o texto, e 25 (24%) não concordam. Das professoras que responderam não concordar, 21 ainda assim, assinalaram alguma alternativa para o ciclo, apenas 4 delas não responderam à questão 32.

Para a questão 32 (Q.32 *Identifique a fase em que você se considera*), apenas 7 (6,6%) professoras se identificam com as fases serenidade e conservantismo. Já 44% da amostra identificou-se na fase de questionamento.

As professoras entrevistadas enxergam nessas fases algum sentido, embora o contexto atual político, social e econômico as levou, de alguma forma, a responder massivamente que estão na fase de questionamento. Este resultado confirma o que

relata Nóvoa sobre a importância da organização da vida social na modulação das transições entre as fases, ou o destino de cada uma.

Abaixo seguem dados obtidos para a Q.32 na Tabela 5, extratificando com as fases propostas por Nóvoa, porém adequando-se ao limite da pesquisa, até 30 anos.

**Tabela 5. Total de professores a partir dos dados tempo de carreira (de acordo com a Figura 3) e fases.**

	EXPLORAÇÃO	ESTABILIZAÇÃO	DIVERSIFICAÇÃO	QUESTIONAMENTO	SERENIDADE	CONSERVANTISMO	DESINVESTIMENTO
1 – 3 (n=26)	5	2	3	14	1	0	1
4 – 6 (n=18)	4	2	6	5	1	0	0
7 – 25 (n=53)	6	2	9	26	4	1	5
25 – 35 (n=5)	0	2	0	3	0	0	0
	<b>15</b>	<b>8</b>	<b>18</b>	<b>47</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>6</b>

Notam-se coerências com as fases propostas por Nóvoa nas respostas de quatro professoras entre 1 e 3 anos de carreira ao identificarem-se na fase da exploração; de duas professoras entre 4 e 6 anos de carreira, que assinalam a fase da estabilização; das 26 professoras entre 7 e 25 anos de tempo de carreira que identificaram-se com a fase do questionamento. Na última faixa analisada com tempo de carreira entre 25 e 35 anos, considerando que a amostra tem limite em 30 anos, aparecem 5 professoras, das quais 2 identificam-se com a estabilização e 3 com o questionamento, não apontando nenhuma coerência com a Figura 3.

De um modo ou de outro, a fase do questionamento é evidente e preponderante entre os sujeitos. Para Nóvoa, esta fase tem suas características e origens de difícil definição, pois um grande número de professores colocam-se em questão, por longo período, sem ter clareza ou consciência daquilo que é posto em questão.

Visivelmente, trata-se de uma fase com múltiplas facetas, de tal modo pretender fazer-lhe corresponder uma definição redutora se torna tarefa difícil, se não mesmo ilegítima. Para uns, é a monotonia da vida cotidiana em situação de sala de aula, ano após ano, que provoca o questionamento. Para outros, e muito provavelmente o desencanto, subsequente aos fracassos das expectativas ou das reformas estruturais em que as pessoas participam energicamente, que desencadeia uma “crise” (NÓVOA, 2013).

Nesta fase, tão complexa e repleta de nuances, há fatores acionadores de sofrimento. O questionamento pode ser provocador de mudanças, num movimento individual, e em segunda instância, coletivo, no sentido de perceber as situações de prazer que confortam o dia-a-dia. Para aqueles em que a “crise” se torna crônica (ou permanente), instala-se, então, o sofrimento; porém, os dados apontam que os movimentos individuais ou coletivos de resistência são sobreviventes no atual contexto em que os docentes se encontram.

Com o propósito de investigar as causas que levam o professor ao sofrimento e ao prazer, incluímos as questões Q.22 e Q.23, solicitando que os sujeitos enumerassem de acordo com o grau de importância sendo 1 o mais importante, os fatores que contribuem respectivamente para seu prazer/satisfação e sofrimento/frustração, relacionados à forma de organização do trabalho que interferem nas individualidades e nas situações do coletivo. A seleção dos fatores foi inspirada em pesquisa bibliográfica, mas sobretudo nas já citadas teoria do estresse (Síndrome de Burnout), nas pesquisas de Nóvoa (2012), e nas nossas próprias observações diárias no convívio escolar. Dessa forma, após algumas discussões decidimos pelos fatores que dizem respeito aos afetos, à organização do trabalho e ao reconhecimento, como segue abaixo, do exato recorte do questionário:

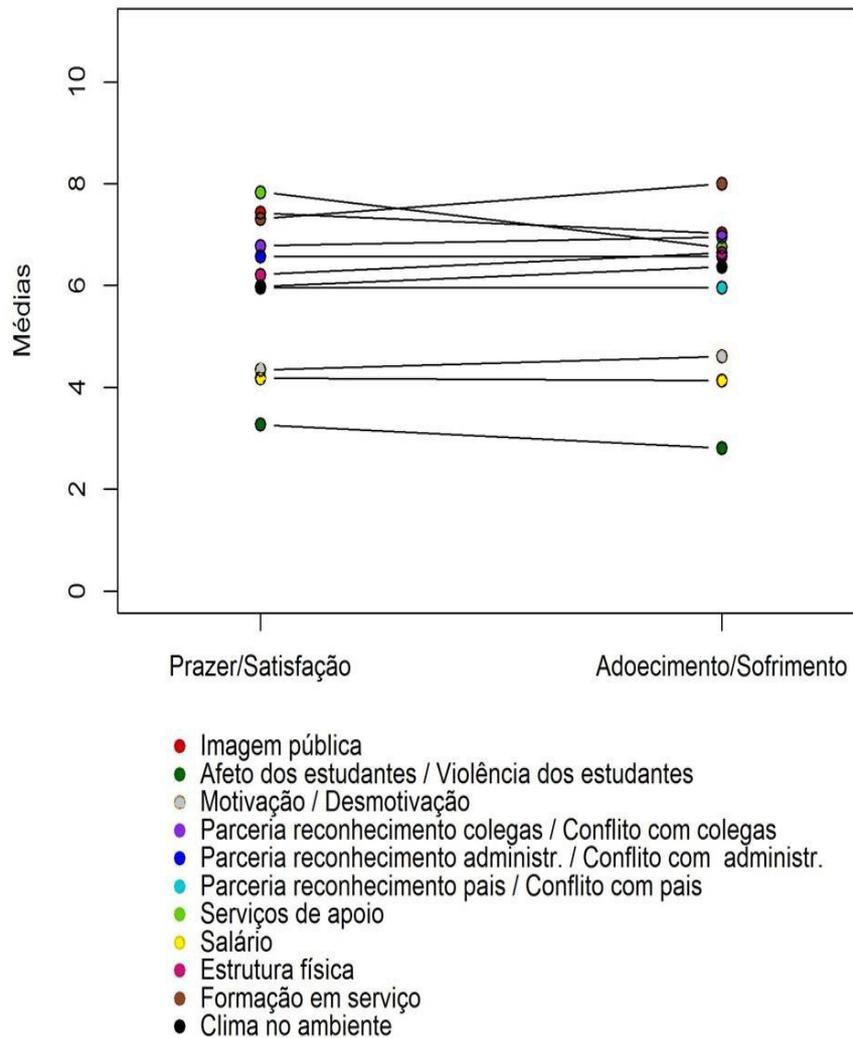
<p><b>Q.22 Enumere abaixo, do <u>mais para o menos</u> importante (de 1 a 11) os fatores que você considera contribuir para o prazer e satisfação do professor. Sendo o mais importante o número 1 e o menos importante o número 11.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Imagem pública positiva dos professores</li> <li><input type="checkbox"/> Afeto e respeito por parte dos estudantes</li> <li><input type="checkbox"/> Motivação na profissão</li> <li><input type="checkbox"/> Parceria e reconhecimento dos colegas</li> <li><input type="checkbox"/> Parceria e reconhecimento da administração</li> <li><input type="checkbox"/> Parceria e reconhecimento dos pais e comunidade</li> <li><input type="checkbox"/> Oferta de serviços de apoio para problemas profissionais</li> <li><input type="checkbox"/> Salário justo</li> <li><input type="checkbox"/> Estrutura física escolar adequada</li> <li><input type="checkbox"/> Investimento nas formações em serviço</li> <li><input type="checkbox"/> Clima favorável no ambiente de trabalho</li> </ul>	<p><b>Q.23 Enumere abaixo, do <u>mais para o menos</u> importante (de 1 a 11) os fatores que você considera contribuir para o adoecimento ou sofrimento do professor. Sendo o mais importante o número 1 e o menos importante o número 11.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li><input type="checkbox"/> Imagem pública negativa dos professores</li> <li><input type="checkbox"/> Ameaça e violência por parte de estudantes</li> <li><input type="checkbox"/> Desmotivação na profissão</li> <li><input type="checkbox"/> Conflito com os colegas</li> <li><input type="checkbox"/> Conflito com a administração</li> <li><input type="checkbox"/> Conflito com os pais e comunidade</li> <li><input type="checkbox"/> Falta de serviços de apoio para problemas profissionais</li> <li><input type="checkbox"/> Baixo Salário</li> <li><input type="checkbox"/> Estrutura física escolar inadequada</li> <li><input type="checkbox"/> Falta de investimento nas formações em serviço</li> <li><input type="checkbox"/> Clima desfavorável no ambiente de trabalho</li> </ul>
--	---

(Extraído *ipsis litteris* do questionário).

Após tratamento estatístico, à frente (Figura 4) mostramos a relação entre sofrimento e prazer, a partir dos citados fatores. A leitura desta imagem é feita a

partir da base, ou seja, quanto menor o valor dado, maior o grau de importância atribuído ao fator. No lado esquerdo da figura está o conjunto de fatores associados ao eixo prazer e no lado direito o conjunto de fatores associados ao eixo sofrimento. A análise é feita a partir da ligação entre os conjuntos. Assim, quanto mais horizontal estiver essa linha que liga ambos, mais relacionado diretamente estará com o grau de importância apontado, isso significa que o grau de importância atribuído ao fator é o mesmo tanto em relação ao prazer que ao sofrimento. Se a linha estiver inclinada para cima, significa que aquele fator é mais significativo na determinação do prazer, que do sofrimento. Por outro lado, se a linha estiver inclinada para baixo, significa que aquele fato representado pela linha, é mais significativo na determinação do sofrimento que do prazer.

A exemplo dessa análise tomamos o fator “Afeto ou Violência por parte dos estudantes” que aparece na parte inferior da figura, indicado na cor verde, por linha com leve inclinação para baixo. Essa posição de destaque, significa que esse fator é o primeiro em grau de importância para ambos conjuntos. Isto significa que para ambos os casos, os professores atribuíram o fator relacional com os estudantes como o de maior importância na interferência de seu estado em relação ao trabalho docente. Sendo que a predominância pesa no sentido do sofrimento, para o qual a média atinge o nível mais baixo (próximo a dois), ou seja, o grau máximo na determinação do adoecimento.



Fonte: Relatório Estatístico realizado por Felipe Granado – UNIFESP/2016  
**Figura 4. Perfis médios das variáveis “Fatores que considera contribuir para o prazer e satisfação do professor”**

Esses resultados, corroboram com as teorias e as pesquisas publicadas apresentadas (Codo (1999), Paro (2003)), uma vez que indicam a relevância do fator relacional no exercício e na vivência da docência. O fator afeto/violência supera a importância do fator salário que surge em segundo lugar, reforçando ainda mais a ideia. O trabalho docente se constrói e se recompensa nas relações cotidianamente construídas. Aqui talvez, cabe inferir o fato de que a frustração se dá quando da falência dessas relações, e nisto está imbricada a organização desta instituição que ao estabelecer modos de regulação, ou até mesmo levar à evidente precarização

dos espaços, colabora com o fato.

Educar exige que vínculos afetivos e emocionais sejam estabelecidos com o aluno, principal razão do ato do professor.

A realização desse afeto é interdita na medida em que a interferência do educador sobre o educando nunca pode ser completa, instalando a possibilidade inquietante (maior que em outras profissões) de perda de controle sobre o produto (aluno, grifos nossos), e, por essa via, de dúvidas sobre a sua competência profissional. Esse conflito, que só existe em tese, pode vir à tona em situações concretas. A perda maior ou menor do controle sobre o produto ou as dúvidas sobre a competência profissional só podem se fazer presentes na realidade do trabalho nas escolas. É no cotidiano da sala de aula que os educadores porão à prova sua competência na condução do processo ensino-aprendizado. Nesse embate cotidiano o vínculo afetivo e emocional com os alunos, será em maior ou menor medida “interditado” pela realidade do trabalho. (Codo, 1999, p.61)

A seguir, com base nas respostas das mesmas questões 22 e 23, temos as Tabelas 6 e 7, que mostram a distribuição variável para cada fator assinalado. Uma outra maneira de analisar os mesmos dados. Como dito, os sujeitos ordenaram os fatores de 1 a 11 de acordo com sua opinião a respeito da relação com o prazer ou sofrimento. Os dados estão organizados para demonstrar a frequência em que cada fator foi assinalado de acordo com o grau de importância a ele atribuído, de 1 a 11. Entre parênteses estão as porcentagens em relação ao universo total. A Tabela 7 traz os fatores em relação aos graus de sofrimento, seguindo o mesmo tratamento estatístico analisado na Tabela 6. As análises a seguir constroem-se a partir da observação fina a esses dados e na comparação entre eles.

**Tabela 6: Distribuição da variável “Importância dos fatores que considera contribuir para o prazer e satisfação do professor”**

Fatores	Grau de importância										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Imagem pública	6	5	5	6	8	9	10	4	10	16	24
Afeto dos estudantes	36	23	10	8	5	5	5	5	5	1	1
Motivação	19	23	16	7	3	8	10	8	5	3	2
Parc. Rec. Colegas	2	2	12	16	9	11	7	8	9	10	17
Parc. Rec. Administr.	0	5	9	12	14	6	16	16	9	11	5
Parc. Rec. País	4	10	6	15	10	14	9	11	15	7	2
Serviços de apoio	2	1	7	8	8	4	10	10	14	19	20
Salário	29	11	15	8	6	8	5	7	2	6	7
Estrutura física	0	13	12	8	8	12	12	14	8	10	6
Formação em serviço	0	1	4	9	12	17	12	10	15	11	12
Clima no ambiente	6	10	9	7	19	9	7	11	11	9	6

**Tabela 7: Distribuição da variável “Importância dos fatores que considera contribuir para o adoecimento ou sofrimento do professor”**

Fatores	Grau de importância										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Imagem pública	6	5	11	7	4	12	7	9	12	5	25
Violência dos est.	47	21	10	6	4	4	0	4	2	3	2
Desmotivação	18	22	16	7	9	6	9	6	6	2	2
Conf. Com colegas	0	3	4	20	8	13	5	10	19	17	4
Conf. Com administr.	2	1	10	9	20	8	15	12	10	8	8
Conf. Com país	2	10	6	13	15	17	8	13	7	10	2
Serviços de apoio	5	9	4	9	10	10	11	7	13	11	14
Salário	18	15	14	10	5	8	13	8	5	5	2
Estrutura física	2	8	12	8	7	6	16	11	10	16	7
Formação em serviço	0	2	4	5	13	6	15	9	6	17	26
Clima no ambiente	3	7	12	11	8	14	5	14	11	9	9

Ao analisarmos, por exemplo, o fator “Afeto dos estudantes” na Tabela 6, vemos que ele possui o maior valor correspondente ao grau de importância 1, com 34,6% da amostra, seguido do fator “Salário” com 29 respostas, correspondentes à 27,9% da amostra. Na mesma lógica, o fator Imagem pública parece não ter tanta importância para os professores no que diz respeito ao prazer e ao sofrimento, aparecendo em 23% da amostra como grau 11 (menor importância), seguido por “Serviços de apoio” com 19,4%.

A imagem pública do professor, assim como os demais fatores, tem relação com os contextos sócio-político e econômico. Há que se considerar, como já

descorrido, que a imagem do professor se constrói no percurso histórico e portanto inferimos que esta falta de importância a ela atribuída pode ter relação com o fato de que o professor considera sua imagem, diante de tantas desvalorizações e precarizações de sua profissão, não determinante para seu estado de prazer ou sofrimento. Ou ainda, manter-se distante desta reflexão, pode ser uma defesa para evitar o confronto com sua imagem. Numa segunda análise, inferimos que a imagem pública diz respeito àquela que, em geral, tem relação com a identidade do professor. Em como ele se constrói e se reflete na sociedade, a sua imagem de professor. Um constructo de formação, ação, reflexão a despeito do ser docente. Nesse sentido, relacionamos o que Codo (1999) afirmou,

Atualmente os professores estão vivendo uma crise de identidade. Aspectos estruturantes da identidade profissional dos educadores, como sua formação, o papel social da educação e das escolas estão sendo questionados. Ao certo, não se sabe como preparar hoje os educadores, não se sabe qual seria o papel da educação e da instituição escolar numa situação como a atual, caracterizada pela reestruturação do sistema capitalista e as brutais metamorfoses que acarreta ( a outra face da modernização). As certezas tradicionais parecem “desmanchar no ar”. (Codo, 1999, p. 60)

Assim como em resultados já apresentados, as Tabelas 6 e 7 apontam que “afeto” e “violência” por parte dos estudantes predominam como fatores de prazer e de sofrimento, respectivamente. E há significativa correspondência de perfis médios (Figura 4) entre eles. O fator salário aparece em segundo lugar para ambos casos. Esses fatores corroboram com a identificação de reconhecimento no trabalho, tema bastante explorado no âmbito da saúde do trabalhador. Porém, na lógica do reconhecimento, o item “reconhecimento e valorização por parte dos colegas” aparece como o fator de menor importância na consideração de uma carreira bem-sucedida, respondida pelas professoras na questão 24, que apesar de outra lista de fatores, ainda assim segue a mesma lógica das questões 22 e 23. Este é um argumento de relevância que mais uma vez confirma a intensidade existente na relação aluno-professor. Refletimos ainda que, a relação com o aluno está no centro da satisfação ou não do professor, e que embora as demais relações com colegas, gestores e comunidade não apareçam com alto grau de importância, ainda assim

são importantes. Observar, escutar e estar atento ao que pensam e falam os professores a respeito das relações presentes em seu ambiente, pode trazer ainda mais consistência ao que apontam as teorias visitadas.

O fator “oferta e investimento em serviços de apoio” é assinalado como menos ou pouco importante para determinar o sofrimento (Tabela 7). Cabe-nos dizer que os serviços de apoio, de certo traduzidos como ações preventivas preconizadas pela teoria do estresse, parecem não ser essenciais para o olhar dos professores. Outrossim, há que se analisar qual experiência ou conhecimento esses professores pesquisados têm acerca dos serviços de apoio disponíveis, e quais são e como acessá-los.

A esta altura em que se encontra a organização, nos faz inferir que para o professor o cotidiano intra-escolar a que já nos referimos, este sim tem muita importância para seus estados de prazer e sofrimento.

Na questão 30 (*Escreva prontamente na sua opinião, no mínimo 1 e no máximo 3 ações que poderiam melhorar suas condições de trabalho docente na escola onde atua*), os professores tiveram espaço para escrever livremente suas opiniões, sem o aparato de alternativas ou sugestões. Nas respostas obtidas encontramos vários pontos convergentes com demais respostas como reconhecimento por parte dos alunos, melhoria de salário, melhores condições estruturais e materiais.

Porém uma resposta repete-se em 49 questionário, aproximadamente 50% da amostra, trata-se do expresso desejo que os professores têm em relação à redução do número de alunos por sala, hoje uma realidade notória nos bancos da escola pública de educação básica. Atualmente é possível encontrar salas de aula de 1º ou 2º anos do ensino fundamental, com 35 alunos e um professor. Estes anos são bastante significativos para exemplificar, pois nesta fase ocorre a alfabetização, que na perspectiva sócio-interacionista exige do professor uma atenção diferenciada e atenta a cada aluno, valorizando as habilidades ali presentes. E com este número e as atuais condições da educação, é notável a legitimidade desse desejo apontado pelos professores. Neste tocante emerge uma discussão pela qual já difundimos sobre a qualidade ofertada pelo segmento. Se de um lado os planos e metas primam

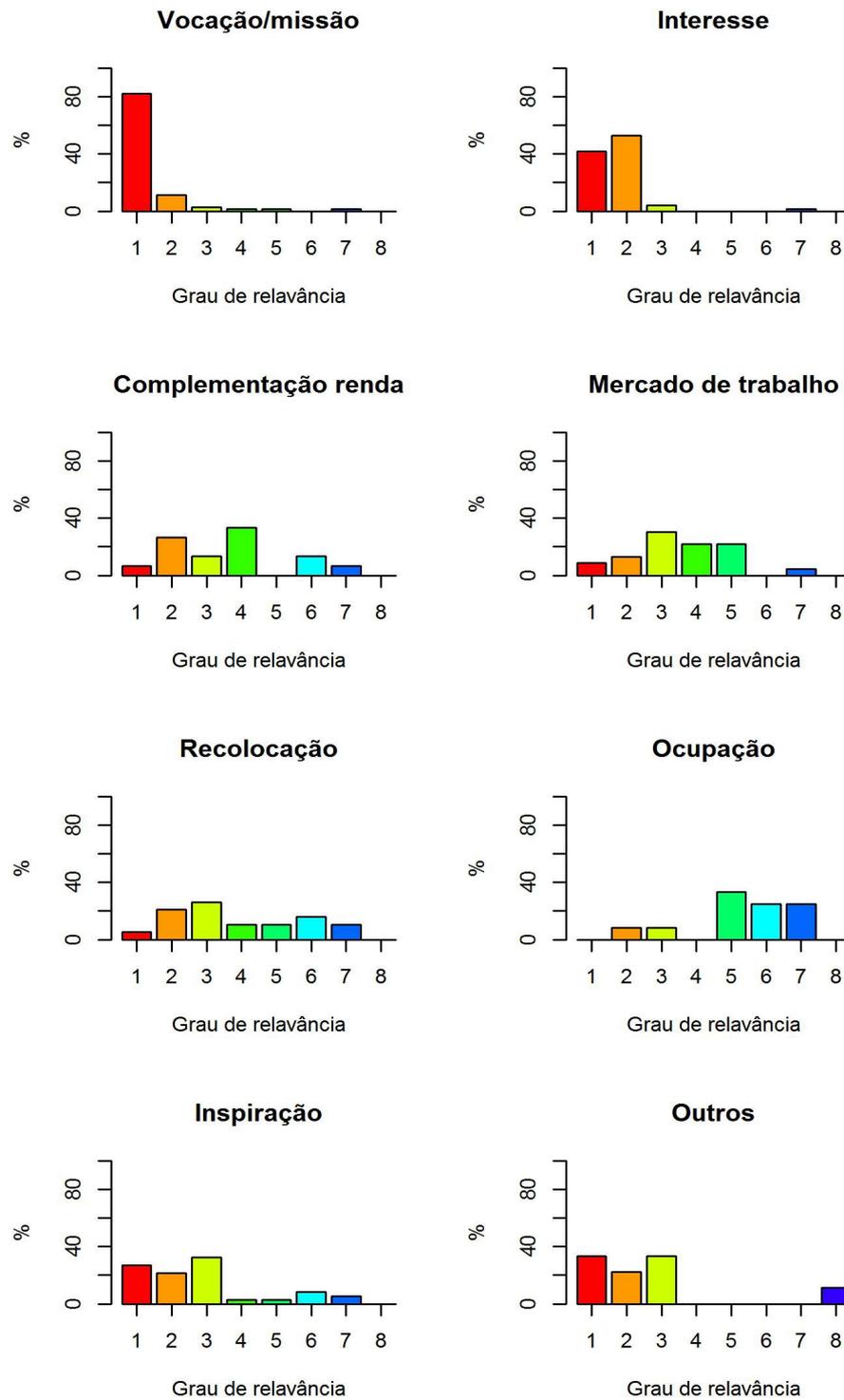
pela adesão, ou seja: todos na escola, de outro, é reconhecido que este número não se pratica com qualidade de atendimento. Estar à disposição deste sistema que contabiliza número de alunos em primazia, de certa forma atinge os professores sendo um fator de estresse e sofrimento para eles. O professor sente-se talvez frustrado em não atingir sua meta de qualidade de atendimento nessas condições, sobretudo considerando a realidade acelerada a que todos estão submetidos, exigindo cada vez mais atenção diversificada e individualizada a alguns alunos. O cotidiano é severamente afetado por isso. Temos talvez, uma boa pista para uma iniciativa gestora eficiente no sentido de otimizar as condições de trabalho dos docentes, garantindo mais prazer à sua prática.

#### **4.2 Carreira docente, uma questão de vocação**

Ao buscarmos os elementos no entorno da carreira docente, nos deparamos com a necessidade de observar quais os motivos que levam o sujeito a optar por esta profissão. A caminho desta ideia, elaboramos a questão 12, baseada em observação e referências acerca da carreira. Solicitamos que os professores indicassem a partir do número 1, sendo este o mais relevante, os motivos que o fizeram escolher a carreira docente. A questão contém a observação de que nem todos os itens necessitam ser indicados, mas ao menos um. São eles, nesta ordem:

- Vocação/missão
- Interesse pela carreira
- Complementação de renda
- Atração pelo mercado de trabalho
- Recolocação Profissional
- Ocupação em tempo livre
- Inspiração por parte de pais/familiares
- Outros: \_\_\_\_\_

A partir desses dados, observamos a Figura 5, a seguir.



Fonte: Relatório Estatístico realizado por Felipe Granado – UNIFESP/2016  
**Figura 5. Conjunto de distribuição da variável Motivos que fizeram escolher a carreira docente**

O motivo “Vocação/missão” foi eleito, por 45 sujeitos (43%) - quase a metade da amostra, como sendo de maior relevância para a escolha da carreira, seguido de “Interesse pela carreira” atribuído por 21 sujeitos (20%). Ao encontrarmos esses dados, analisamos que muito do que tratamos, estudamos, conjecturamos a respeito da profissão docente, foi então exposto. A afetividade que ocupa lugar relevante na profissão, ao lado do percurso histórico, desde as mais distantes épocas, além de tantos fatores que transcendem a habilidade técnica da profissão, evoca o professor de um modo especial para ser docente e permanecer no tempo para além de si.

Segundo o dicionário da língua portuguesa, “vocacionado é aquele que é chamado a algo, tem a missão e parte dela é mantida e tem sentido pela memória; é inspirado por aquilo que se mantém como legado” (Ferreira, A. 1999).

Rumo a um passeio por alguns importantes aspectos da história da educação, sobretudo no Brasil, podemos encontrar certos sentidos nesses dados como já descritos anteriormente. Severino, em 1986 ao criticar os cursos de formação de professores por não atingirem o êxito esperado no objetivo formador, afirmou,

O estatuto técnico-profissional do magistério, apesar da longa tradição funcional, não está ainda claramente definido. A prática docente quando não fica à mercê do espontaneísmo, decorrente de um suposto dom natural, está entregue a um tecnicismo didático demasiadamente mecânico. A formação dos educadores durante séculos, encontrou seus fundamentos na metafísica e na ética tradicionais, com fortes matizes religiosos. (Severino, 1986, p.12)

Sobre o citado espontaneísmo, refletimos que ele parece ter se esvaído ao longo do tempo e frente às exigências do atual contexto da profissão. Estudantes e professores esvaziados de espontaneidade, parecem violentar sua natureza, ou reagir com violência, e não ter corpo ou mente suficientes para enfrentar a realidade escolar sozinhos, com mais prazer e menor sofrimento. Mas, empenham-se como podem enfrentando a falta de clareza técnica que ocupa a funcionalidade da profissão.

Segundo Reses (2008), encontram-se na prática docente do Brasil, duas tendências. No primeiro momento, quando a igreja ainda representava um

importante espaço de disputa ideológica nos conflitos político-religiosos, informando e modelando as práticas no mundo contemporâneo. Neste sentido, vocação e sacerdócio eram as principais fontes de sentido que expressavam o significado da prática docente. A concepção de magistério como vocação/sacerdócio foi construída por razões político-religiosas conservadoras e autoritárias. A origem dessa concepção pode ser buscada no século XVI, quando se abriram escolas elementares para as camadas mais populares da sociedade. O ensino nessas escolas visava, sobretudo, a leitura dos textos religiosos e, com isso, à “manutenção da influência que a igreja exercia sobre os intelectuais e grande massa da população” (Reses, 2008).

De 1830 até quase vinte anos mais tarde, esse ensino pautou-se num discurso ressignificado, um discurso “liberal moderno”, o que marca o início de um segundo momento. Vejamos,

É o surgimento de movimentos de professores que se caracterizavam pela adoção de princípios liberais; pela luta por organização profissional e especialização de funções não-escolares, pela busca de autonomia da categoria; e pela emancipação da tutela do Estado e da Igreja. (Reses, 2008, p.43)

Ainda assim, muitos elementos do ensino pautado em princípios da Igreja (católica) rodearam a profissão docente, e seguem rodeando, a exemplo de muitas instituições brasileiras de ensino fundadas sob certas égides religiosas (Reses, 2008).

Reses afirma que são vários os adjetivos aplicados quando falamos do trabalho docente. É comum usar palavras como fé, crença e missão, explicitando diversas manifestações de sentimento, nem sempre diretamente relacionadas a certa religião. É o que revela Sólton Borges dos Reis na publicação da Revista do Professor de 1958, ao relatar o discurso de um ex-dirigente do CPP (Centro do Professorado Paulista) na década de 1950, centro este que representava uma referência de organização do corpo docente para todo o país. Nessa mesma revista, Alberto Ferreira Giúdice redige um artigo onde são ressaltados os critérios para a eficiência do docente. Parte do discurso traz,

Para ser professor, não basta ser um técnico. É preciso antes e acima de tudo, ser um crente. A obra da educação produz-se à base de contágio. E só aqueles que sentirem vibrar em si a alma da missão para cumprir, estarão em condições de contagiar terceiros, no desempenho árduo, mas abençoado e fecundo da tarefa do educador. Os educadores brasileiros têm fé na obra da educação. Eles acreditam que para sua execução prática vale a pena destinar todos os recursos com que possa contar o orçamento da Nação, dos Estados e dos Municípios (Reis, 1958:5).

Encontramos relação do aspecto vocacional da carreira docente com o fio condutor dos estudos relacionado aos conceitos de tempo, sofrimento e prazer. Aspectos característicos da carreira, chamam às pesquisas no que diz respeito à construção do ser professor. É importante observar que muitas são as nuances para tal, daquilo que vem antes, durante e depois de ser docente. Pimenta (2011) afirma,

O que se pesquisa e produz sobre professores e seus fazeres é tido a partir de lugares outros, por olhares outros, sendo os professores colocados em segundo lugar tanto daquilo que produzem como daquilo em que se tornam. Trazer fatores de prazer ou sofrimento deve estar conectado a algo muito mais subjetivo e profundo do ser professor e de como se torna este, requer um mergulho e “encostamento” no pensamento antes, durante e depois do seu fazer e compor-se no sujeito professor. A busca pela eficácia do ensino, pelo melhor método, tornará o ato educativo algo para além do professor e portanto, trazendo-lhe a sensação de que algo é preciso ser atingido, um ideal e um máximo, contemplado por afetos, manejos, traquejos para os quais ele próprio não dá conta e enfrenta a frustração, o sofrimento. Neste estado, como numa espécie de derradeira ou vale-tudo, encontra-se com o dogmático, a fé, o invisível poder sobrenatural, pode conceder-lhe inspiração e recurso para superar a frustração e converter sofrimento em compensação. (Pimenta, 2011, p.114)

Analisamos, portanto, que os professores do nosso estudo evocam elementos com profundas raízes de tempos atrás. Em consonância com o exposto, algumas repostas trazem a palavra FÉ atribuída ao sentimento que lhes toma quando saem para trabalhar (questão 21). Dando sentido à relação que esses profissionais fazem com a fé e o exercício cotidiano de seu trabalho docente.

Aprofundar as análises quanto à formação do professor poderia trazer respostas mais consistentes à essa questão vocacional, porém não sendo objeto

deste estudo, tratamos de explorar o contorno da situação, afinal demandaria um longo estudo apenas com o esse tema que já conta com vastos referenciais em estudos e pesquisas.

A seguir, daremos o tratamento e as relações que surgem na análise das palavras emitidas pelos professores, sujeitos desta pesquisa, o que dará mais contorno ao estudo.

### **4.3 Jogo de palavras**

Este momento da análise é, talvez, uma das peculiaridades que o método adotado trouxe à pesquisa. Como num jogo, as palavras em cada situação solicitada, desabrocham em sucessivas ideias a respeito da carreira, do prazer e sofrimento e do tempo desse coletivo docente. Mais do que analisar a frequência com que elas surgem, está a forma que tomam tendo como norte as análises sobre o sentido do trabalho/carreira expresso por associação livre de palavras, construindo quadros que descrevem como uma espécie de instantâneo, os sentimentos dos professores em relação a esses aspectos, uma relação inspirada na perspectiva psicanalítica, que tem em sua prática o uso da associação livre de palavras, bem como pesquisas feitas em psicologia social, sobretudo sob o âmbito das representações sociais.

As representações sociais são definidas como um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas nas comunicações interpessoais do cotidiano. São constituídas por elementos simbólicos que as pessoas expressam mediante palavras e gestos. No uso de palavras, por meio da linguagem oral ou escrita, as pessoas explicitam o que pensam, como percebem as situações, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, e que expectativas desenvolvem a respeito de questões por vezes antagônicas. As representações que desenvolvemos “[...] são também instituições que nós partilhamos e que existem antes de nós termos nascido dentro delas; nós formamos novas representações a partir das anteriores, ou contra elas” (Moscovici, 2003, p.319).



de palavras trouxe o resultado que surge na Figura 7 e são as seguintes palavras, nesta ordem, REALIZAÇÃO, AMOR, COMPROMISSO, seguida por DEDICAÇÃO, em igual frequência.

Para as figuras notamos que a mudança da frequência da palavra REALIZAÇÃO é considerável, seu tamanho em relação às demais é o que mais sofre alteração. A palavra COMPROMISSO aumenta enquanto DEDICAÇÃO diminui, sugerindo que aquilo que era dedicação pode ter se transformado em compromisso. As palavras ALEGRIA, APRENDIZADO E VOCAÇÃO aparecem, no segundo momento, com o tempo entre 11 e 30 anos; já a palavra PACIÊNCIA desaparece.

A amostra das professoras que têm entre 1 e 10 anos de carreira, contém aquelas que ainda não atingiram a estabilidade, alcançada após três anos de carreira, conforme explicitado anteriormente. Esta afirmação nos remete ao fato de que é preciso dedicação e compromisso para garantir o sucesso deste período, denominado probatório. Embora, estas palavras matem-se presentes durante todo o tempo de carreira, configuram outra importância, dando lugar à realização, por exemplo. A estabilidade profissional peculiar do serviço público, como já dito, traz certo sentimento de segurança, uma situação por vezes distinta da realidade privada de ensino. Fazemos ainda um paralelo com as fases de Nóvoa acerca do ciclo de vida docente, que aponta que os profissionais ao ingressarem na carreira passam por uma fase de exploração. À medida que o tempo de carreira avança, esta segurança aumenta e a exploração, ou a sua percepção, diminui.

Em outro formato, comparamos as categorias de tempo, em relação às palavras evocadas em relação à carreira. Os dados a seguir ordenam as frequências das palavras numa espécie de ranking, complementando as figuras 6 e 7. Foram incluídas nessa tabela as palavras mais preponderantes (frequentes), em cada grupo.

Tabela 8: Ranking das palavras relacionadas ao tempo de carreira.

TEMPO DE SERVIÇO NA PMS ENTRE 1 E 10 ANOS n=79	TEMPO DE SERVIÇO NA PMS ENTRE 11 E 30 ANOS n=27
1º DEDICAÇÃO	1º REALIZAÇÃO
2º COMPROMISSO	2º AMOR
3º AMOR	3º COMPROMISSO
4º REALIZAÇÃO	4º DEDICAÇÃO

As palavras sugerem uma divisão entre sentimentos positivos e negativos. Mais à frente, com a relativização dos dados, observamos que esse não é um aspecto fechado em si, é preciso dar contexto para ter sentido. A exemplo, temos a palavra AMOR que surge como resposta às duas questões e pode, em princípio, sugerir apenas os bons sentimentos.

Aproveitando a permissão que o jogo de palavras traz, mostramos algumas definições de amor para refletir. Do latim, *amare*, *amor*. Na língua portuguesa, a palavra amor permaneceu com a mesma grafia do latim: *amor*. Originalmente, o termo latino *amor* era utilizado para designar o sentimento de “gostar de algo ou alguém”, sentir afeição, desejo ou preocupação. Alguns autores afirmam que a possível origem para a palavra latina *amor* é uma base Indo-Europeia, que ajuda a formar várias palavras do latim, normalmente palavras ligadas a crianças ou ao cuidado com crianças. É o caso da palavra *amita* que quer dizer “tia” e da palavra *mater*, que quer dizer “mãe”. Outros estudiosos referem que na raiz do verbo que designa *amor* em latim está impressa a ideia de plantar, semear. A união íntima entre um homem uma mulher simbolizaria isso, por exemplo. Atualmente, a palavra *amor* possui diversas acepções, desde a ideia de adoração e devoção, até a atração baseada na atração sexual.

"Amor é fogo que arde sem se ver,  
é ferida que dói, e não se sente,  
é um contentamento descontente,  
é dor que desatina sem doer." (Camões)

Codo (1999), ao analisar a afetividade na relação professor-aluno, apresenta interessante relação com a sedução que, com certo desdobramento, dialoga com a palavra AMOR da nossa pesquisa.

Através de um contato tácito, onde o professor se propõe a ensinar e os alunos se dispõem a aprender, uma corrente de elos de afetividade vai se formando, propiciando uma troca entre os dois.[...] Entre outras palavras, o papel do professor acaba estabelecendo um jogo de sedução, onde ele vai conquistar a atenção e despertar o interesse para o conhecimento.[...] Esta sedução, envolve um enorme investimento de energia afetiva, canalizada para a relação estabelecida entre aluno e professor. (Codo, 1999, p. 51)

O amor pode representar o resultado bem sucedido desta energia canalizada para a relação aluno e professor. Porém, podemos ter a referência de que amor pode estar relacionado a um sentimento de preocupação, e este pode sugerir algo positivo ou negativo, leve ou pesado, uma relação que cada indivíduo fará a partir de sua definição de amar. Enfim, dada esta argumentação, seguimos para as análises obtidas. As figuras e resultados discutidos estão organizados em tempo de carreira e as palavras para cada questão distintamente. Em seguida, analisaremos as relações.

É possível afirmar que os sentimentos em relação à carreira carregam certas forças que ao confrontarem-se com organização do trabalho, com seus próprios estados, e as situações sociais, provocam prazer e sofrimento. Nem tanto pelo efeito do tempo, mas pela situação ali experienciada. Os dados demonstram uma curiosa inversão das palavras que embora sejam as mesmas, aparecem em ordem inversamente proporcional.

Como observado, DEDICAÇÃO é a palavra de ordem entre os mais novatos, porém ocupa o quarto lugar para os mais experientes. O mesmo acontece com a palavra REALIZAÇÃO. AMOR e COMPROMISSO numa inversão menor, ocupam os segundo e terceiro lugar.

O efeito do tempo nos sentimentos em relação à carreira pode estar em parte desvendado pelos dados acima. Com o passar do tempo, como parece ser esperado, o sujeito alcança um certo sentimento de REALIZAÇÃO, palavra recorrente nas duas categorias de tempo – carreira e idade. Analisamos que a

realização pode estar ligada ao fato de que ao alcançar certo tempo de carreira ou certa idade, o professor alcança também certos benefícios, que poderiam ser considerados como recompensas regalias próprias desta condição. Os sujeitos em início de carreira empenham certa energia, dedicando-se para que possam alcançar os resultados esperados e a palavra AMOR, que aos poucos vai perdendo importância, parece estar ligada ao ideal projetado pelos mais novos de idade e na carreira.

A peculiaridade dessa profissão aparece, mais uma vez, expressa nestes dados. Há relação entre a razão de escolher esta carreira e os sentimentos apontados acima. Ora, se o sujeito se sente vocacionado a ser professor, segue envolto de compromissos, imprime dedicação e espera realizar-se, afinal, isto faz parte de algo definido como missão. Outros profissionais podem carregar estes sentimentos quando pensam em suas carreiras, mas a docência o compreende de forma única, pois misturam-se com afetos e subjetividades presentes neste contexto em particular. Vejamos Codo (1999),

Todo trabalho envolve algum investimento afetivo por parte do trabalhador, quer seja na relação com os outros [...] ou com o produto do trabalho. Mas, o caso do professor é diferente, a relação afetiva é obrigatória para o próprio exercício do trabalho. [...] O objetivo do trabalho do professor é a aprendizagem do aluno. Para isso, muitos fatores são necessários. Capacidade intelectual e vontade de aprender do aluno, conhecimento e capacidade de transmissão dos conteúdos por parte do professor, apoio extraclasse por parte dos pais e tantos outros. Entretanto, existe um que funciona como o grande catalizador: "a afetividade" (Codo, 1999, p.17).

Na sequência, apresentamos as figuras 8 e 9 que relacionam o tempo de carreira com a questão 21 sobre o sentimento ao sair de casa para trabalhar "hoje". Nessa questão, o tempo é delimitado e se refere a um momento preciso da jornada de trabalho - da transição entre o lar e o trabalho, no início do dia - intencionando as possíveis relações das respostas obtidas com o estado real do sujeito, no momento em que respondeu ao questionário.



Ainda sobre o cansaço e sua relação com o bem ou mal-estar docente, para Dejours (1992)

(...) a saúde para cada homem, mulher ou criança é um meio de traçar um caminho pessoal e original, em direção ao bem-estar físico, psíquico e social. A saúde, portanto, é possuir esses meios (...) O que significa possuir esses meios e o que é esse bem-estar? Creio que para o bem-estar físico é preciso a liberdade de regular as variações que aparecem no estado do organismo; temos o direito de ter um corpo que tem vontade de dormir, temos o direito de ter um corpo que está cansado (o que não é forçosamente anormal) e que tem vontade de repousar. A saúde é a liberdade de dar a esse corpo a possibilidade de repousar, é a liberdade de lhe dar de comer quando ele tem fome, fazê-lo dormir quando tem sono, de fornecer-lhe açúcar quando baixa a glicemia. É, portanto, a liberdade de adaptação. Não é anormal estar cansado, estar com sono. Não é talvez, anormal ter uma gripe, e aí vê-se que isso vai longe. Pode ser até que seja normal ter algumas doenças. O que não é normal é não poder cuidar dessa doença, não poder ir para a cama, deixar-se levar pela doença, deixar que as coisas sejam feitas por outro durante algum tempo, parar de trabalhar durante a gripe e depois voltar. Ao desejo de cada um na organização de sua vida. E por bem-estar social, cremos que aí também se deve entender a liberdade, é a liberdade de se agir individual e coletivamente sobre a organização do trabalho, ou seja, sobre o conteúdo do trabalho, a divisão de tarefas, a divisão dos homens e as relações que mantêm entre si. (Dejours, 1992, p.11)

O sofrimento pode se expressar de muitas formas. A frequência da palavra cansaço pode de certa maneira remeter aos processos de sofrimento vividos pelos sujeitos com eventuais doenças depressivas, Síndrome de Burnout, por exemplo. Paparelli (2009), apresenta o conceito de trabalho impedido que talvez explique certo sofrimento, o que dialoga em certa medida com nossos dados; o cansaço pode estar ali expresso nas situações de impedimento do professor, onde ele já não encontra mais recursos para superá-las. A autora afirma que,

As professoras entrevistadas referem-se ao seu trabalho como um trabalho impedido de acontecer, situação que traz vivências de intenso sofrimento mental e que são nomeadas de diversas formas: mal-estar, angústia, desgosto, desânimo, cansaço, desestímulo, tristeza. O trabalho impedido do professor é entendido como sendo [...] motivar os alunos a aprenderem utilizando as estratégias inovadoras que vêm aprendendo a programar, verificar a aquisição de conhecimento por parte dos alunos e sua transformação em uma direção planejada (Paparelli, 2009).

Codo nos lembra que estamos falando de educadores de escolas públicas brasileiras, onde há todo tipo de diversidade e adversidades no que se referem aos

estudantes.

A demanda afetiva exigida por esse alunos é bastante intensa e pode colocar o indivíduo (professor) numa posição delicada, onde a tensão entre estabelecer ou não o vínculo assume grandes proporções e desencadeie um conflito extramamente doloroso (Codo, 1999, p. 59).

A consequência desta tensão redirecionada para o próprio trabalhador é o sofrimento. Os sintomas podem ser notados a todo momento, traduzidos em irritabilidade, dores, cansaço. (Codo, 1999). Pelo menos cinco professoras ao responderem à questão 30 (Escreva 3 ações que poderiam melhorar suas condições de trabalho), o fizeram complementando com comentários como “não aguento mais”, “é muita bagunça”, “muito barulho”, “me irrita”. Esse é um registro tácito do que surge na literatura, expresso na realidade.

O grau de sofrimento e prazer apontado pelos sujeitos, porém não corrobora por completo a hipótese do efeito direto do tempo no sofrimento. O sofrimento docente parece estar bastante ligado aos afetos construídos durante a trajetória profissional, dentro do seu cotidiano, o que pode justificar o fato de que, apesar de cansadas, as professoras sentem prazer em suas tarefas, um pouco para além do sofrimento.

A partir das experiências e contatos com colegas que foram decorrentes do pretexto da pesquisa, as professoras explicaram que ao ingressar na carreira fizeram inúmeras projeções do ideal, atravessadas pela missão de ser docente, pela crença de que através de suas mãos poderiam transformar pessoas e lugares em algo “melhor”. Acreditam que sua amorosidade e capacidades afetivas são suficientes para concretizar o sonho de transformação do ser humano. Ao depararem-se com o real da carreira docente, com o tempo, as professoras substituem seus sonhos por projetos concretos ainda pautados no afeto, porém “engolidos” pelas urgências que a escola demanda, forçando ações recheadas de criatividade para não sucumbir às frustrações. Inventar o prazer em seu trabalho, extraindo o que há de melhor “possível”, mesmo invisível, é a estratégia de muitas profissionais.

Ao notar a palavra FÉ nas respostas diretas sobretudo no quadro de sujeitos

com maior tempo de carreira, percebe-se a ilustração de algumas de nossas reflexões. É como se de modo simplista entendêssemos a carreira docente com o seu ingresso marcado pela vocação de estar à disposição de transformar seres humanos, baseado no amor (afetos) e mais adiante desvela-se um caminho que se sustenta e mantém acesa esta vocação evocando-se a FÉ. Assim, é possível justificar, talvez, o grau de prazer revelado pelas professoras com maior tempo de carreira. Conjecturamos também que o apelo da fé está relacionado às pessoas com mais idade, pois em geral são elas que compõem o grupo dos que têm mais tempo de carreira.

As próximas figuras (10 à 15) são resultado das análises feitas a partir dos graus de sofrimento ou prazer indicados nos questionários- questão 28 e 29, e das palavras expressas na questão 6 (carreira).

A palavra DEDICAÇÃO, assim como no extrato tempo de carreira, aparece de forma expressiva. No que diz respeito à carreira – questão 6, ela vem ao lado de outras: COMPROMISSO, AMOR E REALIZAÇÃO. Ao afinar o foco é possível perceber que a palavra DEDICAÇÃO aparece em destaque nas respostas dos sujeitos que apontam baixo grau de prazer e alto grau de sofrimento. Já a palavra COMPROMISSO ao lado de REALIZAÇÃO aparece para os que apontam alto grau de prazer e baixo grau de sofrimento. Em paralelo com as análises acima, a palavra COMPROMISSO reafirma-se mais para o campo das forças positivas, já DEDICAÇÃO demonstra o oposto nesta situação. Neste ponto consideramos tais resultados preciosos, pois sugerem que as professoras parecem construir mentalmente sentimentos ou conceitos que colaboram como defesas para que elas consigam trabalhar; como se pudessem vencer com dedicação as situações de pouco prazer e muito sofrimento, e por outro lado situações de muito prazer e pouco sofrimento estariam ligadas à realização.

Observamos certa congruência das palavras frequentemente usadas pelos professores, com estreita relação nos afetos presentes na ação docente, quando comparamos as análises já realizadas, nas questões 22 e 23, pois indicam a importância das relações afetivas estabelecidas entre professor e aluno como fatores de importância para os processos de sofrimento e prazer. Percebemos que



Ao considerar os dados da Tabela 4, em conjunto com as nuvens de palavras (Figuras 10 a 15), percebemos que a palavra DEDICAÇÃO é predominante entre os sujeitos com baixo grau de prazer/satisfação e alto grau de sofrimento/frustração. Para os que apontaram graus entre 5 e 7, tanto para prazer como para sofrimento, há também uma relação com números bem próximos de sujeitos e com destaque para a palavra DEDICAÇÃO seguida de AMOR, sendo esta mais relevante no que tange ao prazer, aparecendo um pouco menor na figura do sofrimento, como em análise acima.

Ao observar as palavras referentes aos graus de alto prazer (8-10) e baixo sofrimento (0-4), COMPROMISSO, seguido de REALIZAÇÃO, AMOR, DEDICAÇÃO que ocupam o espaço gráfico de uma forma mais distribuída, a frequência tem certa repetição entre as palavras. A licença pelo uso do “quase óbvio” está no fato de que, como discorreremos, há um efeito complementar nas repostas, ou seja: a maior parte das respostas aponta graus de prazer e sofrimento que se completam, permitindo também inferir uma relação inversamente direta, ou seja, à medida em que um sentimento aumenta o outro diminui.

O destaque aqui, no entanto, está no fato de que, ao olhar este instantâneo, ocorre a sensação de uma categoria com maior grau de prazer do que sofrimento, que contraria de certa forma as expectativas como já mencionado; e que os sentimentos, no entorno desses processos, ao refletir sobre suas carreiras, sugere profundos sentimentos muito além da execução de um trabalho, embutidos de subjetividade desse ser docente, confirmando outros estudos que mostram a importância da relação com outro, para esta profissão.

Em seguida observamos a relação entre os graus de prazer/satisfação e sofrimento/frustração com as palavras referentes ao sentimento ao sair de casa para trabalhar, respondidas pelas professoras, demonstradas nas figuras 16 a 21. Nestas análises, o destaque fica com a palavra CANSAÇO, com exceção da Figura 16 em que o grau de prazer está entre 0 e 4. Considerando que estas figuras pretendem obter um instantâneo da vida do professor, do cotidiano, notamos que este se traduz preponderantemente em cansaço.

Figura 16. Q.21 X Grau de prazer entre 0 e 4  
(Total de sujeitos=12)



Figura 17. Q.21 X Grau de sofrimento entre 0 e 4  
(Total de sujeitos=48)



Figura 18. Q.21 X Grau de prazer entre 5 e 7  
(Total de sujeitos=43)



Figura 19. Q.21 X Grau de sofrimento entre 5 e 7  
(Total de sujeitos=46)

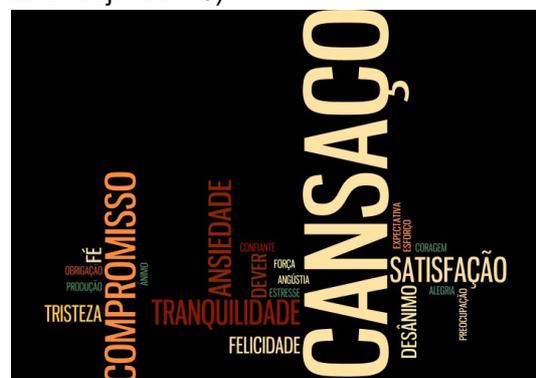


Figura 20. Q.21 X Grau de prazer entre 8 e 10  
(Total de sujeitos=51)



Figura 21. Q.21 X Grau de sofrimento entre 8 e 10  
(Total de sujeitos=12)



A questão candente aqui é analisarmos de que maneira cansaço pode ser a forma traduzida de um estado de sofrimento e estresse. Em geral os sujeitos utilizam a palavra cansaço como expressão máxima da fadiga. Seguimos abaixo com

apontamentos a partir de estudos com trabalhadores portuários, que embora em nada se assemelhem enquanto natureza de trabalho, trazem importantes notas acerca da fadiga. Queiroz (2003) afirma,

No discurso dos trabalhadores com fadiga estes se sentiam cansados (as) mentalmente e fisicamente, expressando-se como sem ânimo, irritados (as), com estresse, além de relatarem dores nos ombros, nas mãos e nas pernas. Segundo eles, ficar cansado é pior que ficar doente. O enfrentamento da situação de fadiga passa por estar sempre recuperando as energias, descansando ou estando com a alma (mente) preparada para poder suportar aquele instante (Queiroz, 2003).

Outra nota interessante da pesquisa afirma ainda sobre fadiga que,

A abordagem quantitativa do fenômeno fadiga restringiu-se a sinais e sintomas pré-determinados. Na abordagem qualitativa a fadiga mostrou ser um fenômeno que depende, em parte, da maneira como o indivíduo cria estratégias de enfrentamento diante da situação de trabalho. O papel da estratégia de enfrentamento parece ser importante e estar associado à determinação da ocorrência da fadiga (Queiroz, 2003).

Em estudos realizados sobre as condições de saúde e trabalho com professores da rede particular de ensino em Vitória da Conquista, Bahia, em 2001, os autores obtiveram 59,2% dos sujeitos que atribuíram CANSAÇO como um fator muito frequente atribuído ao desgaste profissional, sendo o mais significativo. A média de tempo de carreira dos sujeitos nesse estudo esteve em torno de 11 anos. (Delcor, et. tal, 2004)

Vieira (2013), ao fazer a revisão traduzida da obra “Le temps de la fatigue: la gestion sociale du mal-être au travail” do sociólogo francês Marc Lorient, aborda as relações entre fadiga e trabalho e nos traz a seguinte afirmação,

Basicamente, teria havido uma transição da noção de desgaste para a de fadiga. Assim, na Antiguidade, predominava a noção de “desgaste” como algo inevitável, parte da vida, advindo do trabalho de forma natural: o ser humano, a partir do nascimento, vai se desgastando até morrer. A partir do surgimento das figuras da acídia (século VI), da melancolia (século XVI), da neurastenia (século XIX) e, após a década de 1970, com a descrição de duas novas entidades clínicas – o *burnout* (de viés teórico mais psicológico) e a síndrome da fadiga crônica (cujo fundamento é orgânico) –, é que se desenvolve historicamente a noção de “má fadiga”: aquela subjetiva,

produzida pelo esforço intelectual e/ou pela vida urbana. Em oposição à “boa” fadiga – que advém de atividades livremente escolhidas, em harmonia com a natureza e a natureza humana –, a fadiga “ruim” não desaparece com o repouso (é crônica), resulta de atividades ou modos de vida contrários à “natureza humana” (tem caráter coercitivo) e só é suprimida pelo retorno a uma vida mais saudável ou pelo apelo a um profissional (de saúde, no caso) (Vieira, 2013, p.1361).

Ao refletirmos sobre esta citação, nos vem o fato de que ao expressar o cansaço, mesmo com caráter instantâneo, este grupo de professoras pesquisadas sugere estar na condição de uma cansaço crônico, o que poderia ser definido, segundo a referência, como uma “má fadiga”, e isto apontaria para um grupo que está em eminente situação de risco para o desenvolvimento, por exemplo, de uma Síndrome de Burnout. Aqui expressa-se a teoria acerca do estresse, quando as professoras, embora não relatem diretamente um elevado grau de sofrimento, o fazem, supostamente, por outros meios, ao identificar-se irritada, cansada, contariado, com traços depressivos. Por outro lado, superam-se dia a dia, dotadas do prazer que ainda guardam pela profissão.

Embora não seja aspecto central da nossa pesquisa, entendemos a importante ilustração que podemos obter ao darmos aqui um ressaltado ao ponto de vista da medicina,

Não é a primeira vez, na história médica recente, que a fadiga é tratada como objeto, sendo possível afirmar que estamos diante de sua reemergência como signo de doença. Um sinal desta importância histórica é a presença intermitente de quadros patológicos cuja queixa central é a exaustão por mínimo esforço ou a fadiga sem causa orgânica detectável. No ambiente novecentista, esse quadro foi a neurastenia. Atualmente, dois exemplos emblemáticos são a síndrome da fadiga crônica e o burnout, mantidas suas diferenças. O interesse pela comparação entre essas duas categorias prende-se ao fato de ambas localizarem-se nos polos opostos do continuum psicológico/orgânico. O burnout surgiu como um diagnóstico essencialmente psicossocial(f) no âmbito da psicanálise e da psicologia; ao passo que a síndrome da fadiga crônica é um diagnóstico da clínica geral, que nasce relacionado a suspeitas de infecção viral. O conceito de burnout está estreitamente ligado ao de estresse, como demonstra o uso recorrente da expressão ‘reação ao estresse crônico ocupacional’ para defini-lo. A exaustão é considerada o núcleo do fenômeno. A despersonalização/cinismo corresponderia, para alguns teóricos, à noção de desengajamento (perda de identificação e desenvolvimento de uma espécie de ‘aversão’/rejeição ao trabalho), enquanto a realização pessoal tende a ser excluída do conceito (Zorzaneli, et. tal, 2016, p. 80).

Na amostra estudada, o cansaço está essencialmente associado ao dia a dia, ao fato de ter que sair de casa para trabalhar, enfrentar os alunos, à jornada de trabalho, o esforço exigido, e muitos fatores relativos ao ambiente e ao próprio indivíduo, mas em certa medida também pode estar relacionado ao que apontam as já mencionadas referências, ao controle que se tem sobre as atividades executadas e sobre o resultado, o produto de seu esforço, de seu trabalho, seus objetivos se atingidos ou não. Afinal, como aponta o desejo dos professores citado anteriormente quanto à quantidade de alunos por sala, por exemplo, pode revelar um importante indicativo para esta análise. Reconhecer que o atendimento aos alunos precisa ser revisto sob o ponto de vista do olhar do professor no que diz respeito à estrutura, à quantidade e qualidade, pode significar uma potencial mudança nesse universo de trabalho, que em última circunstância poderia levar os profissionais ao desengajamento com suas atividades.

#### **4. 4 A representatividade dos homens na amostra**

Considerando que o magistério é uma profissão predominantemente feminina (n=106), desde o início de sua história até hoje; e considerando que a amostra estudada continha um número reduzido de professores do gênero masculino (n=9), optou-se por retirá-los do corpus analisado, com o objetivo de obter dados mais precisos a respeito do gênero feminino.

Optamos neste momento, apenas por apontar descritivamente a análise de alguns dados encontrados nos questionários dos nove homens que participaram da pesquisa, de forma a oferecer um panorama do trabalho docente, da perspectiva do gênero masculino, para completar o painel descritivo.

Observamos que a média de idade é próxima à amostra das mulheres, e o tempo de carreira médio também se mantém em torno de 10 anos. Para o grau de sofrimento e prazer há aproximação, e também a complementação dos valores como visto na amostra das mulheres.

**Tabela 9 : Medidas descritivas das variáveis: Idade, Tempo de experiência docente, Tempo de carreira na PMS/SEDUC Santos, Por quanto tempo se afastou, Grau de sofrimento/frustração e Grau de prazer/satisfação**

<b>Variáveis</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio-padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Idade	45,33	8,59	31,00	57,00
Tempo de experiência docente	13,22	6,08	4,00	22,00
Tempo de carreira na PMS/SEDUC Santos	10,89	6,58	1,00	22,00
Por quanto tempo se afastou	70,00	56,24	5,00	150,00
Grau de sofrimento/frustração	5,33	2,35	2,00	8,00
Grau de prazer/satisfação	5,67	1,87	3,00	8,00

Entretanto, no caso dos homens, prazer e sofrimento apresentam maior equilíbrio, mantendo-se bem próximos. Todavia, observamos que o grau máximo atribuído para ambos os casos foi de oito. A partir de uma observação feita por um dos sujeitos em comentário dirigido a nós, após responder ao questionário, inferimos que os homens não atribuem graus máximos aos sentimentos de prazer e sofrimento experimentados na vida docente. Embora reconheçam os afetos, sugerem distinguir vida privada de profissional com maior frequência que as mulheres, como se ali só se praticasse algo com extrema técnica e que exige distanciamento emocional, além do fato de sugerirem não tocar nos extremos, como fazem as mulheres.

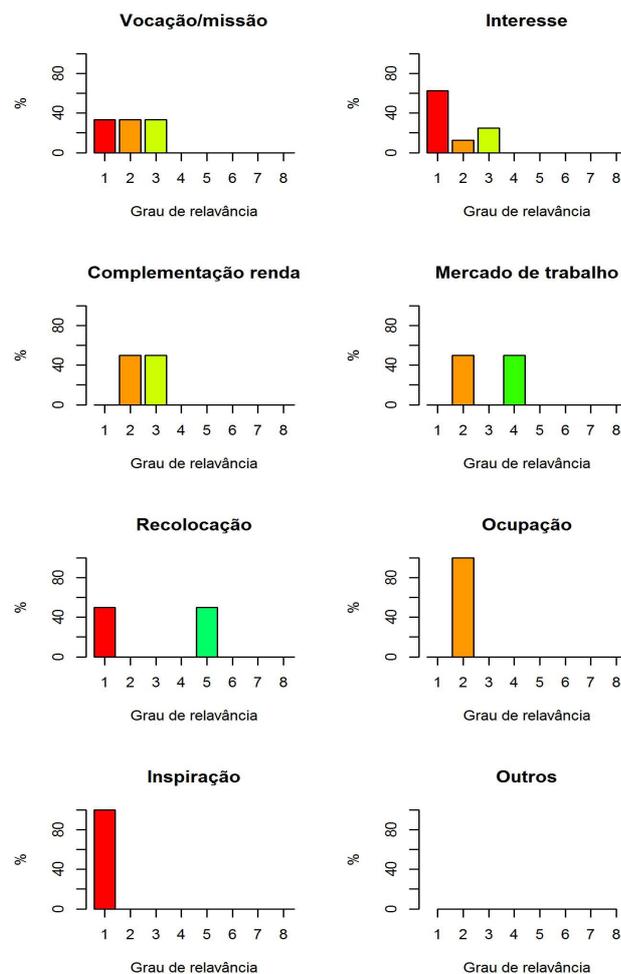
Para a questão 22, os homens apontaram o afeto por parte dos estudantes como o fator mais importante, seguido do fator salário, para o grau de prazer/satisfação. Já o fator apontando como menos importante foi a imagem pública dos professores. Ambos correlatos aos dados obtidos com as mulheres.

Para a questão 23, os homens apontaram a violência por parte dos alunos como o fator mais importante, seguido de desmotivação. Já o fator apontando como menos importante foi o conflito com colegas, seguido da imagem pública dos professores. Neste ponto há discreta diferença com as mulheres, pois os homens parecem consumidos pela desmotivação, talvez, num desdobramento posterior pudéssemos analisar qual relação esta desmotivação tem com a motivação que os

fizeram escolher esta carreira.

Em ambas questões percebemos que se concretizam diversas referências que tratam da peculiaridade do trabalho docente, pautado sobretudo nas relações e afetos com os estudantes, independente do sexo do professor. Para homens e mulheres, o resultado próspero de seu trabalho está nas relações e vínculos de afeto que constrói com os estudantes, e daí desdobram-se questões como reconhecimento e valorização dentro do contexto da organização do trabalho.

Outro dado que merece destaque diz respeito ao motivo que os levou a escolher esta profissão. Para a questão 12, os homens apontaram a Inspiração por parte de familiares como o mais relevante motivo. Este motivo diz respeito, por exemplo, a seguir a carreira de seus pais ou inspirar-se no âmbito familiar por esta ou aquela profissão.



Fonte: Relatório Estatístico realizado por Felipe Granado – UNIFESP/2016  
**Figura 22. Distribuição da variável Motivos que fizeram escolher a carreira docente (Homens)**

Abrimos mão do recurso 'nuvem de palavras' na análise deste recorte com os homens pois o número de sujeitos compromete o resultado. Dessa forma, mantivemos a brevidade da discussão, não menos merecida, mas ao contrário disso, merecedora de estudos exclusivos e dedicados com certo norte qualitativo, que poderiam ser realizados a partir da aplicação do jogo proposto no produto, por exemplo, ou o uso de entrevistas e grupos, inoportunos neste momento. Buscamos apenas garantir a ilustração deste pequeno recorte da amostra.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos estudos muitos foram os confrontos com dados que comprovaram a realidade docente já tão assinalada em diversos meios, com certa precarização e levando os professores ao cansaço extremo, todos os dias da vida desse trabalhador, numa batalha que ao acordar cansado enfrenta sua labuta, onde sua principal ferramenta de trabalho é sua relação com o outro. E muitas são as formas com que enfrentam seu cotidiano profissional.

O tempo presente nesta complexa relação professor-aluno-escola diz respeito ao cotidiano. Há aspirações para o futuro, há retratos de um passado, mas é no presente que se controem as marcas de um sofrimento, por vezes resultante do efeito nefasto da organização do trabalho na subjetividade do trabalhador. E enfrentam afirmando e reafirmando o prazer que sentem pela sua profissão docente, encontrando-o nos meandros desse cotidiano e em seus sentimentos frente à vida.

Os professores que colaboraram com nossos estudos relatam que o prazer ainda supera, mesmo que discretamente, o sofrimento. Porém, quando o cansaço se evidencia nos dados, inferimos que o sofrimento está também presente ali. Estão afetados pelo cansaço, pela irritação ou insatisfação, causadores de estresse. Quando eles falam de suas motivações de seus ideais e de sua carreira, os professores dão a dignidade da missão da vocação, da realização, dedicação, compromisso, fé; mas quando eles podem falar do cotidiano, eles podem falar das dificuldades às quais são cotidianamente confrontados, revelando o risco a que estão submetidos de estarem à beira, por exemplo, de uma Síndrome de Burnout, podendo comprometer sua qualidade profissional, mas sobretudo, sua vida.

São traduções em palavras para o mesmo sentimento, ou em última análise, um coletivo que sofre e que se supera, dia a dia, para encarar sua atividade profissional que carrega tantos sentimentos. Uma profissão que chama o sujeito pela voz do coração. Mas que ao deparar-se com os maus ensejos, cansa, sofre. Essa pesquisa pretendeu, em certa medida, trazer um instantâneo dessa realidade, e o faz a partir do olhar daquele que está na função, que está em atividade docente.

Muito ficou para trás, muito há o que se estudar e não se esgotará, pois é certo que embora não imprima relação nos números analisados, o tempo é sim um agente de mudanças e a cada tempo em que os estudos estejam dedicados a este ser docente, novas descobertas e novos caminhos poderão ser desenhados. E há o tempo da história que por vezes nos atropela e há o tempo de vida que se esgota e de vida que chega novinha em folha procurando um lugar e um encontro com algum professor para florescer; e aquele professor tem a esperança de reviver com o nascer daquela flor o seu próprio desenvolvimento. E o tempo passa...

*A Força do Professor*

*Um guerreiro sem espada  
sem faca, foice ou facão  
armado só de amor  
segurando um giz na mão  
o livro é seu escudo  
que lhe protege de tudo  
que possa lhe causar dor  
por isso eu tenho dito  
Tenho fé e acredito  
na força do professor.*

*Ah... se um dia governantes  
prestassem mais atenção  
nos verdadeiros heróis  
que constroem a nação  
ah... se fizessem justiça  
sem corpo mole ou preguiça  
lhe dando o real valor  
eu daria um grande grito  
Tenho fé e acredito  
na força do professor.*

*Porém não sinta vergonha  
não se sinta derrotado  
se o nosso país vai mal  
você não é o culpado  
Nas potências mundiais  
são sempre heróis nacionais  
e por aqui sem valor  
mesmo triste e muito aflito  
Tenho fé e acredito  
na força do professor.*

*Um arquiteto de sonhos  
Engenheiro do futuro  
Um motorista da vida  
dirigindo no escuro  
Um plantador de esperança  
plantando em cada criança  
um adulto sonhador  
e esse cordel foi escrito  
por que ainda acredito  
na força do professor.*

*Bráulio Bessa*

## 6 REFERÊNCIAS

Alarcão I. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 8.ed. São Paulo: Cortez; 2011.

Almeida MI, Pimenta SG. Pedagoga Universitária: caminhos para a formação de professores. São Paulo: Cortez; 2011.

Anastasiou LGC. Processos formativos de docentes universitários: aspectos teóricos e práticas. In Almeida MI, Pimenta SG. Pedagoga Universitária: caminhos para a formação de professores. São Paulo: Cortez; 2011.

Andrade DBSF. O lugar do feminino na escola: um estudo em representações sociais. Cuiabá:EdUFMT/FAPEMAT; 2007.

Arce GA. Notas para la lectura del poema De aue Phoenice. In TORRES J, editor. Historica et folologica: in honorem Jose Maria Robles. Cantabria, ES: Santander Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cantabria; 2002.

Barber B. Liberating feminism. New York: Dell; 1975

Bourdieu P. Razões práticas. Campinas: Papirus; 1996.

\_\_\_\_\_. O poder simbólico. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1998.

Canova KJ. Estresse ocupacional e os valores organizacionais: a percepção dos professores de ensino médio da rede pública de ensino do Distrito Federal [tese]. Brasília: Universidade Católica de Brasília; 2008.

Codo W, coord. Educação, carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda; 1999.

\_\_\_\_\_, Sampaio JJ, Hitomi AH. Indivíduo, trabalho e sofrimento. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda; 1994.

Dejours C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. Trad. Ana Isabel Paraguay; Letícia Leal Ferreira. 5.ed. São Paulo: Cartaz- Oboré, 1992.

\_\_\_\_\_. A banalização da injustiça social. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. Subjetividade, trabalho e ação. Rev Prod. Set 2004; 14 (3): 027-034.

Delcor NS, Araujo TM, Reis EJFB, Porto LA, Carvalho FM, Silva MO, et.al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Cad. Saúde Públ. Jan-fev; 2004; 20(1):187-196,

Deslandes SF, Minayo MCS (org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 28.ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2009.

Ferreira ABH. Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática; 1999.

Ferreira LL, org. O trabalho de professores na educação básica na Bahia. São Paulo: Fundacentro; 2009.

\_\_\_\_\_. O trabalho de professores na educação básica em São Paulo. São Paulo: Fundacentro; 2009.

\_\_\_\_\_. O trabalho de professores na educação básica em Belém do Pará. São Paulo: Fundacentro; 2009.

Ferber R. Handbook of Marketing Research. New York: McGraw-Hill; 1974.

Fonseca M. Políticas públicas para a qualidade da educação brasileira: entre o utilitarismo econômico e a responsabilidade social. Cad. Cedes Campinas. Maio 2008; 29 (78): 120-6.

Fontana RAC. Como nos tornamos professoras ?. Belo Horizonte: Autêntica; 2000.

Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra; 1996.

Ghedin E, Franco MAS. Questões de método na construção da pesquisa em educação. 2.ed. São Paulo: Cortez; 2011.

Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas; 2002

Gorz A. Adeus ao proletariado: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; 1997.

Hardt M, Negri A. Multidão. Rio de Janeiro: Record; 2005.

\_\_\_\_\_. Império. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Jimenez BM, Hernandez EG, Gutierrez. La evaluación del estrés y el burnout del profesorado: el CBP-R. Rev Psicol Trabajo y de las Org. 2000, 16(2): 151-171.

Lüdorf SMA, ORTEGA FJG. Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de Educação Física. Rev Interf Comun Saúde e Educ. jul./set. 2013; 17 (46): 661-75.

Maslach C, Leiter MP. The truth about burnout: How organization cause, personal stress and what to do about it. San Francisco: Jossey-Bass; 1997.

Marx K. O Capital. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural; 1988.

Mendes AM. A organização do trabalho como produto da cultura e a prevenção do estresse ocupacional: o olhar da psicodinâmica do trabalho. In Tamayo A. Estresse e cultura organizacional. São Paulo: Casa do Psicólogo, All Books; 2008.

Mendonça H; da Costa Neto SB. Valores e estratégias psicológicas de enfrentamento ao estresse no trabalho. In Tamayo A. Estresse e cultura organizacional. São Paulo: Casa do Psicólogo, All Books; 2008.

Merhy EE. O desafio que a educação permanente tem de si: a pedagogia da implicação. Rev Interf Comun Saúde e Educ. set. 2004; 9 (16):161-77.

Moreira-Hypolito A, Grishcke PE. Trabalho imaterial e trabalho docente. Rev do Centro de Educ. Univ. Fed. S. Mª RS. set 2013; 38 (3): 507-522.

Morin E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2003.

Moscovici S. Representações Sociais: investigação em psicologia social. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes; 2003.

Moura PRS. Saúde, sofrimento e estresse na profissão docente. Rev Mal-Estar e Socied. jul 2011; IV (7): 33-55.

Neves MYR, Seligmann-Silva E. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. Rev Est Pesq em Psicol UERJ. 2006; 6 (1):69 - 87.

Nóvoa A, org. Profissão Professor. 2.ed. Portugal Porto: Porto Ed; 1995

\_\_\_\_\_. Educação 2021: Para uma história de futuro. Lisboa: Repositório da Universidade de Lisboa Ed ; 2009.

\_\_\_\_\_. Vidas de Professores. 2.ed. Portugal, Porto: Porto Editora; 2013

Paparelli R. Desgaste mental do professor da rede pública de ensino: trabalho sem sentido sob a política de regularização de fluxo escolar [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia; 2009.

Paro VH. A natureza do trabalho pedagógico. Rev Fac Educ S Paulo. jan./jun; 1993; 19 (1): 103 – 109.

Perrenoud P. Prática pedagógica, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Portugal: Publicações Dom Quixote; 1993.

\_\_\_\_\_. Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza. 2.ed. Porto Alegre: Artmed Editora; 2001.

Prefeitura Municipal de Santos. Estatuto e plano de cargos, carreira e vencimentos dos profissionais do magistério público municipal de Santos. Lei complementar nº752. Santos: Diário Oficial; 30 de março de 2012.

Queiroz MFF, Lara R, Mariano A. Trabalho e Saúde dos Estivadores do Porto de Lisboa. RICOT - International Journal on Working Conditions, No.10, December; 2015.

Queiroz MFF. Compreendendo o conceito de fadiga: estudo de caso dos trabalhadores em uma indústria gráfica.[Doutorado] São Paulo (SP): Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; 2003.

Reis SB. O Problema da educação. IN: Revista do Professor, nº41, Setembro; 1958.

Rêses ES. De vocação para profissão: organização sindical docente e identidade social do professor. [tese]. Brasília: Universidade de Brasília – Instituto de Ciências Sociais – Departamento de Sociologia; 2008.

Richardson RJ. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas; 1989.

Rieznik PT. Trabajo: una definición antropológica. Dossier: Trabajo, alienación y crisis en el mundo contemporáneo En Razón y Revolución. 2001; 7: 6-12.

Santos GB. As estratégias de fuga e enfrentamento frente às adversidades do trabalho docente. Est Pesq Psicol UERJ. 2006; 6 (1): 078 -111.

Seligmann-Silva E. Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez; 2011.

Selltiz C, org. Métodos de pesquisa das relações sociais. São Paulo: Herder; 1965.

Severino AJ. Educação, ideologia e contra-ideologia. São Paulo: EPU; 1986.

Stano RCMT. Ser professor no tempo do envelhecimento: professoralidade em cena. São Paulo: EDUC; 2005.

Tabeleão VP, Tomasi E, Neves SF. Qualidade de vida e esgotamento profissional entre docentes da rede pública de Ensino Médio e Fundamental no Sul do Brasil. Cad. Saúde Pública. dez 2011; 27(12):2401-2408.

Tamayo A. Estresse e cultura organizacional. São Paulo: Casa do Psicólogo, All Books; 2008.

\_\_\_\_\_, Paschoal T. Validação da Escala de Estresse no Trabalho. Rev Est Psicol. 2004; 9(1): 45-52.

Tardif M, Lessard C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes; 2005.

Vergara SC. Projetos e relatórios de pesquisa. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas; 2000.

Vieira I. Uma análise original da fadiga no trabalho. *Physis Rev de Saúde Coletiva*. 2013; 23 (4): 1359-1368.

Zorzanelli R, Vieira I, Russo JA. Diversos nomes para o cansaço: categorias emergentes e sua relação com o mundo do trabalho. *Rev Interf Comun Saúde e Educ*. 2016; 20 (1): 77-88.



OFÍCIO Nº 1325/2016-GAB/SEDUC

Santos, 13 de maio de 2016.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Assunto: **Pesquisa de Mestrado**

Prezado,

1. Autorizamos a aluna Ana Cláudia Sierra Marques regularmente matriculada no Programa em Ciências da Saúde, da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP a desenvolver a pesquisa de Mestrado “O ser docente e o tempo: relação entre o tempo de docência e o sofrimento no trabalho do professor da Secretaria Municipal de Santos.”
2. O objetivo é investigar as relações entre o tempo de carreira e sofrimento potencializado no trabalho, sob o ponto de vista dos professores da rede de educação básica municipal de Santos.
3. Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos pelo telefone 3211-1818, ramal 1946 ou e-mail [lygiaboro@santos.sp.gov.br](mailto:lygiaboro@santos.sp.gov.br).

Atenciosamente,



**VENÚZIA FERNANDES**  
Secretária da Educação





UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SÃO PAULO - HOSPITAL SÃO  
PAULO UNIFESP-HSP



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O SER DOCENTE E O TEMPO: relação entre o tempo de docência e o sofrimento no trabalho do professor da Secretaria Municipal de Educação de Santos

**Pesquisador:** ANA CLÁUDIA SIERRA MARQUES

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 56423616.4.0000.5505

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE SAO PAULO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.619.910

### Apresentação do Projeto:

Nº CEP: 0692/2016

O principal ambiente da prática docente é a escola, local onde é construído o olhar profissional da pesquisadora, inquieto com situações ligadas ao sofrimento no trabalho que atinge os professores. A educação, enquanto sistema, em suas várias dimensões, em especial na esfera pública, enfrenta grandes desafios. E enfrentando de forma direta, estão na grande maioria, os professores. Além das dificuldades de ordem financeira e estruturais de grandezas diversas presentes em boa parte das escolas públicas, há os professores que se frustram por vários motivos e com o passar dos anos, encontram novos desafios que implicam no enfrentamento do profissional docente com forças e exigências gerenciais e organizacionais e desafios do real do trabalho que o empurram em direção ao sofrimento. O tempo de carreira percorrido pode ser importante fator de distanciamento entre o prazer da docência e o sofrimento no trabalho. O objetivo desta pesquisa é encontrar fundamentos para a construção de ação/reflexão em favor do exercício profissional. Tratar do tempo do ser docente, do seu tempo de carreira percorrido e das conseqüentes relações com o sofrimento desses sujeitos. Isto não é algo que apenas a objetividade pode dar conta; é preciso também considerar a vivência traduzida pelos próprios

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14

**Bairro:** VILA CLEMENTINO

**CEP:** 04.023-061

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)5571-1062

**Fax:** (11)5539-7162

**E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.619.910

sujeitos. O instrumento de coleta de dados será um questionário autoaplicado criado para esse fim, contendo 32 questões diretas, sendo 24 de múltipla escolha e 8 abertas. Os temas tratados são relativos à principal variável, o tempo de carreira docente, bem como bem-estar, valorização, prazer e sofrimento

#### **Objetivo da Pesquisa:**

**HIPÓTESE** As relações de trabalho dentro do sistema público de educação e as perspectivas profissionais estabelecidas entre o limite do prazer e do sofrimento no exercício do magistério, modificam-se com o tempo de prática diretamente associado às subjetividades da profissão. Quanto maior o tempo de carreira, mais frustração e sofrimento.

**OBJETIVO** Investigar as relações entre tempo de carreira e sofrimento potencializado no trabalho, sob o ponto de vista dos professores da rede de educação básica municipal de Santos.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS** Estabelecer as possíveis articulações entre o tempo de carreira docente e o processo de sofrimento frustrado, com foco nas relações profissionais no trabalho, sob o ponto de vista dos professores da rede de educação básica municipal de Santos. Observar aspectos preponderantes quanto às condições de trabalho e políticas do sistema educacional local que interferem no estado de sofrimento frustrado ao longo da tempo de carreira docente dos professores da rede de educação básica municipal de Santos.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Segundo o pesquisador:** Riscos: Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em desconforto em responder alguma questão que poderá, nesse caso, ser ignorada.

**Benefícios:** Além do conhecimento dos dados da pesquisa, os voluntários poderão a longo prazo, usufruir da implantação e manutenção de espaços itinerantes, dentro dos já existentes de formação permanente e continuada, que tratem de questões relativas às frustrações e satisfações profissionais, por meio da psicodinâmica do trabalho, resultando num laboratório permanente de sensibilidades.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto de Pesquisa apresentado à disciplina Seminários de Pesquisa II do Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14

**Bairro:** VILA CLEMENTINO

**CEP:** 04.023-061

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)5571-1062

**Fax:** (11)5539-7162

**E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.619.910

Santista - como parte dos requisitos avaliativos.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Laura Câmara Lima

**MÉTODO DE PESQUISA** A pesquisa, por meio de procedimentos de solicitação direta de informações a um grupo de pessoas acerca da hipótese, pretende, mediante análise quantiqualitativa, obter as conclusões correspondentes aos dados coletados, o que a caracteriza como uma pesquisa descritiva e tem como uma de suas grandes vantagens o conhecimento direto da realidade, ou seja, à medida que as próprias pessoas informam acerca de seu comportamento, e opiniões, a investigação torna-se mais livre de interpretações calcadas no subjetivismo dos pesquisadores. (GIL, 2002) O levantamento de dados será realizado com a utilização de um instrumento em forma de questionário autoaplicado criado para esse fim, contendo 32 questões diretas, sendo 24 de múltipla escolha e 8 abertas. O critério de inclusão é ser professor em exercício na carreira do

magistério da rede municipal de educação de Santos (SEDUC/Santos) e os procedimentos terão início após a aprovação da Secretaria de Educação de Santos, com um convite/ chamamento aberto e voluntário às Unidades Municipais de Educação de Santos (UME) do entorno de atuação da pesquisadora, sobretudo a unidade onde trabalha a partir do esclarecimento e divulgação da pesquisa para os gestores das UME, por meio de carta/email ou conversa in loco, de acordo com o oportuno. Pretende-se a aplicação de, no mínimo, 40 questionários com os professores. O questionário verificará questões diretas relativas à principal variável, o tempo de carreira docente, bem como bem estar, valorização, prazer e sofrimento. As questões abertas sobre a carreira docente fundamentarão parte dos estudos trazendo para a pesquisa uma análise qualitativa.

Os dados coletados serão tratados com base na análise estatística descritiva inferencial, visando a construção de um quadro teórico aplicável à análise do sistema em questão, a partir das semelhanças e diferenças registradas nas respostas. Serão utilizados analisadores textuais para as questões abertas. Pretende-se realizar uma roda para apresentação e discussão dos resultados das análises dos questionários

com a intenção de reservar informações para prosseguimento futuro dos estudo Espera-se que o emprego do método apresentado e explorado, coleciono potencialmente informações para incentivar a permanência de um espaço oportuno e colaborativo para a transformação da realidade do sofrimento frustrado do ser docente. O levantamento dos principais

pontos de tensão entre o prazer e o sofrimento no trabalho docente podem colaborar na

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14

**Bairro:** VILA CLEMENTINO

**CEP:** 04.023-061

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)5571-1062

**Fax:** (11)5539-7162

**E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.619.910

sistematização de informações percebendo conexões que transcendem o indivíduo, possibilitando alcançar aspectos ligados ao sofrimento desta categoria para através deles, possa ser reestabelecido o espaço de troca e compartilhamento, transformando a frustração em sublimação e criar um movimento coletivo no sentido de desenvolver melhores defesas aos elementos adoecedores. Pretende-se como produto final, a partir das informações trazidas, a construção de um jogo, um componente lúdico, que acompanhado de um documento de recomendação e instrução, possa ser utilizado de forma itinerante e sistematizada nos espaços de educação permanente com os professores, de forma sensível e delicada, viabilizando o trabalho com as questões levantadas nessa investigação sobre carreira, prazer/sofrimento, satisfação/frustração e bem-estar/adoecimento docente. Essa iniciativa se pretende original e inovadora nem tanto pelo tema, mas à medida em que possa contribuir para que o município se torne uma referência no tratamento dessas questões.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Documentos obrigatórios apresentados: Folha de Rosto ; Projeto Detalhado( MARQUES\_Oserdocenteotempo\_Unifespmaio2016.pdf); TCLE (TCLE2016.pdf)

Outros documentos: questionariopb2016.pdf; autorizacao\_coform\_seduc\_acsm.pdf (secretaria da educação de Santos);

**Recomendações:**

Nada consta

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Trata-se de respostas de pendências ao parecer original consubstanciado CEP nº 1.592.659, de 15/juho/2016, quanto aos seguintes questionamentos abaixo:

acrescentar no TCLE: - deve ser inserido os dados (telefone e endereço) do CEP/UNIFESP, com a indicação de que o mesmo pode ser procurado caso haja dúvida quanto a ética do estudo (exemplo: Se voce tiver alguma consideracao ou duvida sobre a etica da pesquisa, entre em contato com o Comite de Etica em Pesquisa (CEP) da Unifesp - Rua Botucatu, 572 - 1o andar - cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 - E-mail: cepunifesp@unifesp.br.)

Resposta: A inclusão dos dados e a adequação solicitada consta do TCLE em destaque na vigésima quarta linha do texto, em anexo.

CEP UNIFESP: PENDÊNCIA ATENDIDA. Novo TCLE apresentado adequadamente, no cumprimento da

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14

**Bairro:** VILA CLEMENTINO

**CEP:** 04.023-061

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)5571-1062

**Fax:** (11)5539-7162

**E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.619.910

Resol CNS 466/12

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O CEP informa que a partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios parciais (anualmente), e o relatório final, quando do término do estudo, conforme determina a Norma Operacional 001/13 do MS/CNS/CONEP. Lembramos que é de responsabilidade do pesquisador assegurar que o local onde a pesquisa será realizada ofereça condições plenas de funcionamento garantindo assim a segurança e o bem estar dos participantes da pesquisa e de quaisquer outros envolvidos .

Parecer acatado "ad ref" pelo coordenador

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_719017.pdf	21/06/2016 19:58:02		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEv2_2016.pdf	21/06/2016 19:57:28	ANA CLÁUDIA SIERRA MARQUES	Aceito
Outros	cartaresposta.doc	21/06/2016 19:54:57	ANA CLÁUDIA SIERRA MARQUES	Aceito
Folha de Rosto	20160518075114.pdf	23/05/2016 11:05:26	ANA CLÁUDIA SIERRA MARQUES	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacao_coform_seduc_acsm.pdf	18/05/2016 14:07:35	ANA CLÁUDIA SIERRA MARQUES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	MARQUES_Oserdocenteotempo_Unifespmaio2016.pdf	18/05/2016 14:04:58	ANA CLÁUDIA SIERRA MARQUES	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	questionariopb2016.pdf	14/05/2016 21:24:05	ANA CLÁUDIA SIERRA MARQUES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2016.pdf	14/05/2016 21:19:06	ANA CLÁUDIA SIERRA MARQUES	Aceito

**Situação do Parecer:**

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14

**Bairro:** VILA CLEMENTINO

**CEP:** 04.023-061

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)5571-1062

**Fax:** (11)5539-7162

**E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SÃO PAULO - HOSPITAL SÃO  
PAULO UNIFESP-HSP



Continuação do Parecer: 1.619.910

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO PAULO, 03 de Julho de 2016

---

**Assinado por:**  
**Miguel Roberto Jorge**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14

**Bairro:** VILA CLEMENTINO

**CEP:** 04.023-061

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)5571-1062

**Fax:** (11)5539-7162

**E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “O SER DOCENTE E O TEMPO: Relação entre o tempo de docência e o sofrimento no trabalho do professor da Secretaria Municipal de Educação de Santos”. Nesta pesquisa pretendemos investigar as relações entre tempo de carreira e sofrimento potencializado no trabalho, sob o ponto de vista dos professores da rede de educação básica municipal de Santos. O que motiva é entender de que forma, ao longo de sua carreira, os professores compreendem seu papel social e profissional. Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a) pelo pesquisador. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: o Sr. (a) responderá a um questionário, organizado em questões fechadas e abertas e em segundo momento, caso aceite, participará de roda de conversa discutindo os resultados obtidos na primeira coleta de dados. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em desconforto em responder alguma questão que poderá, nesse caso, ser ignorada. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Quando forem citados em apresentações ou publicações será de forma a preservar o sigilo quanto à identidade dos participantes, que não serão identificados em nenhum momento. O objetivo da pesquisadora é sistematizar os dados obtidos, visando a elaboração de ações para estabelecer uma boa relação entre o cotidiano profissional e o prazer do trabalho. Entre estas ações estão a elaboração de um jogo para utilização em espaços de educação permanente.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável no endereço abaixo informado e a outra será fornecida ao Sr. (a). **O Comitê de Ética e Pesquisa - CEP/UNIFESP, poderá ser procurado caso haja dúvida quanto à ética do estudo, alguma consideração ou dúvida sobre a ética desta pesquisa, no endereço Rua Botucatu, 572 - 1o andar – cj 14- São Paulo, tel(11) 5571-1062, FAX: 5539-7162 - E-mail: cepunifesp@unifesp.br.**

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos.

Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa “O SER DOCENTE E O TEMPO: Relação entre o tempo de docência e o sofrimento no trabalho do professor da Secretaria Municipal de Educação de Santos” de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar aos pesquisadores, novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Santos, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Nome do Pesquisador Responsável: ANA CLÁUDIA SIERRA MARQUES  
Endereço: AVENIDA MANOEL DA NÓBREGA 1170, 24 - CEP: 11320-201 / SÃO VICENTE – SP -Fone: (13) 34675132 - E-mail: cp\_anacaudia@hotmail.com

# Apêndice I - Questionário referente ao trabalho de pesquisa sob o título “ O ser docente e o tempo” destinado aos professores da rede municipal de educação de Santos/SP.

Orientadora Prof<sup>ª</sup> Dra. Laura Câmara Lima  
Orientanda Ana Cláudia Sierra Marques  
tel (13) 997556104 – cp\_anaclaudia@hotmail.com  
Programa Ensino em Ciência da Saúde UNIFESP/BS - 2016

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Sexo: Feminino Masculino

3. Formação / Instituição / Ano de conclusão:

Magistério / Instituição: \_\_\_\_\_ Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Pedagogia / Instituição: \_\_\_\_\_ Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Licenciatura: \_\_\_\_\_  
Instituição: \_\_\_\_\_ Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Outro, qual: \_\_\_\_\_  
Instituição: \_\_\_\_\_ Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Pós-graduação: \_\_\_\_\_  
Instituição: \_\_\_\_\_ Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Mestrado: \_\_\_\_\_  
Instituição: \_\_\_\_\_ Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

Doutorado: \_\_\_\_\_  
Instituição: \_\_\_\_\_ Ano de conclusão: \_\_\_\_\_

4. Anos de experiência docente: \_\_\_\_\_

5. Tempo de carreira, em anos, na PMS/SEDUC Santos: \_\_\_\_\_

6. Escreva prontamente 3 palavras que vêm à sua cabeça quando pensa em sua carreira docente:

1. \_\_\_\_\_
2. \_\_\_\_\_
3. \_\_\_\_\_

7. Já exerceu alguma função de Especialista de Educação nesta rede? Não Sim

8. Se sim, qual?

Esp. Educ. I – Assistente de Direção..... – tempo em anos: \_\_\_\_\_

Esp. Educ. I - Coordenador Pedagógico – tempo em anos: \_\_\_\_\_

Esp. Educ. I – Orientador Educacional – tempo em anos: \_\_\_\_\_

Esp. Educ. II – Diretor..... – tempo em anos: \_\_\_\_\_

Esp. Educ. III – Supervisor de Ensino.... – tempo em anos: \_\_\_\_\_

9. Segmento atual de atuação docente da Educação Básica:

Educação Infantil

Ensino Fundamental I

Ensino Fundamental II

10. Cargo atual nesta rede:

Professor Adjunto I

Professor Adjunto II

Professor Educação Básica I

Professor Educação Básica II

Outro: \_\_\_\_\_

11. Disciplinas/componentes curriculares que ministra nesta rede:

Todas as disciplinas/eixos da Educação Infantil e/ou Ensino Fundamental I – (PAD I / PEB I)

Especialista em \_\_\_\_\_ da Educação Infantil/ Ens. Fund. I – (PAD II /PEB II)

Especialista em \_\_\_\_\_ do Ensino Fundamental II – (PAD II /PEB II)

Especialista em Educação Especial - (PAD II /PEB II)

12. Indique abaixo, por meio de números a partir do 1 sendo este o mais relevante, os motivos que lhe fizeram escolher a carreira docente. Não é necessário escolher todos, mas pelo menos 1 item.

- Vocação/missão
- Interesse pela carreira
- Complementa o de renda
- Atra o pelo mercado de trabalho
- Recoloca o Profissional
- Ocupa o em tempo livre
- Inspira o por parte de pais/familiares
- Outro: \_\_\_\_\_

13. Qual a sua jornada de trabalho semanal na SEDUC/Santos, em horas?

- < 20 horas (média 4 h/dia)
- 20 horas > 29 horas
- 30 horas > 39 horas
- 40 horas > 49 horas
- > 50 horas (média 10h/dia)

14. Possui outra jornada de trabalho além da SEDUC/Santos? Não Sim, qual?

- < 20 horas (média 4 h/dia)
- 20 horas > 29 horas
- 30 horas > 39 horas
- 40 horas > 49 horas
- > 50 horas (média 10h/dia)

15. Nos últimos **2 anos** você se afastou do trabalho por doença? Não Sim

16. Em caso afirmativo, por quanto tempo (somatória em dias)? \_\_\_\_\_

17. Em caso afirmativo, você atribui a um ou mais fatores abaixo apontados como causa do(s) seu(s) adoecimentos/afastamentos?

- Problemas no trabalho/profissionais
- Problemas pessoais
- Conjun o dos problemas pessoais e profissionais
- Saúde frágil / atributos genéticos
- Acidente de trabalho
- Outros, se desejar explicitar: \_\_\_\_\_

18. **Se desejar**, assinale a(s) causa(s) do(s) afastamento(s) ?

- Doenças do aparelho respiratório (Laringite, Fadiga vocal, Nódulos, Alergia, Pneumonia, entre outros).
- Transtornos mentais e comportamentais (Ansiedade, Depressão, Dependência ao  lcool, Burnout, Estresse pós-traumático, entre outros).
- Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (LER/DORT, Bursite, Lombalgia)
- Doenças do aparelho digestivo.
- Neoplasias(tumores)
- Outros (especificar) \_\_\_\_\_

19. Atualmente faz algum tratamento/acompanhamento? Não Sim, **se desejar** explicitar: \_\_\_\_\_

20. Indique em horas, o quanto você dedica em média por SEMANA a cada um dos itens abaixo. (Uma semana = 168 horas. Exemplo: Descanso 8h por dia = 56 horas por semana)

TRABALHO.....	
LAZER.....	
ESPORTE.....	
DESCANSO.....	
FORMA�O PESSOAL/PROFISSIONAL.....	
SOCIAL / FAMÍLIA.....	

21. Expresse em uma(1) palavra o seu sentimento ao sair de casa para trabalhar hoje.

---

22. Enumere abaixo, do mais para o menos importante (de 1 a 11) os fatores que você considera contribuir para o prazer e satisfação do professor. Sendo o mais importante o número 1 e o menos importante o número 11.

- Imagem pública positiva dos professores
- Afeto e respeito por parte dos estudantes
- Motivação na profissão
- Parceria e reconhecimento por parte dos colegas
- Parceria e reconhecimento por parte da administração
- Parceria e reconhecimento por parte dos pais e comunidade
- Oferta de serviços de apoio para problemas profissionais
- Salário justo
- Estrutura física escolar adequada
- Investimento nas formações em serviço
- Clima favorável no ambiente de trabalho

22.1. Caso queira, inclua um item que, na sua opinião, faltou no quadro acima (não precisa enumerá-lo):

---

23. Enumere abaixo, do mais para o menos importante (de 1 a 11) os fatores que você considera contribuir para o adoecimento ou sofrimento do professor. Sendo o mais importante o número 1 e o menos importante o número 11.

- Imagem pública negativa dos professores
- Ameaça e violência por parte de estudantes
- Desmotivação na profissão
- Conflito com os colegas
- Conflito com a administração
- Conflito com os pais e comunidade
- Falta de serviços de apoio para problemas profissionais
- Baixo Salário
- Estrutura física escolar inadequada
- Falta de investimento nas formações em serviço
- Clima desfavorável no ambiente de trabalho

23.1. Caso queira, inclua um item que, na sua opinião, faltou no quadro acima:

---

24. Enumere abaixo, do mais para o menos importante (de 1 a 11) os fatores que você considera apontar para uma carreira docente bem sucedida. Sendo o mais importante o número 1 e o menos importante o número 11.

- Planejamento autônomo das aulas
- Bom desempenho e progresso dos alunos
- Boa organização do tempo de vida pessoal e profissional
- Melhor salário
- Titularidade (formação)
- Reconhecimento e valorização por parte dos alunos
- Reconhecimento e valorização por parte dos colegas
- Reconhecimento e valorização por parte da administração
- Reconhecimento e valorização por parte da sociedade
- Possibilidade de escolha nas opções profissionais (local e período de trabalho, quant. aulas, etc)
- Ascensão na carreira / função

24.1. Caso queira, inclua um item que, na sua opinião, faltou no quadro acima.

---

25. Descreva se você se considera bem-sucedido profissionalmente.

---

---

---

26. Considerando a régua do tempo abaixo representada, sinalize com um traço e nomeie, as marcas importantes de sua carreira desde o início até o ponto em que você está; coloque o ano de referência para cada marca, se quiser.

Início da Carreira Hoje

--	--	--	--	--

27. Onde e como projeta estar daqui a 5 anos?

---

---

28. Indique, de 0(zero) à 10(dez), o seu grau de sofrimento/frustração atual, em relação à sua carreira profissional. Sendo 0(zero) nenhum sofrimento e 10(dez) o maior grau de sofrimento: \_\_\_\_\_

29. Indique, de 0(zero) à 10(dez), o seu grau de prazer/satisfação atual, em relação à sua carreira profissional. Sendo 0(zero) nenhum prazer e 10(dez) o maior grau de prazer: \_\_\_\_\_

30. Escreva prontamente, na sua opinião, no mínimo 1 e no máximo 3 ações que poderiam melhorar as suas condições de trabalho docente na escola onde atua (SEDUC/Santos):

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

31. “Há na literatura especializada (Nóvoa, 1995), pesquisas referentes ao ciclo de carreira, comparando momentos desse ciclo: exploração, estabilização, diversificação, questionamento, serenidade, conservantismo e desinvestimento, às variadas carreiras e as diferenças entre carreiras a partir de estudos transversais. Esses estudos mostram que o profissional do magistério, uma vez iniciado o seu percurso na educação, primeiramente depara-se com um papel já preestabelecido e que deve ser exercido de acordo com as expectativas gerais da sociedade. Num segundo momento, já mais inserido no percurso profissional, desenvolve modos de ser e investir em sua própria capacitação, preocupado e motivado a melhor exercer seu papel educador. E por último, há um desinvestimento do profissional docente, cristalizando práticas e mostrando-se menos permeável às mudanças e inovações.” (STANO, 2005).

Você concorda com o trecho acima?  Não  Sim

32. Aponte, assinalando com um X, com qual ciclo você se identifica atualmente:

exploração estabilização diversificação questionamento

serenidade conservantismo desinvestimento

Essa pesquisa prevê uma segunda etapa, em que estaremos realizando entrevistas com professores sobre a carreira docente, para aprofundar os temas tratados nesse questionário. Futuramente, você teria interesse em participar dessa próxima etapa e gostaria de receber um contato de nossa equipe para verificar a sua disponibilidade?  Não  Sim

Caso afirmativo, deixe seus dados em lista anexa, tais como telefone, email ou outro, e horário preferencial para futuros contatos. Obrigada pela participação!

